

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

SABRINA CLAVÉ EUFRÁSIO

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO**  
À LUZ DAS INFORMAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

PORTO ALEGRE  
2021

SABRINA CLAVÉ EUFRÁSIO

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO  
À LUZ DAS INFORMAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Linha de pesquisa:** Informação e Sociedade.

**Orientador:** Prof. Dr. Rodrigo Silva  
Caxias de Sousa.

PORTO ALEGRE  
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-reitora: Profa. Dra. Patricia Pranke

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Direção: Profa. Dra. Ana Maria de Moura

Vice-direção: Profa. Dra. Vera Regina Schmitz

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Coordenador: Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros

Coordenador substituto: Prof. Dr. Moisés Rockemback

**CIP - Catalogação na Publicação**

Eufrásio, Sabrina Clavé

Práticas informacionais: um estudo netnográfico à luz das informações étnico-raciais / Sabrina Clavé Eufrásio. -- 2021.

154 f.

Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Práticas informacionais. 2. Informação étnico-racial. 3. Empoderamento racial. I. Silva Caxias de Sousa, Rodrigo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Saúde

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Prédio 22201

CEP 90.035-007 - Porto Alegre/RS

Telefone: (51) 3308-5123

E-mail: ppgcin@ufrgs.br

SABRINA CLAVÉ EUFRÁSIO

PRÁTICAS INFORMACIONAIS: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO  
À LUZ DAS INFORMAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 30 de novembro de 2021.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alba Cristina Couto dos Santos Salatino – PROEN/IFRS  
Membro titular externo

---

Prof. Dr. Erinaldo Dias Valério – FIC/UFG  
Membro titular externo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Heloísa Tavares de Figueiredo Lima – PPGCIN/UFRGS  
Membro titular interno

---

Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros – PPGCIN/UFRGS  
Membro suplente

---

Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa - PPGCIN/UFRGS  
Membro titular interno (Orientador)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por conseguir, em meio ao turbilhão da pandemia da Covid-19, entre perdas e ganhos, chegar até aqui.

Ao meu amor, amigo e companheiro, José Ivan Rodrigues dos Santos, que me apoiou e incentivou a continuar sempre! Muito obrigada por tudo mesmo!

À minha mãe, Ardié Clavé, que me ensinou a ter orgulho da minha cor e a reagir diante de atos racistas. Ao meu pai, Paulo Alberto Fortes Eufrásio (*in memoriam*), que sempre me apoiou em tudo, meu braço direito e esquerdo, e muita falta fez na fase do mestrado!

À minha irmã, Bruna Clavé Eufrásio, que trouxe ao mundo, neste ano, a minha primeira sobrinha, Briane, motivo de alegria em minha vida! Aos meus primos e primas, pela compreensão da minha ausência neste período, principalmente às minhas pupilas, Thamires, Leandra, Wagner, Camily e Lucas, e ao novo membro primo/afilhado, Samuelzinho.

Aos amigos da biblioteca do IFRS-Campus Canoas, Gabriela Godoy Corrêa, Flávio Augusto Pagarine Silva, Izaias Magalhães Quintana e Luiz Carlos dos Santos Vasconcellos, que seguraram as pontas na Biblioteca durante o meu afastamento e após o meu retorno ainda na fase final do Mestrado, muitíssimo obrigada, vocês são minha família!

A Olívia Pereira Tavares, minha mestra e doutoranda preferida, na qual me inspiro: obrigada, amiga, pelo apoio.

Agradeço também às alunas do IFRS-Campus Canoas, Maria Eduarda (Madu) Velasques e Naomi Silveira, jovens mulheres negras que me fizeram aceitar o desafio de levar a temática étnico-racial para a academia: minha admiração por vocês, guerreiras!

À bibliotecária do IFRS-Campus Porto Alegre, Suzinara da Rosa Feijó, pela disponibilidade da cooperação técnica neste período.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa, pela sua disponibilidade, atenção e paciência durante todos esses meses, compartilhando seus ensinamentos de forma brilhante. Minha eterna admiração e gratidão!

Aos professores do PPGCIN/UFRGS pelas aulas ministradas, presenciais e remotas, que contribuíram para esta pesquisa de forma direta ou indireta.

Aos professores componentes da banca de qualificação e defesa da dissertação, pela leitura atenciosa do meu trabalho e valiosas contribuições.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, através do edital de afastamento TAE n. 34/2019.

Adupé!

## RESUMO

Este estudo netnográfico, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, teve como objetivo compreender as práticas informacionais, com foco na informação étnico-racial, na comunidade do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” e sua relação com o empoderamento racial. Ao *corpus* de dados de 751 postagens foi aplicada a técnica de Análise de Conteúdo. Foram obtidas nove categorias: gênero, função, localidade, tema, forma de composição do conteúdo da postagem, práticas informacionais, fonte de origem da informação, tipo de mensagem da postagem e motivação. Como complemento da análise categorial, a partir do recorte dos temas racismo, Dia Internacional da Mulher, e relacionamento inter-racial, foram desenvolvidas interpretações discursivas fundamentadas na referência metodológica da análise do discurso, aplicada em 39 comentários. As práticas informacionais desenvolvidas no grupo são pautadas predominantemente pelo gênero masculino, membros do grupo e residentes no Brasil, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, além de membros residentes em outros países, tais como os do continente africano de língua portuguesa. A cultura negra através da música é o tema mais referenciado, tendo como a forma de composição do conteúdo das postagens compostas por imagem+link+texto. As publicações são compartilhadas de páginas públicas do Facebook ou produzidas diretamente no grupo. Foi identificado como motivação para tais práticas o engajamento social e interesse pela comunidade, com o compartilhamento e produção de mensagens caracterizadas como opinião, entre outros tipos, auxiliando seus membros na constituição do empoderamento racial. As práticas informacionais são caracterizadas pelas especificidades das temáticas relacionadas à informação étnico-racial. No tema racismo, as formações discursivas são filiadas aos sentimentos de empatia afetiva; no tema Dia Internacional da Mulher, as argumentações são pautadas principalmente na historicidade e no lugar da mulher negra em situações históricas; no tema relacionamento inter-racial, o debate se fundamenta principalmente na linguagem e ideologia, resultando em discussões entre membros. Enfim, na referida comunidade virtual do Facebook, a informação étnico-racial é produzida e compartilhada através da vivência do cotidiano.

**Palavras-chave:** práticas informacionais; informação étnico-racial; empoderamento racial.

## ABSTRACT

This netnographic study, with a qualitative approach and exploratory-descriptive character, aimed to understand informational practices, focusing on ethnic-racial information, in the Facebook community “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” and its relation to racial empowerment. The Content Analysis technique was applied to the data corpus of seven hundred and fifty-one posts, and nine categories were obtained: genre, function, location, theme, form of composition of the post content, informational practices, source of origin information, type of post message, and motivation. As a complement to the categorical analysis, based on the themes of racism, International Women's Day, and interracial relationships, discursive interpretations were developed based on the methodological reference of discourse analysis, applied in 39 comments. The informational practices developed in the group are predominantly guided by the male gender, members of the group and residents in Brazil, in the states of São Paulo, Rio de Janeiro and Rio Grande do Sul, in addition to members residing in other countries, such as those on the African continent. of Portuguese language. Among the themes identified in the posts, black culture through music is the most referenced, having as the form of composition of the content of the posts composed in a combined way by image+link+text. Posts are shared from public Facebook pages or produced directly in the group. Social engagement and interest in the community were identified as motivation for such practices, and messages characterized as opinion, among other types, were shared and produced, helping its members in the constitution of racial empowerment. The information practices are characterized by the specifics of the themes related to ethnic-racial information. With regard to discursive formations, we identified the following peculiarities: in the racism theme, they are associated with feelings of affective empathy; on the theme International Women's Day, the arguments are mainly based on historicity and the place of black women in historical situations; finally, in relation to the discourse on interracial relationships, the debate is mainly based on language and ideology, resulting in discussions among members. Finally, in the Facebook virtual community “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, ethnic-racial information is produced and shared through everyday life.

**Keywords:** information practices; ethnic-racial information; racial empowerment.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da comunidade até 26 de março de 2021 .....	30
Figura 2 – Capa da comunidade a partir de 27 março de 2021 .....	31
Figura 3 – Descrição do grupo .....	31
Figura 4 – Postagem com autoria do gênero masculino .....	65
Figura 5 – Postagem publicada por moderador .....	67
Figura 6 – Postagem publicada por membro residente em Angola.....	70
Figura 7 – Postagem tema Cultura negra .....	72
Figura 8 – Postagem composição combinada (IM+LI+TE) .....	74
Figura 9 – Postagem compartilhada na comunidade .....	76
Figura 10 – Postagem produzida na comunidade.....	78
Figura 11 – Postagem combinada (produção+compartilhamento).....	79
Figura 12 – Postagem fonte de origem Página pública do Facebook .....	82
Figura 13 – Postagem com tipo de mensagem Opinião.....	84
Figura 14 – Postagem motivação (ENS+INC).....	86
Figura 15 – Tipos de reações nas postagens.....	87
Figura 16 – Postagem com maior número de reações.....	88
Figura 17 – Postagem com maior número de comentários.....	90
Figura 18 – Postagem “Mulher negra denuncia racismo no supermercado” .....	94
Figura 19 – Postagem “Defina racismo” .....	98
Figura 20 – Postagem “Anarcha: a mulher negra que foi cobaia [...]” .....	102
Figura 21 – Postagem “Dia 8 de março está chegando.[...]” .....	106
Figura 22 – Postagem “Você sabe o que é Mulherismo Afrikana [...]” .....	110
Figura 23 – Postagem “Bom dia gente Preta!” .....	113
Figura 24 – “Quero fazer um DESABAFO após ver umas irmãs pretas [...]” .....	116
Figura 25 – Postagem “Você não pode pregar a união do nosso povo [...]” .....	121
Figura 26 – Postagem “O tempo empenhado aqui em dizer quem palmita [...]” ....	124

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Funções do administrador e moderador dos grupos no Facebook.....	32
Quadro 2 – Alterações na nomenclatura das categorias.....	54
Quadro 3 – Categorias e subcategorias emergidas .....	56
Quadro 4 – Transcrição do vídeo - "Mulher negra denuncia racismo no supermercado" .....	94
Quadro 5 – Comentários da postagem “Mulher negra denuncia racismo [...]” .....	96
Quadro 6 – Comentários da postagem “Defina racismo” .....	99
Quadro 7 – Comentários da postagem “Anarcha: a mulher negra que foi cobaia [...]” .....	104
Quadro 8 – Comentários da postagem “Dia 8 de março está chegando. [...]” .....	107
Quadro 9 – Transcrição do vídeo “Você sabe o que é Mulherismo Afrikana [...]” ...	110
Quadro 10 – Comentários da postagem “Você sabe o que é Mulherismo Afrikana [...]” .....	112
Quadro 11 – Comentários da postagem “Bom dia gente Preta!” .....	114
Quadro 12 – Comentários da postagem “Quero fazer um DESABAFO após ver [...]” .....	117
Quadro 13 – Comentários da postagem “Você não pode pregar a união do nosso povo [...]” .....	121
Quadro 14 – Comentários da postagem “O tempo empenhado aqui em dizer [...]” .....	124

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
AD	Análise de Discurso
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BLM	Black Lives Matter
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CI	Ciência da Informação
EIBNA	Encontro Internacional de Bibliotecárias(os) Negras(os) e Antirracistas
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
ENBNA	Encontro Nacional de Bibliotecárias(os) Negras(os) e Antirracistas
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ISIC	Information Seeking In Context
LISA	Library & Information Science Abstracts
MNU	Movimento Negro Unificado
MUCDR	Movimento Unificado contra a discriminação racial
NEABI	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
ONG	Organização Não Governamental
PNG	Portable Network Graphic
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESP	Universidade Estadual Paulista
WOS	Web of Science

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 DISCUSSÃO TEÓRICA</b> .....	<b>16</b>
2.1 INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL .....	16
2.2 DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS ÀS PRÁTICAS INFORMACIONAIS.....	33
2.2.1 Práticas Informacionais.....	36
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>53</b>
<b>4 RESULTADOS</b> .....	<b>63</b>
4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	63
4.2 ANÁLISE DE DISCURSO: INTERLOCUÇÕES A PARTIR DOS COMENTÁRIOS .....	91
4.2.1 Racismo.....	92
4.2.2 Dia Internacional da Mulher .....	105
4.2.3 Relacionamento inter-racial .....	114
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>126</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>131</b>
<b>APÊNDICE A – VARIAÇÕES DO TIPO DE MENSAGEM DA POSTAGEM</b> .....	<b>141</b>
<b>APÊNDICE B – FONTES PÚBLICAS COMPARTILHADAS NO GRUPO: PÁGINAS PÚBLICAS DO FACEBOOK</b> .....	<b>142</b>
<b>APÊNDICE C – FONTES PÚBLICAS COMPARTILHADAS: OUTROS GRUPOS DO FACEBOOK</b> .....	<b>145</b>
<b>APÊNDICE D - Composições das postagens do <i>corpus</i></b> .....	<b>146</b>
<b>ANEXO A – INTERAÇÕES DA PESQUISADORA NOS COMENTÁRIOS DA COMUNIDADE</b> .....	<b>150</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado pelas mudanças na rotina da população mundial devido à pandemia da Covid-19, resultando no aumento do acesso às redes sociais como alternativa de manter-se informado e em comunicação com o mundo.

Nesse contexto, a Internet se tornou um espaço de denúncia em relação às injustiças na sociedade, evidenciando a desigualdade racial e, conseqüentemente, ampliando a discussão acerca dessas questões. Os crimes contra homens negros como George Floyd, nos Estados Unidos, e José Alberto Freitas, conhecido como Beto Freitas, no Brasil, Rio Grande do Sul, ambos assassinados por policiais e seguranças brancos respectivamente, impulsionaram o debate nas redes sociais relacionados à violência contra o negro, racismo e desigualdade racial, dentre outros.

Ainda que o presente estudo não se pautar no conteúdo de informações publicizadas sobre as mortes mencionadas ou a violência da população negra, esses fatos foram decisivos para a proposta desta pesquisa na área da Ciência da Informação. As práticas informacionais que se constituem como alternativa de empoderamento de grupos excluídos têm-se edificado no âmbito das plataformas de redes sociais. Dessa maneira, a Internet torna-se um espaço de denúncia das injustiças na sociedade, evidenciando a desigualdade racial e, conseqüentemente, ampliando a discussão acerca das referidas questões.

As plataformas de redes sociais desempenham um papel importante na comunicação mediada por computador, sendo o Facebook a mais utilizada mundialmente (KEMP, 2020). As comunidades virtuais<sup>1</sup>, denominadas “grupos”, no Facebook, são constituídas por pessoas que se identificam com os temas abordados, permitindo que a informação seja capaz de transcender o *status quo* do conhecimento dos membros da comunidade. Segundo Demartini (2020), durante o mês de agosto de 2020, 120 milhões de brasileiros participaram de grupos ativos do Facebook.

A população negra brasileira (pretos e pardos) representa 55% da população do país, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). Em relação ao acesso à Internet, a pesquisa realizada em 2016 pelo Mundo Negro

---

<sup>1</sup> O recurso informacional em que são estabelecidas as comunidades virtuais é denominado de “grupo”, no Facebook. Nesta pesquisa, optamos por utilizar o termo “comunidades virtuais”, compreendendo-o, conforme Kozinets (2014, p. 17), como “um grupo de pessoas que compartilham de interação social, laços sociais e um formato, localização ou “espaço” interacional comum, ainda que, nesse caso, um “ciberespaço” virtual ou mediado pelo computador.”

(site com informações sobre a população negra), em parceria com a consultoria Zero ponto54, revelou que a grande maioria dos entrevistados utilizavam o Facebook como a principal fonte de informação pelo Smartphone, permanecendo conectados em média quatro horas diárias, principalmente à noite. Além disso, muitos entrevistados responderam participar das redes sociais específicas para negros e, se viessem a ser produtores digitais, abordariam a questão racial no seu canal (PEREIRA, 2016).

Uma das características circulantes em relação à população negra está articulada à homofobia racial (*racial homophily*), ou seja, preferência pela associação de indivíduos da mesma raça. (WIMMER; LEWIS, 2010). Em estudo aplicado em uma universidade norte-americana, os pesquisadores Wimmer e Lewis (2010) identificaram que entre negras/os afro-americanas/os e africanos, a homogeneidade racial nas redes sociais era maior que entre brancas/os, por exemplo. A justificativa das/os participantes negras/os para tal característica foi o fortalecimento no combate às ações discriminatórias nos Estados Unidos, pois juntos são fortes.

No Brasil, as comunidades virtuais com homogeneidade racial negra têm sido nomeadas como quilombo virtual (SANTOS; SILVA, 2019). O quilombo, desde os anos 1970, representa uma atitude individual ou coletiva promovida por instituições, em prol do fortalecimento da identidade negra e a resistência contra o racismo e a discriminação racial. (NASCIMENTO, 1985).

Nesse contexto, variados debates são socializados diariamente nas comunidades virtuais do Facebook. Destarte, citamos a comunidade virtual “VOCÊ É PRETO<sup>2</sup>? ENTÃO DEVE SABER! II”, com 12.400 membros negros, cuja finalidade é compartilhar informações da comunidade negra, relacionadas à discriminação racial cotidiana nos âmbitos jurídico, cultural, histórico, dentre outros, bem como reflexões acerca da história do continente africano, além de discussões ideológicas atuais.

Na Ciência da Informação, além dos paradigmas físico e cognitivo, encontramos o paradigma social, o qual nos traz possibilidades de analisar as práticas informacionais desenvolvidas por distintos sujeitos informacionais. Entretanto, ao explorarmos as produções da área, identificamos uma diminuta contribuição em relação aos grupos minoritários, isto é, aqueles excluídos historicamente dos direitos

---

<sup>2</sup> Embora o nome da comunidade adote o termo “preto”, para a escrita deste trabalho optamos pelo termo “negro”.

sociais. O período de maior produção científica<sup>3</sup>, relacionado às/aos negras/os, no âmbito internacional foi identificado entre os anos 2000 e 2009 e, no Brasil, o primeiro registro sobre a temática na CI foi no ano de 1988, conforme bases de dados *Library & Information Science Abstract* (LISA) e Base de dados em Ciência da Informação (BRAPCI), respectivamente. Esse levantamento demonstra a carência e a necessidade de ampliarmos o debate étnico-racial na Ciência da Informação.

Por outro lado, as pesquisas fundamentadas em práticas informacionais possuem abordagem alternativa crítica dos estudos de usuários, da qual transcendem métodos aplicados em comportamento informacional, incluindo, nas suas análises, o contexto social desse sujeito informacional. Dessa forma, o foco nas pesquisas dirigidas a grupos por vezes marginalizados da sociedade e esquecidos em estudos acadêmicos proporciona o conhecimento de como interagem com a informação, incluindo, nessas análises, aspectos sociais e culturais dos indivíduos.

Merecem destaque algumas pesquisas que impulsionaram o presente estudo, considerando uma pluralidade de ambientes e sujeitos informacionais, tais como prostitutas (SILVA, 2008), apenas gestantes (BARBOSA, 2017), população LGBTQIA+ (SILVA, 2019) e mulheres negras (MELLO, 2019), que acenam para a importância em estudar distintas práticas informacionais.

Dessa maneira, propusemos compreender, nessa pesquisa, a produção e o compartilhamento de informações étnico-raciais no grupo privado do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, a partir da análise das postagens e discursos manifestados. A decisão por essa comunidade ocorreu em virtude da riqueza na forma de interlocução entre os participantes do grupo, bem como pela produção e pelo compartilhamento das informações étnico-raciais.

Destarte, o problema de pesquisa se concentra em compreender como são caracterizadas as práticas informacionais efetivadas no grupo do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”.

Cabe destacar que o estudo qualitativo aqui proposto se justifica em relação a pelo menos quatro aspectos: pessoal, epistemológico, teórico e empírico. O primeiro, de caráter pessoal, em virtude de me constituir como pesquisadora negra no âmbito da Ciência da Informação. Se antes tínhamos acesso a raros livros sobre questões raciais, hoje conseguimos várias informações diariamente pela Internet, resgatadas

---

<sup>3</sup> Pesquisada nas bases de dados da Ciência da Informação no âmbito nacional, BRAPCI e internacional, LISA.

e/ou (re)construídas pelos próprios atores. Porém, algo que nos inquieta como pesquisadores, estando em uma era informacional, é identificar quais são as informações que circulam entre a comunidade negra e o quanto tais informações estão relacionadas ao empoderamento racial.

O segundo, de caráter epistemológico, amplia o escopo de investigações e intenciona proporcionar conhecimentos em relação às práticas informacionais da comunidade negra na Internet. É pertinente conhecer diferentes indivíduos informacionais, desvelando o quanto as informações articulam vieses que contribuem com a perspectiva do paradigma social da Ciência da Informação.

O terceiro aspecto possui caráter metodológico, em virtude de compor um desenho de pesquisa que permite uma ampliação de metodologias adotadas em estudos precedentes e que congrega, a partir de um processo exploratório, identificar o conteúdo e os discursos “circulantes” entre essa comunidade, além de compreender como são percebidas essas práticas e esses espaços de compartilhamento de informação como manifestações de empoderamento da comunidade negra.

Em relação aos aspectos teórico-conceituais, abordamos o conceito de informação étnico-racial na Ciência da Informação, bem como aspectos em torno das questões discutidas entre a comunidade negra, caracterizando esse espaço. O conceito de informação étnico-racial na Ciência da Informação, desenvolvido por Oliveira e Aquino (2012, p. 487), se dá pelo estudo etimológico das palavras constituintes. Dessa forma, a informação étnico-racial se refere a toda informação em qualquer suporte no qual apresenta “os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana”. A informação étnico-racial, assim, consagra-se como um elemento de empoderamento, que permite a quebra de paradigmas hegemônicos, libertando os grupos historicamente marginalizados da opressão.

Além disso, abordamos conceitos de práticas informacionais, compreendendo o processo desde os primeiros estudos de usuários até a inclusão do sujeito informacional no seu contexto social. Compreendendo a informação étnico-racial como fruto de práticas de produção e compartilhamento de informações, buscamos ultrapassar e redimensionar relações de poder fundamentadas na noção de raça.

Portanto, propomos nesta pesquisa, como objetivo geral, compreender as práticas informacionais, com foco na informação étnico-racial, na comunidade negra



“VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”. Dentre os objetivos específicos propomos:

- a) discutir a importância da informação étnico-racial como manifestações de empoderamento da comunidade negra;
- b) discutir as práticas informacionais de compartilhamento e produção das informações étnico-raciais na comunidade “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”;
- c) descrever como se constituem as práticas informacionais no grupo do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”;
- d) analisar as características da informação étnico-racial a partir do conteúdo das postagens;
- e) interpretar os discursos materializados nos comentários dos membros do grupo.

A **sistemática de apresentação** desta pesquisa está organizada entre discussão teórica, percurso metodológico, resultados e considerações finais. A seção **“Discussão teórica”** está dividida em duas subseções. Na primeira, intitulada **“Informação étnico-racial”**, apresentamos alguns conceitos e o panorama das pesquisas na Ciência da Informação na temática, além da caracterização da comunidade virtual “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”. Ainda na discussão teórica, na segunda subseção, denominada **“Dos estudos de usuários às práticas informacionais”**, apresentamos de forma cronológica o desenvolvimento das pesquisas desde estudos de usuários em Chicago até as práticas informacionais com ênfase do sujeito informacional. Nessa seção expomos também termos e conceitos relacionados às práticas informacionais, bem como estudos na Ciência da Informação. Na seção **“Percurso metodológico”** apresentamos definições metodológicas, tais como técnicas, procedimentos e instrumentos aplicados na pesquisa. A seção **“Resultados”** refere-se à exibição dividida em duas sessões: análise de conteúdo e análise de discurso. Finalizamos este trabalho com as **“considerações finais”**, em que desenvolvemos apontamentos da pesquisa no todo.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

A compreensão acerca da identificação de práticas informacionais como formas de empoderamento da comunidade negra norteia as discussões aqui estabelecidas. Tendo essa perspectiva como referência de organização desta seção, são apresentadas, neste espaço de escrita, as aproximações históricas e conceituais em relação ao objeto de estudo.

Na primeira subseção, investigaremos o conceito de informação étnico-racial e sua constituição a partir do entendimento de raça e etnia. Analogamente, vamos relacioná-la ao ambiente web.

Na segunda subseção, mostraremos e aprofundaremos o histórico dos estudos de usuários até as práticas informacionais, subdividindo-a em outros três subtópicos: no 2.2.1.1, estudamos os conceitos de produção, compartilhamento e uso da informação, no contexto de práticas informacionais; no segundo subtópico, 2.2.1.2, expomos os conceitos de sujeito informacional, bem como justificamos a opção pelo termo na pesquisa; por fim, no terceiro subtópico, 2.2.1.3, identificamos alguns estudos de práticas informacionais na literatura da área que, de alguma forma, se assemelham à nossa proposta.

### 2.1 INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Nesta subseção, abordamos o conceito de informação étnico-racial, caracterizamos a comunidade “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” e discutimos algumas questões raciais de atravessamento.

O termo informação étnico-racial está relacionado com três conceitos: raça, etnia e informação. O conceito de raça, conforme Munanga (2004, p.1), etimologicamente “vem do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie”. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar pessoas com características físicas comuns, recebendo diversas interpretações ao longo dos anos.

O conceito raça está atrelado ao contexto histórico, adaptando-se por conveniência da classe dominante, ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro entre plantas e animais, e após em seres humanos. (ALMEIDA, 2019).

Nesse sentido, relativizando o termo raça na conjuntura histórico-social, no século XV, com a chegada em novas terras, os europeus buscavam entender quem eram aqueles nativos (negros, ameríndios, melanésios, etc). Uma das explicações fornecidas por representantes da Igreja, a partir das escrituras, apontava os nativos como sendo também descendentes de Adão e afirmava que, por isso, deveriam ser catequizados, apagando a sua identidade cultural, considerando a cultura do branco o padrão. Contrariando a explicação dada pela Igreja, no século XVIII, no período Iluminista, filósofos fundam uma nova disciplina, a História Natural da Humanidade, transformada mais tarde em Biologia e Antropologia. Tais estudiosos dividem a espécie humana em três raças, de acordo com a cor da pele: branca, negra e amarela. No século XIX, acrescentou-se ao conceito raça critérios morfológicos tais como a forma do nariz, lábios, queixo e formato do crânio. (MUNANGA, 2004)

Dentro dessa distinção entre raças de acordo com a cor da pele, logo a raça branca seria considerada dominante e seus padrões culturais os únicos relevantes para a humanidade, ignorando outras culturas. Esse discurso pseudocientífico, conforme Munanga (1980), em conjunto com explicações religiosas serviu de justificativa para a escravidão.

A partir de estudos desenvolvidos na área da genética humana no século XX, com o cruzamento da cor da pele, características morfológicas e químicas (tipo sanguíneo, por exemplo), conclui-se que não é adequado para explicar a diversidade humana dividindo-a em raças estanques. Assim, segundo Munanga (2004), a classificação em raças vincula-se a questões ideológicas de poder e dominação.

Dessa maneira, o termo raça atualmente é utilizado por pesquisadores e militantes no sentido político contextualizado. Gomes (2005, p. 45) ressalta que, ao ser utilizado o termo raça, deve-se ter atenção ao contexto, pois nem sempre ele é utilizado para “falar da complexidade existente entre brancos e negros” em sua dimensão social e política. De fato, frequentemente acontece o oposto, sendo ainda utilizado, infelizmente, de forma racista, referindo-se ao conceito biológico de raças humanas e sua hierarquização.

A etnia, conforme Munanga (2004), está relacionada a cultura, religião e língua em comum de um povo. Já a identidade étnico-racial negra, de acordo com o autor, é uma identidade política e unificadora. Para Nilma Gomes (2017), a valorização da estética e corporeidade negra explicita a identidade, sendo construída de forma

coletiva, expressa sua negritude e cultura, compreendida também como identidade política.

Seguindo essa perspectiva, é possível introduzirmos o conceito de informação étnico-racial, que na Ciência da Informação foi desenvolvido e apresentado no Brasil por Oliveira e Aquino (2012), como:

[...] todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, tendo o potencial de produzir conhecimento sobre os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana (OLIVEIRA; AQUINO, 2012, p. 487).

Partindo para os estudos realizados sobre informação étnico-racial na Ciência da Informação, realizamos uma pesquisa na base Scopus e Web of Science (WOS) no dia 10 de janeiro de 2021, com o termo “ethnic-racial information”. Ambas recuperaram apenas um artigo em língua inglesa, porém na área da Psicologia, datado de 2019. Na Library & Information Science Abstract (LISA), a pesquisa não recuperou registros. O que encontramos na literatura internacional na Ciência da Informação (CI) são os termos *racial information* (4514) e *ethnic information* (7915, de 1972 a 2020). Na Base de dados em Ciência da Informação (BRAPCI), na mesma data, foram recuperados apenas 16 registros.

Dessa maneira, é possível inferir que o termo informação étnico-racial possui predominância no Brasil, desvelando que a articulação entre etnia e raça se constitui em preocupação condicionada por aspectos geográficos e interesse da comunidade acadêmica. Em relação ao número de registros recuperados nas bases internacionais com os termos “*racial information*” e “*ethnic information*”, e mesmo na base nacional, embora a população negra represente 55% da população brasileira (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021), ainda assim a desigualdade social entre brancos e negros é representada nesses dados estatísticos em relação à produção científica sobre informação étnico-racial.

Na literatura das áreas de Biblioteconomia/Ciência da Informação pouco se discute sobre a importância, o valor e o uso da informação de interesse de grupos específicos (negros, indígenas, deficientes, homossexuais, mulheres, dentre outros). Em geral, nessas áreas, aborda-se a informação para o público como um todo, mas raramente especificam-se os grupos a que se destina essa informação. (SILVA; AQUINO, 2014, p. 204).

Em decorrência da lei de cotas, houve o aumento de discentes negros nas universidades federais, trazendo para a academia assuntos relacionados ao seu povo, conforme Silva e Aquino (2014, p. 204): “Na ciência, os africanos e os afrodescendentes foram estudados como objetos, sem serem considerados sujeitos capazes de produzir informação e gerar conhecimento sobre sua história e cultura”. Esse cenário está sendo possível de ser alterado a partir de novos debates e olhares diante do indivíduo.

Dessa forma, a inclusão da informação étnico-racial e questões que vinculam a temática no currículo dos programas de Pós-graduação em Ciência da Informação e graduação em Biblioteconomia é uma luta constante, sendo refletida na produção científica da área. Nessa perspectiva, o projeto de decolonialidade, desenvolvido no âmbito acadêmico, está relacionado aos “processos de resistência e a luta pela reexistência das populações afrodiaspóricas”. (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p. 9). Para o profissional da informação, o conhecimento das relações étnico-raciais permite incluir nos serviços oferecidos aos grupos historicamente excluídos. (SILVA; VALÉRIO, 2018)

A visibilidade dada a estudos que discutam aspectos relativos à informação étnico-racial e grupos historicamente discriminados nos últimos anos na Ciência da Informação torna-se evidente ao conhecer a premiação no ano de 2021 da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB) em três Grupos de Trabalho (GT's). No GT 1 - Estudos históricos e epistemológicos em Ciência da Informação, categoria “trabalhos completos”, o 1º lugar foi da pesquisa intitulada “As tranças resistem: feminismo negro e epistemologia social a partir de trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação”, de autoria de Leyde Klebia Rodrigues da Silva (UFBA) e Gustavo Silva Saldanha (IBICT-UFRJ). No GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento, categoria “trabalhos completos”, a pesquisa “Olhares Decoloniais em Organização do Conhecimento: Uma Análise das Publicações do Periódico Knowledge Organization (2000-2020)”, dos autores Dirnele Carneiro Garcez (UFSC) e Rodrigo de Sales (UFSC), conquistou a 1ª colocação. E no GT especial do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) 2021, o trabalho completo “Mediação da informação consciente para um protagonismo social Negro no

ENANCIB”, escrito por Felipe Arthur Cordeiro Alves (UFPB) e Gisele Rocha Côrtes (UFPB) recebeu o primeiro lugar.

Os eventos científicos na área da Ciência da Informação no Brasil refletem o interesse de inclusão da pauta étnico-racial por parte dos pesquisadores. Assim, destacamos dois em especial, ambos recentes, ocorridos no ano de 2021. O primeiro evento é o II Encontro Nacional de Bibliotecárias(os) Negras(os) e Antirracistas (II ENBNA) e o I Encontro Internacional de Bibliotecárias(os) Negras(os) e Antirracistas (I EIBNA), ocorrido no ano de 2021, sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Paula Meneses Alves (PPGCI/UFMG), Ma. Franciéle Carneiro Garcês da Silva (PPGCI/UFMG) e pelo Prof. Dr. Rubens Alves da Silva (PPGCI/UFMG), com o tema “Os desafios de bibliotecárias(os) negras(os) e antirracistas para a construção de uma sociedade antirracista, emancipada e comprometida com a diversidade”.

O segundo evento enfatizado, também no ano de 2021, ocorreu durante o encerramento do XXI Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (XXI ENANCIB), quando foi aprovado um novo Grupo de Trabalho (GT) intitulado “Informação, estudos étnico-raciais, gênero e diversidades”. Essas ações são reflexos da luta pela inclusão da temática étnico-racial por parte de pesquisadoras/es negras/os e não negras/os no combate às desigualdades sociais em grupos historicamente marginalizados, auxiliando no fortalecimento da identidade desses sujeitos.

Dessarte, é importante ressaltar na área da Ciência da Informação a contribuição de pesquisadoras/es negras/os e não negras/os em prol da inclusão da informação étnico-racial. Nesse aspecto, citamos a professora e pesquisadora Dra. Mirian Albuquerque Aquino, da UFPB que desenvolveu o conceito em conjunto com o Prof. Dr. Henry Poncio Cruz de Oliveira, em 2012, servindo de referência para trabalhos acadêmicos na temática (OLIVEIRA; AQUINO, 2012)

No que tange ao compartilhamento e produção da informação étnico-racial na Web, as práticas informacionais proporcionam à comunidade negra conhecer a história do seu povo, que por muitos séculos foi apagada pela colonialidade.

Entendemos também que a informação étnico-racial, mesmo sendo uma delimitação orientada pelo campo da CI, é um conceito que se fundamenta na historicidade dos elementos e que, de alguma forma, o constituem. Afinal, todo conceito tem uma história, ou seja, há um problema situado na história e na sociedade, que exige até certo ponto

uma conceituação específica para que possa caminhar para a sua resolução. (OLIVEIRA; AQUINO, 2012, p. 483).

As práticas informacionais na Web ultrapassam barreiras sociais e culturais, permitindo que a informação alcance todas as camadas segregacionais da sociedade. Conforme apresentado por Pereira (2016) em sua pesquisa, a maioria da população negra acessa a Internet através do smartphone no período noturno. No momento em que a população negra tem acesso, produz e compartilha informações acerca de questões relativas ao povo negro, entendemos que tais ações se constituem em dispositivos para conhecer, denunciar, mitigar o racismo sofrido e empoderar a comunidade.

Oliveira e Aquino (2012, p. 487) concluem que a informação étnico-racial aplicada à afrodescendência é todo produto informacional, físico ou digital, “produzido com vistas à promoção da igualdade racial na sociedade brasileira e, dentre outras políticas, que tratam e regulam as relações étnicas baseadas na diversidade humana”, proporcionando ao ambiente acadêmico a discussão referente aos assuntos na temática.

Alguns tipos de fontes de informação que arrolam e custodiam essas informações na Web são: sites e websites, portais, blogs, microblogs, YouTube, redes sociais, grupos de discussões ou comunidades virtuais e buscadores e metabuscadores. (SILVA; AQUINO, 2014).

Partindo dessa perspectiva conceitual, merecem destaque as manifestações empíricas identificadas na comunidade do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”. Nela, podemos identificar uma série de peculiaridades em relação a assuntos discutidos, materializados através de práticas de produção, compartilhamento e uso da informação naquele ambiente virtual. Nesse contexto, como profissionais da Ciência da Informação, precisamos estar atentos a essas temáticas, considerando o ambiente virtual como espaço para tais práticas informacionais

A informação étnico-racial, além de gerar conhecimento, constitui um elemento de empoderamento, em um processo construído através da apropriação da informação<sup>4</sup> (KLEBA; WENDAUSEN, 2009). De acordo com as autoras o empoderamento:

---

<sup>4</sup> Optamos por não discutir sobre apropriação da informação, pois não é a proposta do estudo.

Envolve práticas não tradicionais de aprendizagem e ensino que desenvolvam uma consciência crítica. No empoderamento, processo e produto se imbricam, sofrendo assim interferência do contexto ecológico social, cujos lucros não podem ser somente mensurados em termos de metas concretas, mas em relação a sentimentos, conhecimentos, motivações etc. (KLEBA; WENDAUSEN, 2009, p. 736).

Como visto até aqui, a informação étnico-racial apresenta um papel importante na constituição do sujeito informacional negra/o, atuando como alternativa de empoderamento, tanto individual quanto coletivo, em uma sociedade marcada por desigualdades que se fundamentam em aspectos que interseccionam gênero, raça e classe. Ter informação permite o desenvolvimento do pensamento crítico, possibilitando o discernimento de ações racistas e a discriminação racial nas suas distintas facetas.

A importância de se discutir distintas práticas informacionais que intencionam o empoderamento em virtude de ações de solidariedade por integrantes da comunidade negra surge na forma de preocupações que devem ser compartilhadas pela comunidade científica da Ciência da Informação.

Dessa forma, o termo empoderamento é aplicado em diferentes áreas do conhecimento (dentre as quais sociologia, filosofia, educação, psicologia e saúde pública) e grupos sociais (negros, pessoas LGBTQIA+, feministas, pessoas com deficiência, trabalhadores) na luta pela igualdade de seus direitos.

Conforme Silva e Aquino (2014, p. 205), “Alguns autores afirmam que ter mais informação é ter mais conhecimento e ter conhecimento é ter poder, que pode ser exercido sobre o outro”. A informação, quando compreendida e assimilada pelo indivíduo em um contexto, gera o conhecimento, além de servir como base para torná-lo crítico diante das injustiças sociais.

Segundo Baquero (2006, p. 77), a “tradição do empowerment” está relacionada a dois momentos históricos. O primeiro é no século XVI, com a Reforma Protestante e a invenção da Imprensa por Gutenberg, quando a Bíblia – até então disponível em manuscritos em latim encontrados apenas em igrejas e conventos – passa a ser traduzida na língua e dialetos locais, permitindo a cada um realizar a sua leitura e interpretação, tornando-se “sujeito da sua religiosidade”. O segundo momento ocorre na segunda metade do século XX, quando a categoria “empowerment” passa a ser



utilizada nos movimentos sociais e emancipatórios nos EUA, visando construir a autoestima de seus integrantes na “igualdade de relações”.

No Brasil, Paulo Freire desenvolveu o conceito em 1980, sendo entendido na perspectiva de classe social como estratégia para a transformação da sociedade por meio da educação emancipatória. (FREIRE, 1983; MEIRELLES; INGRASSIA, 2006). O educador, nesse sentido, oportuniza que os educandos sejam capazes de ampliar suas aptidões e recursos para “ganhar poder sobre suas vidas”. (BAQUERO, 2012, p. 179).

Por outro lado, Romano (2002) e Baquero (2012) ressaltam que ocorreu uma apropriação indevida do termo pelo neoliberalismo, inclusive sendo incluído na agenda de grandes bancos, como o Banco Mundial, o que pode ser analisado de forma concreta em Alsop e Heinsohn (2005). Segundo essa lógica, permanecem as práticas dominantes e assistencialistas nas relações de obtenção de recursos financeiros e financiamentos, dando continuidade às injustas hierarquias da pirâmide do poder, ou seja, um falso empoderamento.

Na literatura e no movimento negro, há o debate entre os termos empoderamento e apoderamento, por ser neologismo de “empowerment”. A justificativa é utilizar o termo empoderamento no sentido de “dar poder”, seria como estar repetindo os mesmos erros da hegemonia. Porém, Meirelles e Ingrassia (2006) realizam uma análise semântica sobre as duas expressões, as quais possuem o mesmo radical (poder) e o mesmo sufixo (mento), o que remete ao sentido de movimento, sendo diferenciado somente o prefixo:

Etimologicamente, o prefixo “a” denota a ideia de tomar posse de algo, mas isto não significa que este tenha o controle sobre o mesmo, ou seja, denota uma posição de passividade, de alguém que traz para si algo pronto, definido a priori. Por sua vez, a prefixação “em” nos remete a uma interpretação bem diversa da anterior, colocando o sujeito em uma posição ativa, onde ele, a partir de suas ações é parte de um processo em permanente construção (MEIRELLES; INGRASSIA, 2006, p.3).

Em resumo, a ação de apoderar-se seria apropriar-se de algo pronto; no caso, poderia ser o conhecimento (informação interpretada por alguém) ou o próprio poder (no pensamento hegemônico). Ao contrário, empoderar-se envolve o indivíduo na construção de algo, como o sujeito da ação. Essa interpretação retoma o contexto inicial do termo, quando a Bíblia, traduzida e impressa em diferentes dialetos,

proporcionou à comunidade interpretar os escritos e não apenas tomar como verdade aquilo que era transmitido pelos sacerdotes. Para este estudo, optamos pelo termo empoderamento, a partir das definições apresentadas nesta subseção.

Empoderamento como libertação e independência – “libertação individual a serviço da libertação coletiva”. (BERTH, 2019, p. 25). Nesse sentido, a autora se refere à libertação coletiva, o distanciamento das práticas dominantes de reprodução do racismo, como, por exemplo, questões estéticas brancas e padrões de vida, em uma cultura do branqueamento.

Para Joice Berth (2019), no conceito de empoderamento, o entendimento de “dar poder” estaria se referindo a que, a partir da posse do conhecimento da sua cultura e do seu potencial, o povo negro tem o poder de atuar em busca de seus direitos na sociedade.

Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive em prol da coletividade. (BERTH, 2019, p. 21).

Dessa maneira, empoderar-se, mesmo quando há estímulo externo, é um processo interno, individual, com a “tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades” que serão a base para enfrentar o racismo na sociedade. (BERTH, 2019, p. 25).

Gerar o pensamento crítico a partir do conhecimento de informações que por anos foram apagadas sobre a valorização do povo negro é uma ação de empoderamento, resgatando a sua memória, os grandes feitos da ancestralidade negra, fortalecendo-se.

Em síntese, a partir da literatura apresentada até o momento, compreendemos que o empoderamento é considerado uma forma de emancipar-se, tornar-se livre, independente, dar poder sobre as suas vidas, tornar-se capaz, apropriar-se da informação, auxiliando os demais membros da comunidade a desenvolver habilidades para que possam obter poder por seus próprios esforços.

Empoderamento, conforme apresentado por Pereira, Santos e Barreira (2016), é a possibilidade de se possuir os próprios recursos financeiros e reconstruir, através da informação, as suas realidades. As pesquisadoras iniciam o artigo apresentando a

experiência das mulheres africanas em Moçambique com a prática de interajuda/ajuda mútua, que consiste em uma espécie de associação na qual é possível adquirir empréstimos e realizar poupança, sem depender de bancos comerciais, gerando renda e autonomia. No decorrer do artigo é apresentado o contexto das comunidades quilombolas maranhenses, em sua grande maioria lideradas por mulheres e caracterizadas pela pobreza e pelo descaso do governo.

As autoras compreendem que, nesse caso, a mediação da informação na CI poderia ocorrer ouvindo os membros das comunidades quilombolas maranhenses e apresentando a experiência moçambicana, podendo ser adaptada e tornar-se uma possibilidade de emancipação financeira dessas comunidades.

Essas práticas, ao articularem processos de emancipação nas comunidades, viabilizam formas de empoderamento individual e coletivo, pelo fato de que todos serão beneficiados em razão da socialização de informações. O empoderamento também pode ser visto aqui como uma forma de conquistar novos espaços sociais. Como relatado pelas autoras, essas mulheres recebem visibilidade pelo seu trabalho, conquistando cargos políticos no país. Na literatura internacional, encontramos alguns artigos com a abordagem da política do empoderamento negro, nessa mesma lógica apresentada.

A análise da vida da escritora negra Carolina de Jesus, através de sua obra “Quarto de despejo”, realizada por Costa e Farias (2021), revela o empoderamento da autora por meio da sua relação com a informação. De acordo com o estudo, o primeiro contato com a informação foi identificado através da oralidade, ouvindo as histórias de vida e escravidão contadas por seu avô. Na fase adulta, através da leitura de livros e jornais que encontrava em seu trabalho de recicladora, formou o seu pensamento crítico, percebendo a desigualdade social e a falta de interesse governamental pela sua comunidade, que carecia da infraestrutura que ela visualizava em outros locais. Dessa maneira, Carolina de Jesus tornou-se mediadora da informação em seu meio, alertando sobre a violência doméstica e os danos causados pelo alcoolismo.

Em outro estudo sobre o movimento Black Lives Matter (BML) iniciado em 2013 nos EUA, é possível encontrar, segundo Castillo-Montoya, Abreu e Abad (2019), a pedagogia racialmente libertadora, adaptada da base em Paulo Freire, educação libertadora. Nessa abordagem, a pedagogia racialmente libertadora apresenta quatro ideias principais: afirmação e sustentação da cultura; aumento da consciência crítica;

centralização de relacionamentos e emoções e ênfase na interseccionalidade. Partindo desse princípio, a partir da análise realizada nas contas de Twitter e Facebook do movimento BML, os autores constataram que as informações geradas ou compartilhadas naquele espaço cumpriam o papel da pedagogia racialmente libertadora de informar a população negra, elevando sua consciência crítica, encorajando a atos de libertação negra, não aceitando a opressão até então sofrida por essa população.

A informação, assim, se consagra como elemento de empoderamento, na medida em que propicia aos atores sociais tradicionalmente marginalizados conhecerem o seu poder de ação na sociedade. Nesse processo de constituição do sujeito informacional crítico, a sua percepção em relação aos aspectos social, político, econômico e cultural é alterada de forma positiva. O empoderamento se inicia de forma individual e gradualmente toma proporções coletivas, gerando comunidades empoderadas.

Todas as políticas públicas e direitos no combate à discriminação racial foram conquistas de lutas nas quais negros e negras se uniram contra a opressão. A resistência negra é representada a partir das comunidades quilombolas desde o período colonial além do Movimento Negro Unificado e a imprensa negra no Brasil, a luta contra o Apartheid na África do Sul, o Partido Panteras Negras nos Estados Unidos e, hoje, se consolida através das redes sociais.

Os quilombos<sup>5</sup> surgiram no Brasil e em outras partes da América Latina no período colonial, abrigando negras/os escravizadas/os fugidas/os que não aceitavam as condições desumanas a que estavam sujeitos, sendo um espaço de resistência no qual organizavam-se em sociedade, produzindo o seu sustento e abrigando os que lhe recorriam. Não sabemos quantas comunidades quilombolas foram constituídas nesse período. No entanto, cronistas registraram com detalhes a derrota dos quilombos. O fim da escravidão no Brasil, após três séculos, teve, além da influência internacional, a organização e a resistência do povo negro nas comunidades quilombolas, na Revolta dos Malês e na Confederação Abolicionista (CARNEIRO, 1958; MOURA, 1981).

---

<sup>5</sup> Quilombo foi definido pelo Rei de Portugal em 1740 como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos, levantados nem se achem pilões neles” (MOURA, 2020, p. 21).

Porém, as lutas pela igualdade nos direitos civis como cidadão continuaram. A segregação racial, implementada na África do Sul<sup>6</sup> e nos Estados Unidos<sup>7</sup>, provocou situações em que o povo negro, após longo período de assujeitamento, une-se através de lideranças como Nelson Mandela e Martin Luther King. Destaca-se, nos Estados Unidos, a atuação da mulher negra contra a segregação racial, aplicando boicotes em ônibus, realizando manifestações e outras mobilizações políticas nos anos 1950. Entre essas mulheres, citamos: Rosa Parks, Jo Ann Gibson Robinson e Ella Baker. Em 1964, foi sancionada a lei que acabava a segregação racial no país. (KARNAL *et al.*, 2007).

Não sendo as leis, até hoje, fatores determinantes para a solução do racismo naquela sociedade, surgiu, em 1968, o Partido Panteras Negras (Black Panthers), diante da violência em Oakland, Califórnia, tanto por parte dos policiais quanto dos moradores criminosos do bairro contra idosos, mulheres e crianças. A partir da defesa da luta armada, mulheres foram agregadas ao movimento. Vários projetos sociais foram implantados, a exemplo de escolas para crianças negras, atendendo às necessidades específicas desses estudantes. Não havia mais leis norte-americanas que permitissem a segregação, mas o tratamento a negras e negros era e permanece diferenciado até os dias atuais. (HARRIS, 2001).

No Brasil, o Movimento Negro<sup>8</sup> surge enquanto instituições de negros e negras no combate ao racismo. No ano de 1970, com a exclusão da questão racial nos currículos escolares, todos os movimentos se unem fundando o Movimento Unificado Contra a Discriminação étnico-racial (MUCDR), que posteriormente é renomeado como Movimento Negro Unificado (MNU). A temática étnico-racial nos currículos escolares somente retornou no ano de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases), sendo ampliada no ano de 2003 com a Lei 10.639 (GOMES, 2017).

---

<sup>6</sup> Na África do Sul, o Apartheid (1948-1992) instituído por lei, caracterizou-se pela segregação racial no país, privilegiando brancos (minoridade no país) e excluindo negros (maioria) de espaços públicos, educação e postos de trabalho.

<sup>7</sup> Nos Estados Unidos, as leis de segregação haviam terminado em 1868, ressurgindo em 1870 no Tennessee, com promulgação da lei contra casamento inter-racial, seguido de leis (1875) estabelecendo o distanciamento entre negros e brancos em trens, estações ferroviárias, barbearias, o enterro em cemitérios separados e afastados, entre outras. Em 1885, a maioria das escolas também foram segregadas racialmente, seguindo-se de outras segregações legais até 1964 (KARNAL, *et al.* 2007).

<sup>8</sup> Movimento negro considerado como organização e articulação realizada por negras e negros na luta contra o racismo, incluindo grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos, também considerado como grande ator político e educador (GOMES, 2017).

É importante lembrar que todos esses eventos são ações de negras e negros unidos no combate ao racismo. Hoje, com o avanço da tecnologia, atos racistas, como aqueles contra George Floyd, José Alberto Freitas e tantas outras denúncias, já não ficam limitados a uma pequena região. Com a Internet e redes sociais não existe distância como barreira.

A homogeneidade racial em redes sociais norte-americanas foi confirmada a partir de pesquisas como as de Wimmer e Lewis (2010), que identificaram esta peculiaridade no Facebook de universitários norte-americanos. Os autores concluíram que estudantes negras/os, afro-americanas/os e africanas/os criavam elos nas redes sociais e presencialmente, como forma de fortalecimento enquanto grupo, em uma sociedade que os discrimina pela cor.

No Brasil, as comunidades organizadas nas redes sociais por coletivos negros, têm recebido o nome de “quilombo virtual”, buscando o fortalecimento da identidade racial enquanto negra/o em uma sociedade que nega a existência da discriminação racial (SANTOS; SILVA, 2019). Nesse sentido, as comunidades virtuais permitem o encontro entre membros de forma virtual, auxiliando em trocas informacionais de acordo com a temática definida pelos administradores.

Para Abdias Nascimento (2019, p. 289), “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”. O Quilombo de hoje não está localizado em um local fixo e sim no ciberespaço, utilizando deste espaço para a continuidade da luta antirracista, com caráter ideológico (NASCIMENTO, 1985).

O termo “quilombo virtual” remete a várias significações, como espaço de resistência. Nessa linha, Santos e Silva (2019) compreendem o quilombo virtual como uma alternativa para a “(re) territorialização” do povo negro desterritorializado, ou seja, do resgate da cultura, modos de vida, organização social dentre outros que foram apagados durante o período de diáspora africana pelo opressor.

[...] as comunidades virtuais do século XXI, formuladas pelos coletivos negros e presentes nas redes sociais, constituem-se como quilombos virtuais, cuja finalidade é fortalecer a ideia de identidade e de autonomia (empoderamento) que reverbera até hoje naqueles que tiveram esses sentimentos arrancados de si por 3 (três) séculos. Sendo assim, as comunidades virtuais caracterizadas pela capacidade de desterritorialização tornam-se espaços de fortalecimento e regaste das diversas culturas negras espalhadas pelo Brasil. (SANTOS; SILVA, 2019, p. 81)

Dessarte, as comunidades virtuais, constituídas com a predominância de membros negras/os, tornam-se um ambiente de resistência, ocorrendo nelas trocas de informações a partir de experiências vivenciadas em relação ao racismo, além de propiciar o resgate histórico e cultural afrodiaspórico. Consequentemente, o fortalecimento da autoestima identitária fortalece negras/os no combate a opressões do sistema hegemônico. Cabe ressaltarmos que, embora o acesso à Internet não seja uma realidade para todos, ainda assim abrange grande número da população negra.

O quilombo virtual efetiva-se na Web de tal forma que uma diversidade de assuntos pode ser identificada, podendo estar pautados em discussões relativas a gênero e raça, tais como racismo, mulherismo africana, feminismo negro, pan-africanismo, e relacionamento inter-racial.

Nesse sentido, a comunidade virtual “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” é um grupo privado, ou seja, o usuário depende de aprovação do moderador para nele ingressar, sendo necessário responder a algumas perguntas pré-definidas. Criado em 30 de maio de 2020, com o nome “Negro do saber”, teve sua denominação alterada no dia 3 de junho de 2020. O título e sua descrição estão em caixa alta, o que podemos interpretar como uma forma de chamar a atenção de seus aspirantes (Figura 1). Em 15 de fevereiro de 2021, possuía 12.400 membros, número que oscila. No dia 3 de março, por exemplo, a comunidade informava 13.000 membros.

A capa do grupo também apresentou variações no período de análise. A primeira que registramos apresenta uma imagem a qual remete ao período pré-histórico, conforme se pode ver na figura 1. A sua descrição é exibida no lado esquerdo da figura, a qual esclarece que: “Esta ilustração retrata a cidade de ‘Ile Ife’ em toda a sua antiga glória. Uma das mais antigas civilizações africanas e berço da tribo lorubá, fundada por volta de 500 anos antes de Cristo”. Essa descrição e imagem indicam o conhecimento do administrador e moderadores em relação à história do povo africano, ao trazer para a capa do grupo o reino Ile-Ife, capital sagrada dos lorubás, representando histórias do povo africano além do aprofundamento da crença desse povo, o que raramente é encontrado em livros didáticos. Além disso, constava no canto inferior da imagem a informação “Grupo de Negro Saber”.

Figura 1 – Capa da comunidade até 26 de março de 2021



## VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A capa da comunidade (figura 1) foi alterada em 27 de março de 2021, sendo inseridas novas informações, conforme figura 2. Nessa nova versão, foi incluído o nome da comunidade virtual do Facebook (sem a indicação de ser o segundo). Em uma pesquisa nos grupos do Facebook, identificamos a comunidade também ativa “Você é preto? Então deve saber!” (sem o algarismo segundo) com 7.600 membros e, em comum, alguns administradores e moderadores. Ambas as comunidades estão vinculadas à página pública do Facebook intitulada “Negro Saber”, informação indicada também na capa. Essas constatações indicam que pode ser uma reformulação do grupo anterior.

Ainda em relação à nova capa da página “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” sobreposta à imagem, foram acrescentados o termo Pan-africanismo e uma breve explicação: “é um movimento de caráter social, filosófico e político, que busca defender os direitos do povo africano através da construção de um único Estado soberano.”

Tais reformulações na capa podem ser reflexo das discussões no grupo ou ainda das alternâncias do administrador e moderadores, influenciando na direção da comunidade.



Figura 2 – Capa da comunidade a partir de 27 março de 2021



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O objetivo do grupo é o compartilhamento de informações do “mundo afro” (figura 3). Ademais, a utilização da expressão “de pretos para pretos” evidencia que o objetivo é uma comunidade de negras/os, buscando o fortalecimento identitário através da informação étnico-racial em um ambiente de auxílio mútuo.

Figura 3 – Descrição do grupo

### Sobre

GRUPO CRIADO COM A FINALIDADE DE COMPARTILHAMENTOS DE INFORMAÇÕES DO 'MUNDO AFRO'. AQUI É, DE PRETOS PARA PRETOS. SEJAM TODOS BEM VINDOS! ●●●●

Ver menos

- 🔒 **Privado**  
 Somente membros podem ver quem está no grupo e o que publicam.
- 👁️ **Visível**  
 Qualquer pessoa pode encontrar o grupo
- 👤 **Grupo Aprendizado social**

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A gerência do grupo do Facebook é constituída pelo administrador (geralmente é o idealizador da comunidade ou indicado por ele) e moderadores (indicados pelo administrador). Como forma de ilustrar as funções do administrador e moderador, apresentamos o quadro 1, conforme informações obtidas da plataforma.

Quadro 1 – Funções do administrador e moderador dos grupos no Facebook

	<b>Administrador</b>	<b>Moderador</b>
Torna outro membro um administrador ou moderador	✓	
Remover um administrador ou um moderador	✓	
Gerenciar as configurações do grupo (por exemplo, alterar o nome, a foto da capa ou as configurações de privacidade do grupo)	✓	
Aprovar ou negar solicitações de entrada	✓	✓
Aprovar ou negar publicações no grupo	✓	✓
Remover publicações e comentários em publicações	✓	✓
Remover e bloquear pessoas do grupo	✓	✓
Fixar ou desafixar uma publicação	✓	✓

Fonte: (GRUPOS, 2021).

Na comunidade “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, o administrador ou o moderador adiciona ou recusa a solicitação de novos membros. Um questionário deve ser respondido pelo aspirante como pré-requisito, permitindo ao analista verificar se o candidato está alinhado aos objetivos do grupo.

Além disso, membros que agirem de maneira insatisfatória segundo os moderadores e/ou administrador, podem ser removidos ou bloqueados a qualquer momento da sua permanência na comunidade. Outra maneira de filtrar as informações na comunidade é a análise de todas as postagens submetidas pelos membros antes de serem divulgadas a todos.

Ainda em relação à função do administrador e moderadores do grupo, Paschoal (2014) analisou o seu papel nas redes sociais, resultando na classificação de três papéis sociointeracionais:

[...] o de **produtor** (aquele que posta as mensagens, imagens ou links), o de **debatedor** (o que tenta promover a discussão e instiga o debate), o de **interlocutor** (o que responde ou comenta os posts) e o de **animador** (que tenta estimular a participação dos outros integrantes). (PASCHOAL, 2014, p.28, grifo nosso)

Merece destaque que, até o início do mês de dezembro de 2020, as postagens não dependiam do aval do moderador ou administrador. Porém, algumas não cumpriam o objetivo proposto pelo grupo, de fornecer informações acerca da comunidade negra em diferentes aspectos, respeitando a cultura e tradições. Por isso, havia muitas críticas e saídas do grupo por insatisfação quanto a essas publicações.

A partir dos comentários compartilhados no grupo, percebemos que a crítica estava em algumas postagens que reproduziam cenas fortes de violência contra negras/os ou com teor depreciativo da história do povo negro. Ainda em relação aos comentários e postagens no grupo, identificamos que os membros e gerenciadores denominam a comunidade como um Quilombo, ocorrendo entre alguns membros o tratamento de irmandade.

Durante o mês de março de 2021, a administração da comunidade foi alternada entre dois homens negros, enquanto a moderação estava constituída por três negras e quatro negros. Observamos que o número de moderadores aumentou de três para cinco a partir de janeiro de 2021 em virtude do aumento de postagens diárias no grupo, que necessitam de avaliação prévia antes de torná-las públicas.

Em relação aos membros do grupo, há uma diversidade cultural, contando com a presença de diferentes nacionalidades, principalmente países africanos. Há, ainda, uma variedade em relação a classe social, grau de escolaridade e crenças, enriquecendo as postagens e comentários no grupo, resultando em diferentes pontos de vista em conformidade com o seu contexto social.

Diante do exposto, encerramos, nesse espaço, a discussão teórica acerca da informação étnico-racial. Na subseção seguinte, expomos pontos relacionados às práticas informacionais.

## 2.2 DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS ÀS PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Nesta subseção, apresentamos as primeiras pesquisas em estudos de usuários centrados na abordagem tradicional a partir da década de 1930, passando, em seguida, para uma abordagem alternativa de estudos de usuários, nomeada como

comportamento informacional. Julgamos imprescindível a apresentação dessa evolução, em virtude de compreendermos que cada abordagem possui as suas características próprias, podendo se inter-relacionar de acordo com o estudo pretendido.

O início dos estudos de usuários da informação, pautados na abordagem tradicional, foi marcado pelo levantamento de necessidades e uso da informação, desenvolvido na área da Biblioteconomia, tendo como referência a perspectiva funcionalista de viés quantitativo.

Na década de 1930, a chegada de imigrantes na cidade de Chicago, EUA, despertou nos pesquisadores da Biblioteconomia o interesse em conhecer as necessidades informacionais, ou seja, os gostos de leitura desses novos moradores. Iniciou-se um levantamento demográfico nesse sentido, desenvolvido pela Escola de Chicago. (CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015).

A década seguinte, marcada pela Guerra Fria, foi destacada pelo período de estudos de uso da informação científica por técnicos e cientistas – primeiro na Inglaterra e, na sequência, nos Estados Unidos, na União Soviética e em outros países. A informação, nesse cenário mundial, foi considerada como parte do planejamento estratégico. Como resultado, muitos documentos foram gerados e, em 1948, a Royal Society de Londres refletiu sobre estudos voltados para o seu uso, sendo um marco para a informação científica na área da CI. (ARAÚJO, 2013; BERTI; ARAÚJO, 2017).

As pesquisas nesse período são, na maioria, de caráter quantitativo, numa perspectiva funcionalista, centradas nos sistemas de informação e na sua eficiência, sendo desconsiderados os aspectos pessoais do usuário. Nesse contexto, a informação era pensada de forma objetiva. O foco desses estudos pautava-se na identificação das fontes de informação e buscas nos sistemas, não incluindo a motivação para a ação dos usuários. (ARAÚJO, 2013; FERREIRA, 1995; ROCHA; GANDRA, 2018).

A abordagem tradicional apresenta algumas inconsistências, conforme mencionado por Gandra e Duarte (2013), tais como o fato dos usuários incluídos nos primeiros estudos estarem vinculados a uma biblioteca específica ou a alguma área do conhecimento, sendo caracterizadas como “pesquisas com foco na hegemonia”. Além disso, não era considerado, nos estudos, o fato do conhecimento não ser absoluto, isto é, do conhecimento variar de acordo com o indivíduo e o seu contexto.

Além da abordagem tradicional, os estudos de usuários apresentam pesquisas centradas na abordagem alternativa, também conhecida como abordagem cognitiva, com foco nas necessidades, busca e uso da informação, denominadas como “estudos de comportamento informacional”. Os seus primeiros trabalhos foram desenvolvidos na década de 1960, consolidando-se na década seguinte. (SAVOLAINEN, 2007).

Na conferência Information Seeking In Context (ISIC), em 1996, Thomas Wilson iniciou a sua palestra propondo o uso do termo *information behaviour* como o mais apropriado, indo além de estudos de usuários nas bibliotecas e das suas necessidades:

Os termos usados pelos pesquisadores têm variado ao longo dos anos, desde “pesquisas em bibliotecas” até “necessidades do usuário” e “comportamento de busca de informações”. No entanto, tendo pelo menos popularizado (se não introduzido) o último termo em um artigo em 1981, eu agora sinto que o termo “comportamento de informação” é mais apropriado, uma vez que outros comportamentos, além de busca, podem ser adotados. (WILSON, 1997 *apud* GONZÁLEZ-TERUEL, 2018, p. 482, tradução nossa).

Essa suposta pertinência defendida foi determinante para a ampliação das perspectivas dos estudos de usuários, por ampliar o entendimento sobre a eficácia dos sistemas e concentrar as análises nos indivíduos que empreendiam ações para sanar suas necessidades de informação. Essa perspectiva, fundamentada na noção de anomalias relativas ao estado do conhecimento de indivíduos ou de gaps, permitiu que outros olhares de cunho teórico e metodológico incidissem sobre os estudos, fruto da rearticulação de pesquisadores da Ciência da Informação. Dessa forma, a incorporação e a utilização do conceito de comportamento informacional foram fundamentais, tendo em vista que o:

Comportamento informacional é a totalidade do comportamento humano em relação às fontes e canais de informação, incluindo a busca de informações ativas e passivas e o uso da informação. Assim, inclui comunicação presencial, bem como ao acesso passivo a informações, por exemplo, assistir TV, sem qualquer intenção de agir sobre as informações dadas. (WILSON, 2000, p. 50, tradução nossa).

Especificamente em relação aos estudos de comportamento informacional, o foco deixa de ser o sistema e passa a ser o usuário da informação. Alguns modelos, pelos fluxos ou diagramas, foram desenvolvidos como forma de compreender o

processo desde a identificação da necessidade informacional, busca e uso da informação, até a satisfação, ou não, do resultado. (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007). Por ser um estudo interdisciplinar, tendo como referência conhecimentos principalmente da psicologia, são identificados, para análise, os aspectos cognitivos, emocionais e contextuais do usuário. (GASQUE; COSTA, 2010).

Porém, nesses estudos não são incluídos, tradicionalmente, o contexto no qual o indivíduo está inserido e a possibilidade de contemplar essa carência está sendo abordada nos estudos de práticas informacionais, conforme apresentado na subseção seguinte.

### **2.2.1 Práticas Informacionais**

Nesta subseção, apresentamos a relação entre comportamento informacional e práticas informacionais, realizando um comparativo entre essas abordagens e explicitando, posteriormente, os termos relacionados às práticas informacionais. Dividimos esta subseção em três subtópicos: no primeiro, abordamos os conceitos de compartilhamento e produção da informação em práticas informacionais na Internet; no segundo momento, tratamos do sujeito informacional; em seguida, finalizamos com a exposição de alguns trabalhos, os quais julgamos pertinentes para a nossa proposta.

Estudos sobre práticas informacionais, na literatura internacional, foram identificados a partir da década de 1990. Porém, conforme apresentado por Araújo (2016), foi apenas em 1996, a partir do primeiro Congresso *Information Seeking in Context* (ISIC), na Finlândia, que esses estudos ganharam visibilidade, sendo definida a distinção entre os estudos de uso, o comportamento informacional e as práticas informacionais.

Um dos mais importantes saldos das discussões promovidas neste evento, e em outros fóruns, foi a estabilização da compreensão de que é possível verificar, historicamente, a existência de três grandes modelos de estudos de usuários da informação: um primeiro, normalmente denominado “estudos de uso”, presente no campo desde suas origens nos anos de 1930, que teve maior presença nas décadas de 1960 e 1970, e que continua sendo realizado contemporaneamente; um segundo, denominado estudos de ‘comportamento informacional’, que surgiu no final da década de 1970, teve seu auge nos anos 1980, e que também continua sendo muito utilizado; e um terceiro, surgido em meados da década de 1990 e

voltado para o estudo das “práticas informacionais. (ARAÚJO, 2016, p. 62).

A partir desse apurado histórico de estudos de usuários da informação, e observando as suas distinções, Berti e Araújo (2017) reforçam que práticas informacionais surgem para suprir uma lacuna de estudos voltados para o social, enriquecendo e diversificando os que têm os usuários como objeto de pesquisa.

Araújo (2016) apresenta no seu artigo, de forma empírica, sob um mesmo objeto de pesquisa, as três abordagens de estudos de usuários, quais sejam: a tradicional (aspectos físicos – o uso da informação), a alternativa (aspectos cognitivos – o comportamento informacional) e a alternativa crítica (aspectos sociais – as práticas informacionais). O seu estudo, realizado em uma biblioteca de casa de apoio para pacientes em tratamento médico de uma doença específica, nos permite compreender empiricamente a distinção e a aplicação acerca das três abordagens.

Na abordagem tradicional, foi aplicado um questionário com dados, tais como sexo, idade, estado civil, escolaridade e cidade de procedência, sendo feita uma entrevista para o aprofundamento das questões levantadas no questionário. O produto foram tabelas e análises com preferências do tipo de materiais lidos (revistas, livros, dentre outros meios) e motivação para a leitura, relacionando-os com os dados sociodemográficos. Os resultados são apresentados de forma quantitativa e se constituem em bases informacionais para o desenvolvimento desta unidade de informação.

Na abordagem alternativa, o autor aplicou entrevista com os usuários, analisando todo o processo que compete ao comportamento informacional, desde o fator propulsor até a satisfação (ou não) da necessidade identificada. O resultado identificado nessa abordagem foi que a leitura é utilizada como prática para diminuir o sofrimento provocado pela condição da enfermidade dos respondentes. Faltou, porém, a compreensão da relação social entre os pacientes, além de compreender mais sobre esse sujeito informacional nas suas práticas, o que foi possível na abordagem alternativa crítica.

Dessa maneira, o autor aplicou o estudo em práticas informacionais a partir de entrevista aos sujeitos informacionais da pesquisa e análise etnográfica, buscando aspectos de vivência cotidiana dos entrevistados e das suas interações com outros pacientes, profissionais da saúde e familiares. Nessa abordagem, foi possível identificar: a relação do entrevistado como sujeito informacional, que tem as suas

limitações em virtude da sua doença; a relação do seu contexto com a leitura, possuindo diferentes representações, e que a sociabilidade entre os pacientes influenciava as escolhas e preferências por leitura, em virtude de conversas, observações e indicações.

A abordagem das práticas informacionais se consagra como alternativa crítica ao conceito de comportamento informacional, conforme Rocha, Duarte e Paula (2017). Enquanto nos estudos de comportamento informacional existe uma atenção redobrada sobre os aspectos cognitivos do sujeito, nos estudos de práticas informacionais o foco se volta à comunidade social, isto é, consideramos o sujeito informacional como inserido em uma sociedade na qual ele interage e reflete sobre as suas práticas. Para Talja (1997), estudar o comportamento informacional, a partir da abordagem cognitiva, implica em não permitir a inclusão da análise do contexto sociocultural do sujeito informacional. Dessa maneira, esse estudo ultrapassa a perspectiva do cognitivismo, incluindo o contexto social do indivíduo informacional na produção e compartilhamento de informações. Por essa razão, de complementaridade das duas abordagens, Savolainen (2007) apresenta práticas informacionais como um conceito guarda-chuva dos estudos da informação.

Essa característica de crítica ao comportamento informacional se justifica pelas ideias do construcionismo social, que serviram de base para a elaboração dos estudos das práticas informacionais. (DUARTE, 2017; SAVOLAINEN, 2007). Outra característica vinda do construcionismo social é a compreensão de que “o conhecimento humano é algo construído tão somente no coletivo” (DUARTE, 2017). Em suma, em práticas informacionais, o sujeito informacional pode passar pelos processos abordados em comportamento informacional (necessidade de informação, busca e uso), porém, esse processo está relacionado ao contexto social do sujeito informacional.

Além do construcionismo, Araújo (2020) ressalta que, na construção da teoria de práticas informacionais, o coletivismo<sup>9</sup> e construtivismo<sup>10</sup> (GASQUE; COSTA, 2010) também são identificados por alguns autores, relacionando-os com abordagens como etnometodologia, interacionismo simbólico e a sociologia compreensiva. A

---

<sup>9</sup> No coletivismo o sujeito informacional não é observado de forma individual e sim a partir do seu coletivo.

<sup>10</sup> No construtivismo social, o conhecimento é gerado a partir das interações do sujeito informacional com o seu meio.



semelhança entre eles está na integração entre informação e sujeito na sociedade. Em virtude de tal integração, alguns termos da sociologia, tais como *habitus*, modo de vida, ordem das coisas, comunidade de prática, dentre outros, são utilizados nos estudos de práticas informacionais. Esses conceitos aplicados a partir da referida abordagem auxiliam o pesquisador na compreensão do sujeito informacional inserido em uma sociedade e de que as suas práticas informacionais cotidianas estão relacionadas com o seu meio, podendo atingir tanto o âmbito individual, quanto o coletivo (FERREIRA, 1995).

Assim, foi a partir dessas novas abordagens que o conceito de 'práticas informacionais' conquistou um espaço como alternativa crítica, que visa, além de superar o conceito de 'comportamento informacional', superar o engessamento e o isolamento das abordagens tradicionais e alternativas. Nesse sentido, a interação do usuário com a informação está baseada em um contexto social e histórico, e as "práticas informacionais representam a busca por informação pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que compreendem os usuários e a informação em espaços diferentes, independentes, porém recíprocos. (BERTI; ARAÚJO, 2017, p. 395).

Dessarte, a prática informacional atribui um papel central aos aspectos sociais e culturais, fatores que condicionam a busca de informações, e dedica atenção especial aos processos de compartilhamento de informações. Ela abrange os processos de busca, pesquisa e uso de informações, incluindo comunicação formal e informal (SAVOLAINEN, 2007). Essa é uma abordagem alternativa crítica de estudos de usuários, em que a informação contempla os aspectos físicos, cognitivos e sociais, indo além da ideia de comportamento informacional, já que considera o contexto do indivíduo na sociedade e as repercussões de tais processos e as suas articulações na sociedade (BERTI; ARAÚJO, 2017).

Os estudos de práticas informacionais possuem caráter interdisciplinar por natureza, relacionando-se com outras áreas do conhecimento. Savolainen (2007), tomando como base a análise dos artigos publicados a partir de 1970, não encontrou no estudo apresentado uma definição dominante para práticas informacionais, supondo que uma das razões poderia ser o cuidado dos pesquisadores da área em não limitar as atividades que abarcam esses estudos, deixando-as abertas para novas áreas do conhecimento. Dessa maneira, os conceitos são baseados em ideias que fundamentam as disciplinas relacionadas.

O exercício de olhar o micro (fatores humanos, pessoais, individuais) para compreender o macrosocial, em práticas informacionais, é sugerido por Berti e Araújo (2017, p. 396). Tal olhar implica considerar o significado de uma mesma informação, variando de um indivíduo a outro, de acordo com o seu contexto de vida, sua vivência, ou seja, “a significação subjetiva do comportamento de outras pessoas para um ator (pessoa) é determinada por sua experiência pessoal passada, bem como pelos seus significados interiorizados, culturalmente definidos” (FERREIRA, 1995). Aplicando tal raciocínio às postagens produzidas e compartilhadas nas redes sociais, uma mesma notícia pode receber diferentes interpretações, de acordo com quem está interagindo com a informação.

Nessa perspectiva, o indivíduo a ser estudado não necessariamente está incluído em uma instituição acadêmica ou biblioteca, mas em qualquer ambiente social. (PINTO; ARAÚJO, 2019). O indivíduo, em diferentes momentos, busca informação para variadas situações da sua vida cotidiana, o que pode ser visualizado em pesquisas relacionando o sujeito e a informação na Web, tais como as práticas informacionais no contexto da pandemia da Covid-19. (GOULART; MUÑOZ, 2020; VALERIM; SOUSA, 2020). Relativo aos estudos mencionados que se concentram em práticas informacionais, percebemos a informação vinculada ao cotidiano do sujeito. Dessa maneira, compreende-se que:

Toda prática social é uma prática informacional – expressão esta que se refere aos mecanismos mediante os quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização. (MARTELETO, 1995, p.4).

Trazemos, ainda, o conceito de *práxis*, que se relaciona com a transformação social pelas práticas cotidianas do sujeito informacional em determinado contexto.

Do ponto de vista da "práxis informacional", parte-se do pressuposto de que toda ação prática relacionada com a produção, o armazenamento, a manipulação, a busca, a transferência, a avaliação e o uso da informação ocorrem dentro de um contexto social que se mantém em alguma relação ainda não especificada com essa ação prática. (SAVOLAINEN, 2007, p. 124, tradução nossa).

Ao assumirmos essa lacuna nessa linha de inteligência, que coaduna ação prática e as relações conjunturais, é necessário destacar que uma pluralidade de

práticas sociais em relação às comunidades negras necessita ser desvelada e fundamentada na informação como alternativa de desconstrução das relações de poder na sociedade.

Diante da literatura revisada, percebemos que os termos “estudos de usuários”, “comportamento informacional” e “práticas informacionais” continuam sendo usados e aplicados nas diferentes pesquisas em Ciência da Informação, com foco teórico-metodológico ampliado e aplicado a inusitados problemas que conformam a realidade. Para esta pesquisa, optamos pela abordagem alternativa crítica aplicada às práticas informacionais, entendendo que a informação é uma das formas de constituição da identidade do sujeito informacional na sociedade.

Considerando que as práticas informacionais estão alicerçadas em relações sociais que imbricam aspectos culturais, econômicos e ideológicos, é compreensível que sejam modificadas de acordo com o avanço de novas tecnologias da informação, como é o caso das redes sociais.

Diante desse cenário, no qual assume inquestionável importância a troca de informações em sites de redes sociais virtuais, tais sites tornam-se grande oportunidade de pesquisa no campo da Ciência da Informação – CI, em especial na subárea de estudos de usos e usuários da informação, para se entender as ações e práticas informacionais dos sujeitos no contexto virtual, investigando comunidades virtuais e temas discutidos online. (CRUZ, 2018, p. 72).

O Congresso *The Information Seeking in Context* (ISIC), evento específico de estudos da informação, teve a última edição ocorrida em setembro de 2020, de forma *on-line*, devido à pandemia, organizado pelo departamento de Ciência da Informação da Universidade de Pretória, África do Sul. A partir da análise de algumas apresentações disponíveis nessa última edição, percebemos vários estudos aplicados no ambiente informacional Web.

Considerando que as práticas informacionais incluem a produção e o compartilhamento de informações, na subseção seguinte apresentaremos esses conceitos aplicados em comunidades virtuais, buscando, dessa forma, a aproximação com o objeto empírico.

#### 2.2.1.1 Produção e compartilhamento de informações pela comunidade

Os conceitos aqui apresentados justificam-se em razão de que o fenômeno a ser estudado se pauta, empiricamente, em práticas informacionais balizadas por tais preceitos teóricos. Nessa subseção, apresentamos e problematizamos os conceitos de produção, compartilhamento e uso de informações, os relacionando a uma comunidade negra no Facebook.

Uma das características das comunidades virtuais ou grupos do Facebook consiste em serem dinâmicas e interativas, proporcionando aos sujeitos informacionais possibilidades de uso, compartilhamento e produção de informações sobre determinados temas. Desse modo, pessoas em contextos semelhantes envolvendo, por exemplo, questões raciais, culturais, políticas, profissionais, institucionais, dentre outras, reúnem-se nos grupos formados, ocorrendo uma certa categorização por afinidades, buscando e trocando informações de forma colaborativa. (AWAN; AMEEN; SOROYA, 2019).

Nesse sentido, o Facebook e as suas comunidades virtuais podem ser considerados fontes de informação. A informação na Internet é apresentada em diferentes recursos digitais: texto, imagem, som, vídeo ou como fruto da concatenação dessas hipermídias, quando há dois ou mais recursos. Já as fontes (as quais devem ser analisadas de forma criteriosa pelos sujeitos informacionais, a fim de evitar informações falsas) podem ser, no Facebook: jornalísticas, produzidas por cidadãos comuns, sites educacionais, dentre outras. (CERIGATTO; CASARIN, 2017; SILVA, 2018).

Em conformidade com Bunderson e Sutcliffe (2002), o compartilhamento de informações envolve “tentativas conscientes e deliberadas”, por parte dos membros do grupo, em trocar informações relacionadas a determinado assunto e manter uns aos outros informados. Esse compartilhamento consiste na disponibilização de informações, produzidas ou encontradas a outras pessoas. Quando realizado em comunidades virtuais, deve estar de acordo com as regras do grupo, bem como acrescentar conhecimento aos membros, de tal forma que, em alguns grupos virtuais, para evitar expor conteúdo não adequado aos objetivos daquela comunidade, todas as postagens primeiro são analisadas pelos seus administradores e só após aprovação são tornadas públicas.

No grupo “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, inicialmente, todos os compartilhamentos de postagens eram inseridos livremente, porém, insatisfações e desentendimentos foram gerados por causa de postagens fora do contexto da

comunidade, o que levou ao seu abandono por alguns membros. Por isso, a observação constante do grupo pelo seu administrador se torna essencial, conforme Mansour (2020).

As motivações para o compartilhamento de informação variam de acordo com o indivíduo e contexto do ambiente virtual. De acordo com Oh (2012), adaptado em Syn e Oh (2015), há pelo menos dez fatores de motivação para o compartilhamento de informações nas redes sociais: prazer, eficácia, aprendizagem, ganho pessoal, altruísmo, empatia, interesse pela comunidade, engajamento social, reputação e reciprocidade. Na pesquisa realizada pelas referidas autoras, foram aplicados questionários on-line aos membros das redes sociais do Facebook e Twitter, os quais foram respondidos, a partir da escala Likert, sobre os seus níveis de concordância ou discordância com afirmações sobre as motivações para os compartilhamentos. Foi identificado, assim, que a aprendizagem é a maior razão para os usuários compartilharem informações. A seguir, apresentamos, de forma detalhada, cada um dos fatores de motivação, conforme Syn e Oh (2015):

- a) altruísmo – à medida que o sujeito informacional se familiariza com a participação nas redes sociais e com ela contribui, ele dispõe de tempo e esforço para fornecer informações para outros, sem qualquer expectativa de benefícios;
- b) aprendizagem – quando o sujeito informacional aprende e é informado de novidades;
- c) eficácia – quando o sujeito informacional acredita que é capaz de encontrar informações que outros possam gostar ou achar úteis;
- d) empatia – quando o sujeito informacional observa que membros em uma comunidade estão com dificuldade em encontrar informações, ele se sente motivado, pela empatia, para ajudar estas pessoas;
- e) engajamento social – o sujeito informacional gosta de estar conectado com outras pessoas e percebe essa interação no grupo virtual;
- f) ganho pessoal – quando o sujeito informacional percebe algum tipo de benefício pessoal por compartilhar informações com a comunidade;
- g) interesse pela comunidade – quando o sujeito informacional se torna motivado pelos objetivos e valores do grupo virtual e, portanto, participa ativamente, interagindo constantemente;
- h) prazer – quando o sujeito informacional se diverte ao participar e contribuir

nas comunidades de redes sociais;

- i) reciprocidade – quando o sujeito informacional recebe o apoio ou a ajuda de pessoas na comunidade, retribui o favor a outras pessoas, como parte de uma rede de apoio, contribuindo, fornecendo informações, compartilhando links e interagindo com postagens;
- j) reputação – quando o sujeito informacional valoriza inconscientemente o sentimento de fama, desejo de popularidade e respeito entre as pessoas nas redes sociais, o que se relaciona também à autoestima.

A produção da informação, nos grupos virtuais, está relacionada com a elaboração intelectual do conhecimento do sujeito informacional, tanto em novas postagens quanto em respostas a indagações ou publicações compartilhadas por outros membros da comunidade virtual (SYN; OH, 2015; MANSOUR, 2020; SAVOLAINEN, 2020).

O uso da informação adquirida nas comunidades implica compreender o contexto no qual se insere o sujeito informacional, considerando potenciais formas de transformação individual e coletiva. Nesse sentido, o uso da informação é visto como um processo que parte da interação com o indivíduo a partir do seu contexto, sendo transformada e compartilhada com o coletivo. Empiricamente, em relação ao estudo aqui desenvolvido, a informação obtida de outras fontes informacionais e compartilhadas na comunidade fundamenta-se como uma das ações que preponderam entre a comunidade.

Ao considerarmos o contexto mencionado, conforme a abordagem social, é necessário apontarmos para o protagonismo dos sujeitos informacionais que engendram as mencionadas práticas informacionais. Em razão de tais considerações, o tópico a seguir discute a distinção entre usuário e sujeito da informação.

#### 2.2.1.2 Sujeito informacional: o protagonismo em práticas sociais coletivas

As práticas sociais ocorrem em práticas informacionais, ao se considerar que o sujeito informacional se encontra em uma sociedade e a comunicação formal e informal está presente no processo de informações cotidianas. Para este estudo, optamos por utilizar o termo sujeito informacional, adequando-o à Ciência da

Informação, tendo o foco no fenômeno informacional como constituição da identidade do indivíduo.

O termo sujeito informacional passa a ser utilizado na Ciência da Informação em substituição ao termo usuário, que se assemelha a um indivíduo passivo, ao contrário da ideia que acompanha a teoria de práticas informacionais, em que o sujeito interage com a informação. Na pesquisa de Carmo e Araújo (2020) sobre o resgate do uso do termo “sujeito informacional” em artigos publicados nos periódicos científicos ibero-americanos do campo da Ciência da Informação, o primeiro artigo resgatado no portal de periódicos Capes é da autoria de Rendón-Rojas e García-Cervantes (2012).

No artigo *Death of the user: reconceptualizing subjects, objects, and their relations*, Day (2011) justifica os motivos pelos quais o termo usuário não se constitui como o mais adequado para a compreensão dos fenômenos da Ciência da Informação. De acordo com o autor, "Os sujeitos e os objetos significativos na Ciência da Informação precisam ser explicados em termos de suas estruturas socioculturais *a priori*, bem como seus efeitos intersomáticos" (DAY, 2011, p. 79, tradução nossa. Nessa lógica, entre o sujeito e o objeto deve haver a mediação em ambos os sentidos, de tal forma que não sejam analisados individualmente.

Dessa maneira, e em conformidade com Carmo e Araújo (2020, p. 16), o termo sujeito informacional surge “para buscar solucionar uma angústia científica e teórica”, uma vez que contempla os estudos em uma perspectiva social. Os autores entendem que a realização de pesquisas, segundo essa abordagem, requer considerar análises do contexto social e cultural na interação do sujeito com a informação.

O termo sujeito informacional, porém, tem maior número de estudos na literatura estrangeira. No Brasil, a maioria das produções denomina aquele que se relaciona com a informação como “usuário da informação”, o que se deve à herança dos primeiros estudos na área de Biblioteconomia. O campo dedicado ao estudo dos sujeitos informacionais vem recebendo uma ampliação no Brasil, tendo como principal motivo a perspectiva de unir, nas pesquisas, o caráter individual e coletivo do comportamento dos usuários, bem como a sua inserção nos contextos socioculturais. (ARAÚJO, 2013).

Por sujeito informacional entende-se um sujeito social que manifesta a sua subjetividade através do estabelecimento de identidades e

percursos informacionais na web. Ele é visto como um sujeito social pragmático, uma vez que constrói suas relações pela via da linguagem e do compartilhamento de significados. Tal fenômeno marca a passagem de um usuário passivo em busca de recursos que atendam às suas necessidades de informação para um sujeito ativo e dinamizador dos fluxos informacionais. (ASSIS; MOURA, 2013, p. 86).

O termo sujeito informacional é oriundo de duas áreas: sujeito, das Ciências Humanas e Sociais, e Informação, da Ciência da Informação. (ARAÚJO, 2013). Os principais modelos de estudo sobre o Sujeito no campo das Ciências Humanas e Sociais são o Positivismo e as suas variantes (Funcionalismo e Behaviorismo), além da Perspectiva Crítica (Filosofia Hegeliana e abordagem arqueológica de Foucault) e os enfoques na Fenomenologia e Hermenêutica (Interacionismo Simbólico e Etnometodologia). A Informação, por sua vez, é interpretada, na Ciência da Informação (CI), a partir de três dimensões, as quais coincidem com os paradigmas da área: físico, cognitivo e social (CAPURRO, 2003).

Conjugando as contribuições dos diferentes autores, é possível concluir então que o primeiro conceito de informação na CI é mais restrito e está vinculado à sua **dimensão material, física**, sendo o fenômeno estudado a partir de uma perspectiva quantitativa e positivista. Nos anos seguintes, tomou corpo um conceito um pouco mais amplo voltado para a **dimensão cognitiva**, sendo informação algo associado à interação entre dados (aquilo que existe materialmente) e conhecimento (aquilo que está na mente dos sujeitos), e seu estudo relacionado à identificação de significados, interpretações. Por fim, as tendências contemporâneas implicam um grau maior de complexidade e abstração, com a inserção da informação no escopo da ação humana e no âmbito de **contextos socioculturais** concretos. (ARAÚJO, 2013, grifo nosso).

É prudente destacar o estudo de Targino *et al.* (2019), no qual é apresentada a noção de sujeito informacional como indivíduo-pesquisador da área de Ciência da Informação, destacando a sua relação de responsabilidade como produtor de informação científica, ao desenvolver a sua pesquisa de forma ética, moral e empática. Além disso, há os sujeitos informacionais com conhecimento tácito (conhecimento adquirido ao longo da vida pela sua experiência e práticas cotidianas, sendo esse conhecimento difícil de expressar) e sujeitos informacionais, com conhecimento explícito (conhecimento formal, fácil de expressar).

Da mesma maneira, o sujeito informacional empírico, ao compartilhar informações, também cumpre com a sua responsabilidade social na comunidade



virtual, realizando-a de forma empática (quando se coloca no lugar do outro); de forma moral (quando, mesmo sabendo que o conteúdo não será aceito por todos, compartilha, pois está preso àquela crença como única) e de forma ética (quando age com liberdade de forma subjetiva, mantendo a empatia como aliada). O sujeito com conhecimento tácito “detém o conhecimento para si” enquanto o sujeito com o conhecimento explícito “compartilha o seu conhecimento”. Em relação ao estudo aqui proposto, esse compartilhamento se caracteriza como uma das práticas informacionais realizadas por indivíduos pertencentes à comunidade, aquilombando-se virtualmente, desvelando manifestações de resistência, empoderamento e contradições, a partir de rearticulação de informações que denotam responsabilidade do grupo em relação à sociedade.

A responsabilidade social, segundo Targino *et al.* (2019, p. 274), é cobrada pela sociedade: “o sujeito responsável está mais preocupado com o juízo de valor que a sociedade fará dele, uma vez que deverá dar conta do que lhe foi confiado”. Destarte, pressupomos que o sujeito informacional da comunidade virtual também possua essa percepção de cobrança em relação ao compartilhamento, uso e produção de informações.

Day (2011) argumenta que desejo e necessidade formam o sujeito que tenta se posicionar dentro de culturas e normas sociais. Esse posicionamento envolve a mediação entre dois ou mais indivíduos e a expressão de desejo pessoal como alternativa de transformação e relativização de relações de poder.

Por vezes, o sujeito informacional faz uso da informação para transformar o seu contexto individual. Araújo (2016) identificou que os sujeitos informacionais, como pacientes em um hospital, ao entrarem em contato com a leitura esquecem, por instantes, da sua enfermidade, pois redirecionam o foco, permitindo momentos de despreocupação. Da mesma forma, quando se apropria da informação, o sujeito informacional tem a possibilidade de transformar a sua realidade e construir a sua identidade. (RENDÓN-ROJAS; GARCÍA-CERVANTES, 2012). A informação, nesse sentido, permite desenvolver o conhecimento relacionado às condições de vida do sujeito e, conseqüentemente, modificar a conjuntura política, econômica e social.

A atribuição do qualificador “informacional” aos sujeitos implica compreendê-los como cidadãos imersos em uma sociedade constituída por diferentes situações políticas, econômicas e sociais que o afetam. Ademais, permite-se o sujeito se tornar protagonista no que tange às práticas sociais rearticuladoras de relações de poder no

âmbito de diferentes coletividades. Conforme Rendón-Rojas e García-Cervantes, 2012,

A ruptura epistemológica que se faz com a categoria "usuário da informação" em contraste ao "sujeito informacional" amplia o aspecto sociológico na constituição do sujeito como aquele ator social que no uso da informação é questionado por práticas hegemônicas, políticas, burocráticas, relações de poder, discriminatórias, entre outras, que afetam suas necessidades socio-informativas pelo fato de encontrar-se em espaços complexos, vulneráveis, de marginalização, de problemas com a lei, que eles limitam seu ser e fazer cotidiano. Esse ponto onde estão os problemas de vários fatores o socio-informacional não é abordado na categoria de usuários da informação. (RENDÓN-ROJAS; GARCÍA-CERVANTES, 2012, p. 39, tradução nossa).

Os sujeitos informacionais são fundamentais na estrutura social, pois são eles que transformam a sociedade em que geram e produzem informações, a partir das suas necessidades, tanto pessoais quanto coletivas (RENDÓN-ROJAS; GARCÍA-CERVANTES, 2012). Para a devida compreensão dos aspectos sociais, culturais e físicos dos indivíduos e das relações dos sujeitos com os afetos e poderes de tais aspectos, é apropriado o uso do termo sujeito informacional (DAY, 2011).

[...] uma das tarefas dos profissionais da informação tem sido de organizar informação documental, mas para isso é fundamental conhecer a comunidade dos sujeitos que exigem conhecimento-informação. Ou seja, outra tarefa é a pesquisa da comunidade, estudo das realidades informacionais dos espaços concretos onde os sujeitos informacionais de hoje requerem e/ou estão construindo novas formas de organização e estruturas da informação ad hoc em seu contexto social, político, educacional, cultural, contracultural, trabalhista, religioso, ideológico, e assim por diante. (RENDÓN-ROJAS; GARCÍA-CERVANTES, 2012, p. 38, tradução nossa).

A responsabilidade do profissional da informação e dos pesquisadores da área em compreender as práticas efetivadas pelos sujeitos informacionais, incluindo os que fazem parte dos grupos marginalizados, é primordial para ofertar serviços de disponibilização, tratamento, organização e recuperação da informação abrangente, bem como desvelar relações de poder subjacentes na sociedade. Sendo assim, a pesquisa que aqui propusemos pressupõe compreender as práticas informacionais realizadas por membros da comunidade virtual "VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II", a partir das informações e questões étnico-raciais socializadas pelos membros da comunidade.

Na subseção seguinte, apresentamos estudos correlacionados aos assuntos abordados até o momento.

### 2.2.1.3 Estudos de práticas informacionais na literatura

Nesta subseção, apresentamos estudos precedentes sobre práticas informacionais, produzidos por pesquisadores da Ciência da Informação em teses, dissertações e artigos.

A partir da pesquisa na Biblioteca de Teses e Dissertações (BDTD) identificamos que o primeiro registro em práticas informacionais é do ano de 1988, remetendo à tese de doutorado de Eliany Alvarenga de Araújo, pela Universidade de Brasília (UNB), intitulada “Construção social da informação: práticas informacionais no contexto de Organizações Não-Governamentais/ONGs brasileiras(a)”. A tese analisa a relação entre práticas informacionais (considerando ações de recepção, geração e transferência de informação) e práticas de cidadania (ações sociais desenvolvidas pelo indivíduo que acredita na igualdade entre todos) no contexto de Organizações Não Governamentais (ONG’s). A autora conclui que a informação não garante a transformação e apenas oferece a possibilidade da ação. Em relação às práticas informacionais, elas foram caracterizadas pelas ações: recepção, geração e transferência de informação.

Mais recentemente, temos a tese de doutorado em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Jefferson Veras Nunes (2014). O pesquisador observa, pela etnografia e entrevista com usuários do Facebook, a produção, o consumo e o compartilhamento da informação na referida rede. O autor aborda a diferença entre os conceitos de prática e práxis, que possui a ideia de transformação social, enquanto a prática está relacionada a ações do cotidiano, como lazer, alimentação, informação, dentre outros aspectos. O autor conclui que os internautas utilizam a Internet, além de outros meios de comunicação, para se manterem informados sobre notícias do dia a dia, visto que as informações circulam em um ritmo acelerado, além de compararem os pontos de vista expostos para formarem a sua própria opinião. Além disso, ele ressalta que a grande maioria dos internautas se utilizam das plataformas por indicação de conhecidos *off-line*, e que eles se comportam como *gatekeepers* ao selecionarem e compartilharem o que julgam importante entre os seus contatos.

Esse estudo desperta para a nossa pesquisa a questão da velocidade na circulação das informações e a importância do compartilhamento em comunidades virtuais, além do quanto essas informações são interpretadas de acordo com o contexto informacional do sujeito. Dessa maneira, a mesma informação veiculada pelos canais de comunicação, quando compartilhada na comunidade virtual, pode ser interpretada por outro viés.

Na revisão de estudos de práticas informacionais no Facebook, observamos o artigo de Ameera Mansour (2020), doutoranda em Ciência da Informação na University of Borås, Suécia, o qual teve como ênfase as práticas de compartilhamento de informações entre mães em determinada comunidade virtual do Facebook. O objetivo da criação do grupo no Facebook, segundo a administradora, era conectar mães estrangeiras que, como ela, vivem na Suécia, para que houvesse apoio e auxílio mútuo, compartilhando informações sobre diferentes aspectos da criação de uma família em um país estrangeiro. A comunidade possui regras rígidas a fim de evitar tensões e atritos entre os membros, como ocorrera na comunidade em períodos anteriores. A partir das entrevistas, a autora identificou que as participantes – embora houvesse uma grande diversidade de culturas, práticas familiares e crenças, às vezes opostas –, reconheciam que deveriam encontrar um ponto em comum ao compartilharem informações.

Nessa pesquisa, Mansour (2020) identificou quatro ações comuns que os membros adotavam ao se envolverem ou participarem das atividades informacionais diárias do grupo: engajar (envolver-se nas postagens, mesmo com cautela para não ser mal interpretada), evitar (nas situações de ter sido compartilhado algo que não concorde, alguns membros não contribuem naquele post), ocultar (não compartilhar algumas práticas pessoais da maternidade) e/ou sair (algumas participantes optam por sair do grupo quando envolvidas em alguma discussão muito argumentativa).

Encontramos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) algumas pesquisas, as quais investigaram práticas informacionais com grupos historicamente discriminados da sociedade, servindo como inspiração para o estudo ora proposto, em virtude de ousarem, ao incluírem sujeitos informacionais por vezes esquecidos na área da Ciência da Informação. Como resultado dessas pesquisas, a aproximação e a geração do conhecimento desses grupos foram incríveis. Esses estudos não foram aplicados exclusivamente em ambiente Web, porém, a interação entre pesquisador e sujeito enriqueceu a pesquisa.

Na dissertação de Ronaldo Alves da Silva (2008), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por exemplo, foi realizada a aproximação com profissionais do sexo, na qual foi possível identificar os fluxos informacionais a partir de entrevistas, principalmente em relação à saúde, além da percepção desses sujeitos sobre legislações específicas, tais como direitos trabalhistas.

Na dissertação de Andreza Gonçalves Barbosa (2017), também da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a partir de observações participativas e entrevistas semiestruturadas com apenas gestantes, foram identificadas as dificuldades na busca por informações, geralmente adquiridas por familiares, durante as visitas e pelo setor de saúde prisional.

Laelson Felipe da Silva, na sua dissertação de mestrado realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), analisou o conteúdo dos materiais disponibilizados no espaço LGBTQIA+ (ONG) e de entrevistas aos seus frequentadores, sendo possível verificar a relação do conteúdo informativo disponibilizado com o empoderamento dos sujeitos transexuais, permitindo-lhes, assim, empreenderem em ações emancipatórias (SILVA, 2019).

Daniella Alves de Mello, na sua dissertação de mestrado realizada também na UFPB, destacou a importância da informação na construção da identidade, pela análise temática de conteúdo e entrevistas aplicadas à feministas negras que atuam na Organização de Mulheres Negras na Paraíba (MELLO, 2019), relação que se assemelha com a nossa proposta.

Relacionando práticas informacionais na Internet e sujeitos informacionais, citamos dois estudos: a) Alejandra Aguilar Pinto (2010), na sua tese realizada na Universidade de Brasília, que identificou e analisou a relação entre identidade/diversidade cultural, tecnologias de informação e comunicação, bem como as práticas informacionais dos povos indígenas a partir de programas de inclusão digital, concluindo que as práticas informacionais, a partir de um contexto participativo em rede, podem ser consideradas um apoio às práticas de identidade/diversidade cultural; b) Ciro Athayde Barros Monteiro (2019), na sua tese desenvolvida na Unesp, apresenta as práticas informacionais de jovens apenados, a partir de entrevistas, visualizando que, quando estão em liberdade, utilizam prioritariamente o telefone celular para escutar músicas, assistir vídeos, jogar e ler notícias, principalmente pelo feed de notícias do Facebook; e que, como encarcerados, as fontes de informação são cartas, televisão e livros, o que levou o pesquisador a ressaltar o papel do

profissional da informação no cárcere, desenvolvendo espaços de manifestações culturais e clubes de leitura.

Ainda que essa diversidade de estudos aponte para uma tendência no âmbito da Ciência da Informação no Brasil, merece destaque o fato de que, diferentemente dos estudos até então propostos, nesta pesquisa apresentamos as práticas informacionais relacionadas à informação étnico-racial em uma comunidade negra do Facebook.

Finalizamos a discussão teórica em dois eixos principais: informação étnico-racial e práticas informacionais. Na subseção seguinte, apresentamos o percurso metodológico aplicado à pesquisa.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa se caracteriza como exploratória-descritiva de abordagem qualitativa, através da qual nos propusemos a compreender as práticas informacionais da comunidade do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, tendo como referência a triangulação metodológica em virtude de técnicas, procedimentos e instrumentos de pesquisa que foram utilizados (GIL, 2008; MARTINS, THEOPHILO, 2009).

A pesquisa exploratória objetivou fornecer o panorama geral das práticas informacionais e características específicas do grupo analisado, sendo a primeira etapa do nosso processo investigativo.

Dessa forma, o processo exploratório teve início a partir da observação espontânea (assistemática) de coletivos negros no Facebook. Tal escolha ocorreu em virtude de ser a rede social mais utilizada mundialmente, constituindo-se como um espaço de produção, compartilhamento e uso de informações étnico-raciais, além de proporcionar discussões sobre assuntos relativos à população negra. Os fatos ocorridos durante o ano de 2020, com as brutais mortes de negras e negros em âmbito nacional e internacional, e as manifestações geradas na Internet, foram determinantes para a escolha da Web como espaço de realização de práticas informacionais e de discussão pública.

A seleção da comunidade do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” cumpriu os seguintes critérios pré-definidos: informações compartilhadas exclusivas sobre a população negra; maior número de seguidores; número expressivo de interação nos comentários e presença de publicações recentes; não ser vinculada a partidos políticos ou formação sindical – garantindo, nesse aspecto, a imparcialidade das informações compartilhadas.

A inserção no campo netnográfico possibilitou a observação espontânea no grupo a partir da primeira semana do mês de dezembro de 2020. Em virtude de reincidentes leituras do material compartilhado no grupo “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, optamos por estabelecer um processo de coleta sistemática do *corpus* para o estudo preliminar a partir do dia 1 de fevereiro de 2021, através do preenchimento diário de uma planilha Excel entre 8h e 9h da manhã, resultando no estudo preliminar apresentado no projeto de qualificação.

Cabe sublinhar a realização de um estudo preliminar, que teve como objetivo conhecer a comunidade e possibilitar emergir categorias a partir do conteúdo das postagens, proporcionando aos membros da banca de qualificação elencar ponderações que enriqueceram a pesquisa.

Dessa maneira, as categorias definidas no estudo preliminar: “Gênero”, “Categoria da postagem”, “Temática principal”, “Temática relacionada”, “Forma de apresentação do conteúdo”, “Práticas informacionais”, “Tipo de fonte de origem da postagem” além do “Número de curtidas” e “Número de comentários” permaneceram, com algumas alterações na nomenclatura, conforme quadro 2, e inclusão de mais categorias: “Localização” e “Função do autor”.

Quadro 2 – Alterações na nomenclatura das categorias

<b>Qualificação</b>	<b>Dissertação</b>
“Tipo de fonte de origem da postagem”	“Fonte de origem”
“Forma de apresentação do conteúdo”	“Forma de composição do conteúdo da postagem”
“Número de curtidas”	“Total de reações”
“Categoria da postagem”	“Tipo de mensagem da postagem”

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Ainda no projeto de qualificação, propomos como forma de aproximação com os membros da comunidade a aplicação do grupo focal, complementando a análise de conteúdo. Porém, identificamos nos comentários realizados pelos membros da comunidade virtual uma oportunidade de análise argumentativa enriquecedora, respondendo a parte da pesquisa.

Dessa maneira, a partir do estudo preliminar e das considerações da banca de qualificação, optamos por analisar os conteúdos produzidos e compartilhados no mês de março na comunidade “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”. Essa decisão ocorreu em razão do expressivo número postagens realizadas em decorrência das comemorações do Dia Internacional da Mulher; quando identificamos diferentes formas de manifestação em relação à data, bem como o tensionamento no que se refere às críticas feitas por integrantes em relação ao feminismo negro e ao mulherismo africana. Tal decisão implicou na análise de 751 postagens publicadas no



referido mês, tendo sido excluídas 84 postagens que não faziam referência ao povo negro.

Para aplicação da técnica de análise categorial (BARDIN, 2016), as postagens entre os dias 1 de março de 2021 e 31 de março de 2021 foram coletadas, categorizadas e inseridas em Planilha Google, e as imagens (postagem e comentários) salvas em formato Portable Network Graphic (.png) no Google Drive, por data da publicação.

Os dados inseridos na planilha foram obtidos a partir da própria plataforma, divididos em informações extraídas e informações emergidas/inferidas, quais sejam: hiperlink, título, gênero, função e localização do autor da postagem, práticas informacionais, forma de composição do conteúdo da postagem, tipo da postagem, fonte de origem da informação, tema, motivação, total de reações e total de comentários.

O percurso metodológico teve início com a Análise de Conteúdo (AC) das postagens e seus comentários. Portanto, baseamo-nos na formulação de Thelwall (2004, p. 28, tradução nossa), que identifica um documento web como “uma coleção de páginas com um tema consistente produzidos por um único autor ou em colaboração em equipe”, consistindo em arquivos eletrônicos que permitem ser recuperados através da utilização de um navegador moderno.

Após a realização da análise de conteúdo a partir da técnica de análise categorial, como forma de complementação da pesquisa, aplicamos a interpretação discursiva partindo de conceitos metodológicos da Análise de Discurso (AD), em conformidade com Orlandi (2020).

Uma das técnicas para realizar a análise de conteúdo é a análise categorial, a qual considera a totalidade de um texto, classificando-o em categorias. As categorias, conforme Bardin (2016, p. 43), funcionam como “gavetas ou rubricas” para a organização e classificação da mensagem analisada. Dessa maneira, a análise categorial é desenvolvida em três etapas, conforme Bardin (2016): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Como forma de execução do método netnográfico (KOZINETS, 2014) adotado nesta pesquisa, foi efetivada uma triangulação metodológica a partir da observação, análise de conteúdo (BARDIN, 2011; FRANCO, 2005) e interpretação discursiva (ORLANDI, 2020). Tal decisão ocorreu em virtude do método netnográfico permitir o imbricamento

de técnicas, procedimentos e instrumentos de pesquisa, que tradicionalmente são utilizados na etnografia, adaptando-os às comunidades virtuais.

Nosso processo netnográfico de interação na comunidade pautou-se pela observação sistemática (CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015, p. 289), tendo como procedimento, no período da manhã, entre 8h e 9h, a compilação das postagens e comentários do dia anterior em tabelas organizadas por mês no software Excel (formato .xls). No período noturno, entre 20h e 21h, as interações identificadas nos comentários foram selecionadas pela pesquisadora, buscando compreender as práticas informacionais a partir de processos de comunicação diários.

Apresentamos, no quadro 3, as categorias e subcategorias emergidas a *posteriori*, a partir do *corpus*, bem como a descrição e a codificação estabelecidas durante as fases da Análise de Conteúdo.

Quadro 3 – Categorias e subcategorias emergidas

Categorias	Codificação e Descrição das Subcategorias
<p><b>Gênero</b> Forma de identificação dos sujeitos informacionais de acordo como explicitam essa condição ou a partir dos dados informados no Facebook.</p>	<p><b>F - Feminino:</b> gênero relativo à identidade feminina. <b>M - Masculino:</b> gênero relativo à identidade masculina. <b>P - Personalizado:</b> opção dada no Facebook aos sujeitos que não se identificam com as categorias acima, optarem por outras. <b>NI - Não informado:</b> informação não pública.</p>
<p><b>Função</b> Função do sujeito informacional de acordo com classificação e identificação no Facebook.</p>	<p><b>ADM - Administrador:</b> pessoa que possui todas as permissões no gerenciamento do grupo. <b>MEM - Membro:</b> pessoa que está inserido no grupo, com permissão de publicar apenas. <b>MOD - Moderador:</b> pessoa que possui permissões mais restritas em relação ao administrador.</p>
<p><b>Localidade</b> País ou região informado pelo sujeito informacional no Facebook de forma pública.</p>	<p><b>AC - Acre</b> <b>BA - Bahia</b> <b>DF - Distrito Federal</b> <b>ES - Espírito Santo</b> <b>GO - Goiás</b> <b>MA - Maranhão</b> <b>MG - Minas Gerais</b></p>

	<p> <b>PA - Pará</b>  <b>PB - Paraíba</b>  <b>PI - Piauí</b>  <b>PR - Paraná</b>  <b>RJ - Rio de Janeiro</b>  <b>RN - Rio Grande do Norte</b>  <b>SC - Santa Catarina</b>  <b>SP - São Paulo</b>  <b>RS - Rio Grande do Sul</b>  <b>TO - Tocantins</b> </p> <p> <b>ANG - Angola</b>  <b>CPV - Cabo Verde</b>  <b>EUA - Estados Unidos</b>  <b>FRA - França</b>  <b>GBS - Guiné Bissau</b>  <b>GER - Alemanha</b>  <b>MOZ - Moçambique</b>  <b>NAM - Namíbia</b>  <b>POR - Portugal</b>  <b>STP - São Tomé e Príncipe</b>  <b>SWI - Suíça</b>  <b>UK - Inglaterra</b> </p>
<p><b>Tema</b> Assuntos emergidos das postagens de forma isolada ou combinada.</p>	<p> <b>AFR - África</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relacionadas à história, cultura, atualidades, dentre outros aspectos do continente africano.  <b>AFE - Afroempreendedorismo</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relacionadas aos empreendedores negros(as) e black money.  <b>CRI - Cristianismo</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas à participação/influência de missionários cristãos na colonização africana e escravização de negros no Brasil; uso do cristianismo com argumentos racistas.  <b>CUN - Cultura negra</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relacionadas ao modo de vida, tradições, literatura, música, filosofia, cinema e arte do povo negro.  <b>DIM - Dia Internacional da Mulher</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas à data comemorativa do 8 de março no mundo.  <b>EDU - Educação</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas a questões relacionadas ao ensino escolar, profissional, acadêmico e familiar.  <b>EMP - Emprego</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas a oportunidade de trabalhos, tais como </p>

	<p>divulgação de currículos e vagas de emprego.</p> <p><b>EPI - Epistemicídio</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas ao apagamento e distorção da história do povo negro.</p> <p><b>ESC - Escravidão</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas ao período em que o negro(a) foi escravizado(a) no período colonial.</p> <p><b>FEN - Feminismo Negro</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas referentes ao movimento.</p> <p><b>GRA - Grupo analisado</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas referentes às questões internas do grupo no Facebook.</p> <p><b>IDR - Identidade racial</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas à valorização de ser negro(a), ou seja, consciência racial.</p> <p><b>MID - Mídia</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas ao negro(a) na televisão relacionando a estereótipos; também a canais lançados exclusivamente voltados ao público negro.</p> <p><b>MON - Movimento negro</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas ao movimento negro, como organização.</p> <p><b>MUN - Mulher negra</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas à</p> <p><b>MUA - Mulherismo africana</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas à ideologia cunhada por Clenora Hudson-Weems, a qual considera a raça em primeiro lugar.</p> <p><b>PAA - Pan-africanismo</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas à ideologia em que corresponde a união dos povos africanos e negros(as) em diáspora, resgatando sua identidade e fortalecimento do continente.</p> <p><b>POL - Política</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas em que relacionam a política afetando em questões da negritude.</p> <p><b>PRN - Protagonismo negro</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas em que negros e negras se destacaram na história pela luta contra a desigualdade racial, por exemplo.</p> <p><b>PSN - Psicologia negra</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas</p>
--	---

	<p>relativas à saúde mental da população negra.</p> <p><b>QUI - Quilombo</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas a comunidades quilombolas.</p> <p><b>RAC - Racismo</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relacionadas a diferentes tipos de discriminação racial sofridas pela população negra na sociedade; genocídio negro.</p> <p><b>REN - Rede Social para negros(as)</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas à busca ou divulgação de redes sociais em diferentes plataformas digitais exclusivas para negros e negras.</p> <p><b>REA - Relacionamento afetivo</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas aos sentimentos entre pessoas (familiares, casais, amigos).</p> <p><b>REP - Representatividade</b> - postagens nas quais o conteúdo apresenta temáticas relativas à participação ou representação do(a) negro(a) em espaços predominantemente branco, por exemplo, bancos, bonecas, super-heróis.</p>
<p><b>Forma de composição do conteúdo da postagem</b> Maneira pela qual o conteúdo é composto segundo os recursos de apresentação da postagem.</p>	<p><b>HT - Hashtag</b> - símbolo utilizado para marcar, organizar ou recuperar informações na Web.</p> <p><b>IM - Imagem</b> - representação visual, figura.</p> <p><b>LI - Link</b> - texto ou imagem que ao clicar encaminha para outro local da internet.</p> <p><b>TE - Texto</b> - conjunto de palavras que expressam algo.</p> <p><b>VI - Vídeo</b> - filme gravado.</p>
<p><b>Práticas informacionais</b> Práticas informacionais baseadas na produção, compartilhamento, e combinadas.</p>	<p><b>PR - Produção</b> - postagens nas quais são produzidas pelos sujeitos informacionais e disponibilizada no grupo.</p> <p><b>CO - Compartilhamento</b> - postagens as quais são oriundas de outras fontes informacionais.</p> <p><b>COM - Combinadas</b> - postagens as quais são inicialmente oriundas de outras fontes informacionais e, ao serem compartilhadas no grupo, são complementadas pelo autor da postagem.</p>
<p><b>Fonte de origem da informação</b> Fonte(s) de informação dos conteúdos postados.</p>	<p><b>BLO - Blog</b> - postagens as quais possuem Blog como fonte.</p> <p><b>GRA - Grupo analisado</b> - postagens as quais foram publicadas diretamente no grupo.</p>

	<p><b>INS - Instagram</b> - postagens as quais foram publicadas inicialmente no Instagram e compartilhadas no grupo.</p> <p><b>LIV - Livro</b> - postagens as quais possuem livro como fonte.</p> <p><b>NI - Não identificado</b> - postagens cuja fonte não foi identificada</p> <p><b>OGF - Outros grupos do Facebook</b> - postagens publicadas inicialmente em outros grupos do Facebook e compartilhadas no grupo.</p> <p><b>PAP - Página pública do Facebook</b> - postagens publicadas inicialmente em página pública do Facebook e compartilhadas no grupo.</p> <p><b>PEP - Perfil pessoal Facebook</b> - postagens publicadas inicialmente em perfil pessoal do Facebook e compartilhadas no grupo.</p> <p><b>SIT - Site</b> - postagens originadas em site e compartilhadas no grupo.</p> <p><b>YOU - YouTube</b> - postagens as quais possuem o YouTube como fonte e foram compartilhadas no grupo.</p>
<p><b>Tipo de mensagem da postagem</b> Forma de explicitação da mensagem.</p>	<p><b>CIT - Citação</b> - postagens que apresentam trechos de livros, músicas, frases famosas de autores consagrados.</p> <p><b>CUR - Curiosidade</b> - postagens que apresentam fatos históricos relacionados ao povo preto, desconhecidos ou pouco divulgados; raridades.</p> <p><b>DIC - Dicas</b> - postagens que apresentam indicações, como livros, por exemplo.</p> <p><b>DIV - Divulgação</b> - postagens que apresentam divulgação de eventos ou trabalhos.</p> <p><b>ENT - Entretenimento</b> - postagens que apresentam conteúdo descontraído.</p> <p><b>NOT - Notícia</b> - postagens que apresentam texto de caráter informativo, sobre fatos recentes no país ou no mundo; inclui-se também textos informativos dos administradores e membros sobre atualizações do grupo; texto informativo.</p> <p><b>OPI - Opinião</b> - postagens que apresentam a opinião do sujeito informacional.</p> <p><b>POE - Poesia</b> - postagens que apresentam texto com rimas.</p> <p><b>QUE - Questionamento</b> - postagens que apresentam dúvidas relacionadas aos assuntos relevantes à população negra, com o intuito de obter respostas dos membros do grupo.</p> <p><b>REL - Relato</b> - postagens que apresentam</p>

	narração, na primeira pessoa, de um fato vivenciado por um sujeito.
<p><b>Motivação</b> Fatores que levam o sujeito informacional a compartilhar/produzir postagens no grupo (Reduzidas e adaptadas de Syn; Oh, 2015).</p>	<p><b>APR - Aprendizagem</b> - postagens nas quais o sujeito informacional aprende e é informado de novidades.</p> <p><b>EFI - Eficácia</b> - quando o sujeito informacional acredita que é capaz de encontrar informações que outros possam gostar ou achar úteis.</p> <p><b>EMP - Empatia</b> - postagens nas quais o sujeito informacional observa que membros em uma comunidade estão com dificuldade em encontrar informações, sentindo-se motivado para ajudar essas pessoas.</p> <p><b>ENS - Engajamento social</b> - o sujeito informacional gosta de estar conectado com outras pessoas e percebe essa interação no grupo virtual.</p> <p><b>GAP - Ganho pessoal</b> - quando o sujeito informacional percebe algum tipo de benefício pessoal por compartilhar informações com a comunidade.</p> <p><b>INC - Interesse pela comunidade</b> - quando o sujeito informacional se torna motivado pelos objetivos e valores do grupo virtual e, portanto, participa ativamente, interagindo constantemente.</p> <p><b>PRA - Prazer</b> - quando o sujeito informacional se diverte ao participar e contribuir nas comunidades de redes sociais.</p> <p><b>REC - Reciprocidade</b> - quando o sujeito informacional recebe o apoio ou a ajuda de pessoas na comunidade, retribui o favor a outras pessoas, como parte de uma rede de apoio, contribuindo, fornecendo informações, compartilhando links, interagindo com postagens.</p> <p><b>REP - Reputação</b> - quando o sujeito informacional valoriza inconscientemente o sentimento de fama, desejo de popularidade e respeito entre as pessoas nas redes sociais, o que se relaciona também à autoestima.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na próxima seção, apresentamos os resultados da análise aplicada ao corpus de 751 postagens publicadas na comunidade “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, composta por duas subseções: o resultado da análise de conteúdo das postagens e a análise de discurso dos comentários nas temáticas racismo, dia internacional da mulher e relacionamento inter-racial.



## 4 RESULTADOS

Neste espaço de escrita, são apresentadas as análises das práticas informacionais efetivadas na comunidade do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, sob duas perspectivas: o conteúdo das postagens e o discurso identificado nos comentários.

Em relação ao conteúdo das postagens, a subseção 4.1 (Análise de conteúdo) apresenta a seguinte convenção: no início de cada parágrafo, na introdução de uma nova categoria emergida, como forma de destaque, o negritamos. Na sequência, expomos as subcategorias individuais e combinadas, bem como o número de ocorrências. Em seguida, compartilhamos uma postagem significativa ao *corpus* na qual realizamos uma breve análise, seguido das interpretações nas quais se articulam aspectos teóricos discutidos neste estudo.

No que diz respeito ao discurso identificado nos comentários, a subseção 4.2 (Análise de discurso: interlocuções a partir dos comentários) é desenvolvida a partir de três temas: racismo, dia internacional da mulher e relacionamento inter-racial. A apresentação segue a seguinte ordem: ao iniciar um dos temas, apresentamos o número das postagens, título e data da publicação, totalizando três para cada tema. No desenvolvimento, para compreender o contexto dos comentários, descrevemos a conjuntura da postagem, apresentamos a imagem, descrição de áudio quando houver, comentários identificados com a letra “E” seguida do número sequencial e a análise discursiva.

### 4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Apresentamos aqui os dados obtidos a partir de um *corpus* de 751 postagens. O intuito de tal análise é atender aos objetivos da pesquisa, a partir da técnica de análise categorial da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016).

As categorias a serem apresentadas são: gênero, função e localização do autor da postagem; práticas informacionais; forma de composição do conteúdo da postagem; tipo da postagem; fonte de origem da informação; tema; motivação; total de reações; total de comentários.

Como forma de organização da apresentação das análises, negritamos o início de cada parágrafo onde estão as interpretações relativas à categoria emergida. Após

os dados e informações obtidas das análises, optamos por apresentar postagens que melhor representaram as subcategorias de forma individual ou combinada, conforme se manifestaram empiricamente.

Assim, **em relação ao “gênero dos sujeitos informacionais”** responsáveis pelas postagens na comunidade, classificamos de acordo com a informação disponibilizada de forma pública em suas páginas pessoais do Facebook. As subcategorias definidas foram: feminino (F); masculino (M); e personalizado (P); além de acrescentarmos a subcategoria não informado (NI), para situações em que o autor ou autora da postagem não disponibilizou essa informação de forma pública em sua página do Facebook.

Das 751 postagens analisadas, 509 (67,8%), ou seja, a grande maioria, foram realizadas por sujeitos do gênero masculino, 210 (27,9%) foram identificadas como oriundas do gênero feminino, e 32 (4,3%) não informaram o gênero, sendo a grande maioria destas páginas públicas institucionais e coletivos.

Apresentamos na figura 4 uma postagem produzida na página pessoal do autor, homem negro, e compartilhada no grupo. Na sequência, faremos uma breve análise da postagem, bem como observações adquiridas de forma empírica a partir do objeto de pesquisa.

Figura 4 – Postagem com autoria do gênero masculino

compartilhou uma publicação.

Moderador +1 · 31 de março ·



31 de março ·

Um exemplo a ser seguido. "Só os idiotas deixariam o inimigo educar os seus filhos."

Os Panteras Negras também fundaram escolas comunitárias para receber negros e latinos, os dois grupos majoritários nas comunidades mais pobres nos Estados Unidos. Nessa escola comunitária, os Panteras Negras criaram um programa de ensino que se moldava às dificuldades de cada aluno, além disso, era fornecido atendimento hospitalar gratuito aos alunos que adoeciam, além de levarem as crianças da sua casa à escola e vice-versa.

374 20 comentários

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A postagem 745 (figura 4) foi produzida por um homem negro, membro da comunidade e residente na Bahia. Essa publicação traz na imagem quatro meninas negras, com bolsas contendo as seguintes estampas na cor preta: a palavra "Black", imagem de um punho fechado, imagem de uma arma, e a palavra "Power". As estampas remetem a possíveis analogias com o movimento Panteras Negras (*Black Panther Party*), que teve início no ano de 1966 nos Estados Unidos com Huey Percy

Newton e Bobby Seale. O símbolo do punho erguido com a mão fechada é a saudação dos Panteras Negras, representando a resistência do povo negro contra o racismo. A figura da arma nesse contexto lembra o uso de armas pelos Panteras Negras como autodefesa contra a violência policial e a criminalidade em bairros negros, como Oakland, onde ocorreu o princípio do movimento. Ainda na imagem (figura 4), as bolsas das meninas que estão nos extremos formam o termo “Black Power”, que representa o poder para o povo preto a partir da resistência e autodefesa.

O texto da postagem 745 (figura 4) apresenta a informação das escolas comunitárias adaptadas à realidade em comunidades pobres, fundadas pelos Panteras Negras, as quais recebiam alunas/os negras/os e latinas/os enquanto moradores de bairros violentos, carentes de recursos médicos, sendo respeitados como alunos (HARRIS, 2001).

Essa postagem, produzida por um homem negro para o grupo, recebeu um número expressivo de reações, relacionando-se à força do Panteras Negras e das mulheres negras que participaram do movimento.

Tanto no movimento Panteras Negras quanto no grupo “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” as mulheres negras se incluem em ações de combate ao racismo, reivindicando a inclusão e compreensão da sua existência em uma sociedade racista e patriarcal, onde ela se encontra na base da pirâmide. Essas condições influenciam as práticas informacionais étnico-raciais, estando em questão o respeito entre negros e negras na comunidade virtual.

As postagens publicadas na comunidade, quando analisadas a partir do gênero, não apresentam diferenças na ênfase, apresentando em comum a informação étnico-racial.

**Com referência à “função do responsável da postagem”,** emergiram as seguintes categorias: administrador (ADM), moderador (MOD), e membro (MEM).

Como resultado, obtivemos que os administradores foram responsáveis pela menor parte das postagens, representando 31 (4,1%) do total, seguidos dos moderadores, 53 (7,1%), e a predominância dos membros do grupo em 667 (88,8%) como produtores ou disseminadores das postagens.

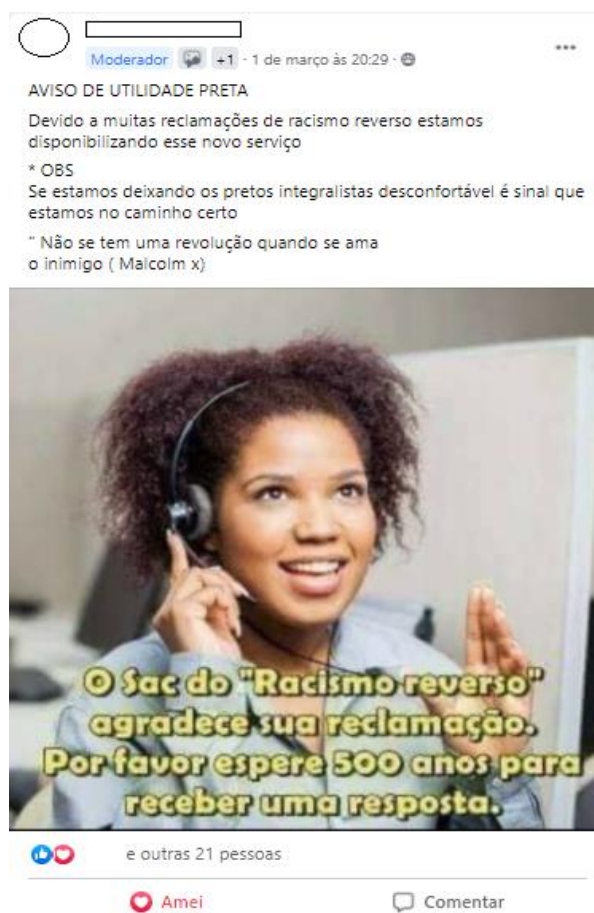
O número de compartilhamento das postagens por membros do grupo chegou a 302 (45,3%), as postagens produzidas pelos membros foram 200 (30%) e, de forma combinada, produção e compartilhamento foram a minoria, somando 165 (24,7%) do total do *corpus* analisado.

Esses dados demonstram que os administradores e moderadores desenvolvem suas funções administrativas e não são responsáveis pela maioria das postagens publicadas no grupo “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, representando uma certa democracia em relação às postagens ao considerar a aceitação das publicações propostas pelos membros.

No grupo, identificamos estes papéis sociointeracionais nos moderadores e administrador como: produtores, em postagens publicadas com informações administrativas; interlocutores, em postagens em que relacionam o que foi discutido recentemente na comunidade, apresentando seu ponto de vista, lembrando os princípios do grupo, trazendo ao foco; animadores: em publicações com felicitações de comemorações festivas como, por exemplo, o Dia Internacional da Mulher.

Na figura 5, apresentamos uma postagem publicada por um dos moderadores, homem negro. As publicações postadas pelos moderadores, assim como pelo administrador, possuem grande significado para os membros do grupo.

Figura 5 – Postagem publicada por moderador



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A postagem (figura 5) foi produzida por um moderador do grupo, homem negro, e remete a discussões do grupo. A imagem utilizada pelo moderador reproduz uma mulher negra, telefonista, em atendimento. A frase sobreposta à imagem serve, nesse contexto, como um aviso do moderador do grupo aos membros: “O sac do ‘Racismo reverso’ agradece sua reclamação. Por favor espere 500 anos para receber uma resposta”. Nessa afirmação, o moderador é explicitamente irônico, em relação àqueles que defendem o racismo reverso no grupo.

O texto da postagem é complementado com a informação da imagem, incluindo um cenário do grupo “Se estamos deixando os pretos integralistas desconfortável (*sic*) é sinal que estamos no caminho certo”. Nessa frase, o moderador deixa claro para os membros que o grupo é contra negras/os “integralistas”, isto é, negras/os que defendem a luta antirracista com brancos, reforçando a opinião com citação de Malcom X: “Não se tem uma revolução quando se ama o inimigo”.

No contexto da postagem apresentada, foi possível compreender que as práticas informacionais desenvolvidas por administrador e moderador afetam o direcionamento e ações no grupo, refletindo nas informações étnico-raciais. Ademais, expressa a falta de conhecimento de membros referente a questões raciais, pois defender a existência do racismo reverso expressa o desconhecimento do significado de raça, racismo e todo contexto histórico envolvido.

Enfim, a função do administrador e moderador, no grupo, pode ser comparada ao líder da comunidade. Assim, essas ações são responsáveis também pela decisão dos membros em nela permanecer ou não, ao considerar que está condicionado a ter pontos em comum (MANSOUR, 2020; PASCHOAL, 2014).

**Quanto à “localidade dos sujeitos informacionais”** que publicaram na comunidade, categorizamos a sua identificação por estado brasileiro e por demais países.

Dessa maneira, de acordo com o que os responsáveis pelas postagens no *corpus* da pesquisa informam no seu perfil, foi identificado que 501 (66,7%) postagens foram realizadas por sujeitos informacionais residentes no Brasil, 127 (16,9%) postagens são de autores residentes no exterior, e em 123 (16,4%) postagens os autores não identificaram seu local de residência. O administrador do grupo e moderadores são todos residentes do Brasil.

Em um detalhamento especificado por estados brasileiros, encontramos: São Paulo, 178 (23,7%); Rio de Janeiro, 117 (15,6%); Rio Grande do Sul, 76 (10,1%);

Bahia, 55 (7,3%); Minas Gerais, 36 (4,8%); Goiás, 10 (1,3%); Santa Catarina, 6 (0,8%); Distrito Federal, 6 (0,8%); Paraíba, 5 (0,7%); Espírito Santo, 3 (0,4%); Paraná, 2 (0,3%); Tocantins, 2 (0,3%); Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Acre e Pará, 1, cada (sendo 0,1% para cada incidência); totalizando 501 postagens.

Em relação a outros países, foram identificadas 127 postagens no total, cujos sujeitos informacionais encontram-se em: Angola (81), Estados Unidos (15), Inglaterra (11), Moçambique (8), Portugal (3), Namíbia (2), França (2), Cabo Verde (1), Guiné Bissau (1), São Tomé e Príncipe (1), Alemanha (1) e Suíça (1).

Em relação às regiões brasileiras identificadas pelos sujeitos informacionais como local de domicílio, ressaltamos que aquelas com número expressivo das postagens são as mesmas nas quais há reincidentes denúncias de racismo. O Rio Grande do Sul, por exemplo, é o estado com maior número de ocorrências de injúria racial, com 1.507 casos somente em 2018. Em segundo lugar está o Paraná (1.239 ocorrências); em terceiro lugar, Rio de Janeiro (1.073 ocorrências); quarto lugar, Santa Catarina (1.060 ocorrências) (RIO..., 2019). Esses indicativos podem refletir na participação de negros e negras em comunidades virtuais do Facebook, como identificado no *corpus* de análise. Como consequência, a realidade dos sujeitos em diferentes regiões e contextos se reflete em práticas informacionais que desenvolvem na comunidade virtual, demonstrando que os processos de aquilombar-se virtualmente articulam redes de informação oriundas de diferentes espaços e culturas.

Ao analisar os países do continente africano nos quais residem os sujeitos informacionais, com exceção da Namíbia, todos os outros possuem o português como língua oficial, sendo esse um dos fatores da troca de informações através do Facebook em um grupo na temática negra, permitindo a abrangência da comunidade virtual.

Ademais, muitos daqueles residentes em países da Europa e América do Norte são africanos de países com idioma português ou brasileiros. Da mesma forma, há africanos residentes no Brasil entre os compartilhadores e produtores de informação na comunidade, estreitando percepções em relação à informação étnico-racial.

Na figura 6, apresentamos a postagem 542 publicada por um homem residente em Angola.

Figura 6 – Postagem publicada por membro residente em Angola



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A postagem (figura 6) apresenta uma publicação compartilhada por um membro do grupo residente em Angola, cuja fonte de origem é uma página pública angolana do Facebook intitulada “Flash News”. A imagem da postagem (figura 6) reproduz o ator e rapper afro-americano, Tyrese Gibson. O texto informa que o artista divulgou o teste de DNA que confirma sua ascendência africana (82% dos



antepassados originários da África), vindo dos países Congo, Benin, Togo, Senegal, Nigéria, Costa do Marfim e Gana.

A troca de informações entre membros de diferentes regiões e países possibilita a ampliação de fontes informacionais étnico-raciais, como o exemplo apresentado, no qual o sujeito informacional compartilha informação de uma página pública do mesmo país residente, nesse caso, Angola.

Além disso, o fato de a postagem ser compartilhada por um homem negro angolano demonstra que as informações que fundamentam as discussões da comunidade negra ultrapassam a perspectiva geográfica. A integração entre Brasil e África potencializa o quilombo virtual, o qual permite a troca de informações entre os sujeitos informacionais de forma mútua e o fortalecimento da identidade negra com sua ancestralidade. Essa integração se reflete também no tipo de informação racial que circula no grupo, bem como em todas as suas práticas informacionais.

**Para a definição e apresentação do “tema” nas postagens de forma isolada ou combinada**, realizamos a subcategorização temática a partir da análise de conteúdo, conforme Bardin (2016). As subcategorias de assuntos permitiram conhecer quais são abordados pela comunidade, bem como os que recebem maior atenção de seus membros, através do número de incidência nas postagens.

Dessa maneira, a subcategoria Cultura negra foi a que apresentou o maior número de incidências em relação ao tema das postagens, representando 125 (16,6%) delas dentre o total da análise. Além dessa subcategoria, os temas racismo 124 (16,5%) e África 86 (11,4%) representaram o segundo e terceiro lugares de destaque, respectivamente, em ocorrências nas postagens. Ademais, a ordem de ocorrências, de forma decrescente, foram: Identidade racial, 59 (7,9%); Protagonismo negro, 51 (6,8%); Movimento negro, 41 (5,5%); Mulher negra, 36 (4,8%); Educação, 32 (4,3%); Relacionamento afetivo, 32 (4,3%); Política, 30 (4,0%); Escravidão, 20 (2,7%); Grupo analisado, 20 (2,7%); Dia Internacional da Mulher, 15 (2,0%); Afroempreendedorismo, 12 (1,6%); Cristianismo, 10 (1,3%); Emprego, 10 (1,3%); Mídia, 10 (1,3%); Epistemicídio, 9 (1,2%); Representatividade, 7 (0,9%); Rede social para negros, 5 (0,7%); Psicologia negra, 4 (0,5%); Feminismo negro, 3 (0,4%); Mulherismo africana, 3 (0,4%); Pan-africanismo, 3 (0,4%); Quilombo, 1 (0,1%); e, de forma combinada, Racismo + Mídia, 3 (0,4%).

As postagens categorizadas no tema Cultura negra são, em sua grande maioria, informações que fazem referências à música, expressando a resistência

quanto às injustiças realizadas contra o povo negro. Dentre as postagens, o samba e o hip-hop são as incidências principais.

Apresentamos na figura 7 uma postagem categorizada como Cultura negra e, posteriormente, uma breve análise.

Figura 7 – Postagem tema Cultura negra



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A postagem 39 (Figura 7) foi publicada por uma mulher negra, membro do grupo e residente no Rio de Janeiro, sendo incluída na subcategoria Cultura negra. A imagem, que retrata a cantora Elza Soares, vem acompanhada de um extrato textual destacado em caixa alta, de uma de suas canções: "MINHA VOZ USO PARA DIZER O QUE SE CALA". Compreendemos que tal associação suscita no leitor a perspectiva de resistência, tanto fundamentada na expressão facial de Elza, quanto na imagem que tradicionalmente é atribuída à cantora em virtude do seu engajamento com a luta antirracista. Isso porque a utilização de todas as letras em caixa alta, pela autora, expressa ênfase, sendo uma forma de chamar a atenção dos membros do grupo para

a reflexão sobre essas palavras. Nesse caso, a letra da música citada na publicação ressalta o seu uso para expressar o que é silenciado na sociedade.

Desse modo, os temas elencados se manifestam como um dentre os vários que constituem a informação étnico-racial pautada em ações do cotidiano, expressa através das publicações. A relação da cultura negra com os temas desenvolvidos na comunidade revela a resistência do povo negro através das palavras e do som, delineando as práticas informacionais do sujeito.

Os aspectos de vivência cotidiana dos sujeitos informacionais compreendidos no contexto do racismo caracterizam as práticas informacionais dessa comunidade, permitindo a partir da produção e compartilhamento da informação étnico-racial a interação entre sujeitos informacionais com experiências semelhantes.

**Na categoria “forma de composição do conteúdo da postagem”,** as seguintes subcategorias emergiram a partir das observações empíricas: Hashtag (HT), Imagem (IM), Link (LI), Texto (TE) e Vídeo (VI).

Nessa abordagem, foi interessante constatar que a maioria, 680 (90,3%) das postagens analisadas, era composta por mais de um conteúdo, e somente 71 (9,7%) apresentaram apenas um dos elementos de composição na postagem.

As combinações sobre as quais houve maior incidência, ao considerarmos o total de postagens, foram: Imagem+Link+Texto, 98 (13,2%); Texto+Imagem, 87 (11,6%); Texto+Imagem+Link, 84 (11,2%); Vídeo+Link+Texto, 39 (5,2%); e Texto+Imagem+Link+Texto, 32 (4,3%). No total, identificamos 114 variações de composições combinadas nas postagens, as quais apresentamos no apêndice A.

No que tange às postagens identificadas de forma isolada, a preponderância concentrou-se em: Texto, 65 (8,7%) das publicações; seguida de Vídeo, 3 (0,5%); e, na mesma proporção, Imagem, 3 (0,5%).

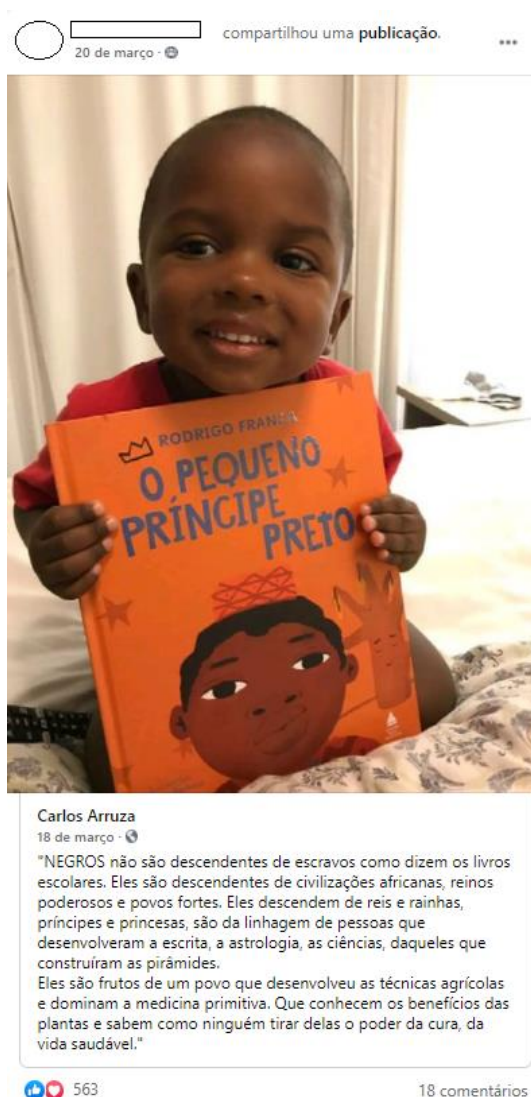
Com o intuito de identificarmos qual elemento de composição se evidenciava, tanto nas combinadas ou não, considerando-o de forma isolada, identificamos: Texto, em 730 (35,5%), grande maioria das ocorrências 2.062 (100%); Link, 558 (27,0%); Imagem, 510 (24,7%); Vídeo, 135 (6,5%); e Hashtag, 129 (6,3%).

Merece destaque, na composição do conteúdo, o uso de Hashtag em postagens, o que permite a marcação das publicações na página da comunidade, além da organização das informações a partir do conteúdo da Hashtag.

Apresentamos, na figura 8, a postagem mais representativa dentro das análises nessa categoria, que apresenta Imagem+Link+Texto em sua forma de

composição, a ser analisada nos parágrafos seguintes.

Figura 8 – Postagem composição combinada (IM+LI+TE)



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A postagem 506 (figura 8) foi compartilhada na comunidade por um membro do grupo, negro, residente em Goiás. Na categoria composição do conteúdo da postagem, foi incluída na subcategoria Imagem+Link+Texto. **A imagem** mostra um menino negro sentado e, em suas mãos, um livro infantil sob o título “O pequeno príncipe negro”, de autoria de Rodrigo França. **O link** (Carlos Arruza, perfil público no Facebook), não leva à complementação da mensagem, mas ao perfil público do autor da postagem original (não membro do grupo). Em seguida do link, há um texto como crítica aos livros escolares quando abordam a falsa ideia de que negros(as) são descendentes de escravos(as). **O texto** lembra que negros(as) não são descendentes

de escravos(as), e sim reis e rainhas, contextualizando e apresentando os conhecimentos desenvolvidos pelos africanos.

De modo geral, a imagem e o conteúdo textual da postagem acenam para a valorização da negritude, ressaltando que nossos ancestrais não nasceram escravos, mas sim foram escravizados por uma política e ideologia empregada no século XV que os escravizou, sendo que em África viviam em liberdade, sob organização social com reis e rainhas. Desperta também para um novo olhar, no qual o conteúdo dos livros infantis seja capaz de estimular a imaginação da criança negra, indo além da dor a que os ancestrais foram submetidos no período em que foram escravizados, embora tenham resistido e lutado pela liberdade. A reconstrução histórica a partir do resgate informacional permite o empoderamento racial, tendo na memória que os antepassados negros foram heróis na resistência pela liberdade.

Em relação à composição Imagem+Link+Texto, as postagens são caracterizadas, em grande parte, por **textos informativos** longos. A **imagem**, na composição das postagens combinadas com texto, é utilizada como forma de incitar os demais membros ao debate, além de atraí-los a ler o texto.

Os recursos utilizados para compor as publicações caracterizam as estratégias comunicativas de composição hipertextual efetivadas pela comunidade, representando formas de apresentação e possibilidades de interação através da informação étnico-racial.

**Na categoria “práticas informacionais”**, identificamos as seguintes subcategorias: produção (PR), compartilhamento (CO) e combinadas (PR+CO).

A maioria das publicações no grupo são oriundas de compartilhamento (CO), contabilizando 308 (41,0%) postagens do total das analisadas. Quanto à produção (PR), 260 (34,6%) foram produzidas pelos sujeitos informacionais para o grupo. As publicações combinadas, ou seja, compartilhamento e produção na mesma postagem, representaram a minoria, 183 (24,4%).

As postagens identificadas como produção foram, na grande maioria, produzidas no próprio espaço da comunidade, permanecendo de forma restrita aos membros ou produzidas na página pessoal do autor, no Facebook e compartilhadas no grupo.

Ainda em relação à produção de postagens pelos sujeitos informacionais, observamos que alguns membros administram páginas públicas no Facebook ou canais no YouTube, produzindo conteúdos informativos relacionados à negritude e

divulgando-os no grupo “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” como opção de disseminação do seu trabalho, aproximando-os com o público da comunidade.

Em relação às postagens compartilhadas, a maioria possui link que remete para o local original da informação. Cabe ressaltar não haver possibilidade de compartilhamento de nenhuma das postagens compartilhadas ou produzidas na comunidade, devendo os membros interessados, nesse caso, clicar acima da postagem para seguir a publicação original e, assim, compartilhar em sua página pessoal.

Ademais, considerando o número de ocorrências de links, o compartilhamento de informações ocorre a partir de composições hipertextuais.

Para visualizarmos a diferença entre postagem compartilhada e produzida, apresentamos, de forma objetiva, cada uma das modalidades, nas figuras 9 e 10.

Figura 9 – Postagem compartilhada na comunidade



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A postagem 134 (figura 9) foi **compartilhada na comunidade**, por uma mulher negra, membro e residente em São Paulo. A informação completa encontra-se no site “Alma preta jornalismo”, identificando o link abaixo da imagem. Além disso, a partir da própria postagem não há como compartilhar, sendo necessário clicar sobre a publicação, quando o usuário será remetido para a página do site com opção de compartilhamento.

A imagem da postagem 134 (Figura 9) apresenta um homem negro, professor Damilare Falade, com turbante e roupa africana. O texto na postagem desempenha o papel de introduzir a notícia do site, informando: “um professor nigeriano cria método de ensino da língua yorùbá para português”.

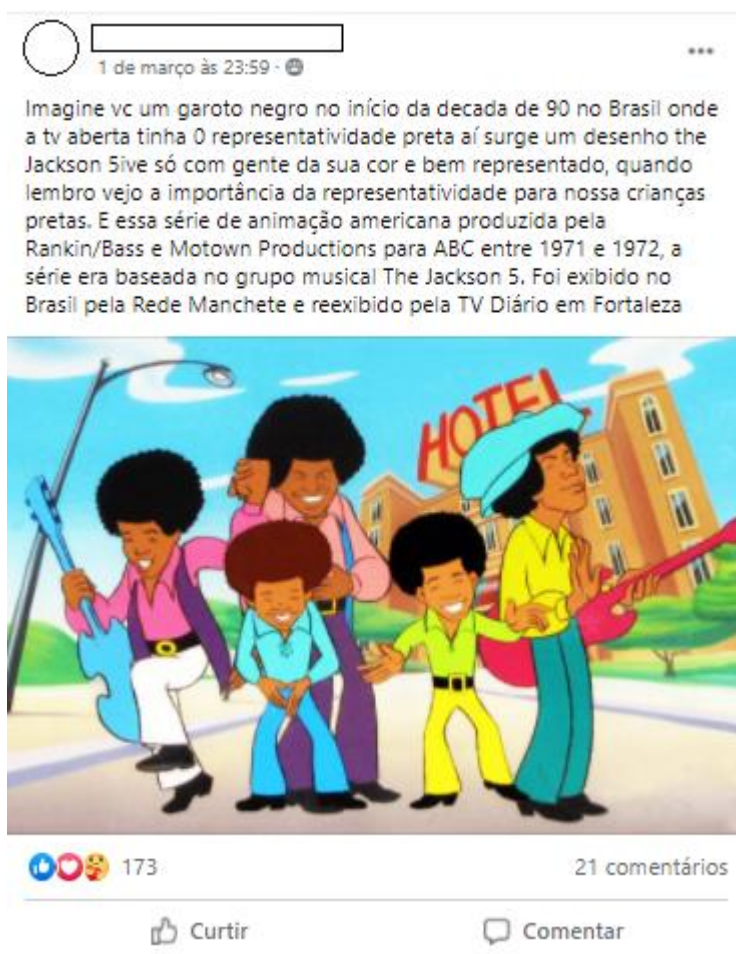
O idioma yorùbá, conforme informa a fonte, é falado por mais de 45 milhões de pessoas em todo o mundo. O curso, além do módulo básico de escuta, fala, leitura e escrita, dispõe do curso intensivo, abordando a parte cosmológica da cultura, baseado na crença, pensamento e espiritualidade yorùbá. Essa disponibilidade de aprendizado na língua yorùbá representa a aproximação cultural do continente africano, bem como o rompimento eurocêntrico no incentivo das línguas inglesa, francesa e espanhola, além da língua portuguesa.

Empiricamente, é possível depreender, através do exemplo da postagem supramencionada, que as práticas informacionais analisadas se pautam no compartilhamento de informações advindas de fontes da Web as quais apresentam uma variabilidade de questões étnico-raciais, nesse caso fundamentadas em aspectos relativos à linguagem. Tais práticas permitem a ampliação do alcance da informação, a exemplo das fontes da Web administradas internacionalmente.

Na Figura 10, apresentamos uma postagem incluída na subcategoria de **produção**.



Figura 10 – Postagem produzida na comunidade



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na Figura 10, apresentamos a postagem 38, exemplificativa das **postagens produzidas diretamente na comunidade virtual**. Composta por texto e imagem, a postagem foi elaborada por um membro, negro e residente na Bahia.

A imagem da postagem retrata o desenho “Jackson 5ive”, estreado nos anos 1970, uma versão animada do grupo composto por Michael Jackson e seus irmãos. No texto produzido pelo membro do grupo, é informado que o desenho animado foi apresentado no Brasil em rede nacional e local, na cidade de Fortaleza, na década de 1990, época em que “tinha zero representatividade”, trazendo de modo sensível sua importância para as crianças, ao assistirem na televisão “gente de cor e bem representada”.

Em relação à abordagem da postagem, observamos que a representação na mídia é um dos temas levantados na comunidade, lembrando negros e negras como boas representatividades – a exemplo de Maju Coutinho – e como estereótipos, a



exemplo de Mussum e da atuação em programas de reality show, como Carol Conká e Jojo Todynho, enfatizando crítica, autoestima, entre outras questões.

Ademais, as postagens produzidas pelos sujeitos informacionais na comunidade são caracterizadas por relatos, opiniões e críticas a questões pertinentes à informação étnico-racial. A prática de produção de postagens busca, de certa maneira, a aproximação entre locutor e interlocutores, a partir da solidariedade mútua e empatia, ou negação.

Além da produção e do compartilhamento de postagens definidos como práticas informacionais no grupo, identificamos que algumas postagens apresentam de forma combinada as duas práticas (produção e compartilhamento). Dessa forma, finalizamos a apresentação da categoria práticas informacionais com a Figura 11, na qual o sujeito informacional produz uma observação e compartilha uma notícia de um site.

Figura 11 – Postagem combinada (produção+compartilhamento)



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A **postagem combinada** (figura 11) publicada na comunidade possui produção e compartilhamento. Nela, a combinação de subcategorias pode ser evidenciada a partir da inserção pela responsável da publicação da postagem no grupo, identificada como mulher negra, membro da comunidade e residente no Rio de Janeiro, da expressão: “Mais um espaço Reconquistado! Aproveitem meninas”.

Assim, a responsável pela publicação, uma mulher negra, antecipa a notícia e sua posição ao **produzir** tais expressões. A notícia compartilhada apresenta a conquista de mulheres negras ocupando o espaço cervejeiro, tradicionalmente branco, machista e elitista. Pretas cervejeiras é um coletivo, com o objetivo de “conectar” mulheres negras e tornar o mercado cervejeiro mais democrático e diverso. Essa notícia reflete espaços da sociedade nos quais mulheres negras ainda são excluídas, lembrando que na comunidade analisada as mulheres negras são a minoria entre membros e moderadores.

Consideramos produção do autor quando este expressa opinião, acrescenta informações, enfim, produz a sua posição naquilo que está compartilhando. A combinação entre ações de compartilhamento e produção de informações desvela o quanto as práticas informacionais se constituem de forma híbrida, através de estratégias comunicativas próprias como forma conectar e atribuir visibilidade a questões e demandas.

As **fontes de origem da informação** são notificadas no Facebook, sendo identificadas características individuais da postagem, de acordo com sua origem. A partir do *corpus*, identificamos e categorizamos as seguintes fontes: Blog (BLO), Grupo analisado (GRA), Instagram (INS), Livro (LIV), Não identificado (NI), Outros grupos do Facebook (OUF), Página pública do Facebook (PAP), Perfil pessoal do Facebook (PEP), Site (SIT) e Youtube (YOU).

A preponderância ocorreu nas **fontes de forma isolada**, correspondendo a 535 (71,2%) postagens, sendo a maioria oriundas de Página pública do Facebook, totalizando 179 (23,8%), e Perfil pessoal Facebook, 147 (19,6%); além de se originarem do próprio Grupo analisado, 133 (17,7%), Site 54 (7,2%), Youtube 11 (1,5%), Outro grupo Facebook 9 (1,2%), e Instagram 2 (0,3%).

As postagens nas quais foram identificadas mais de uma fonte, ou seja, **fontes de forma combinada**, representaram um número menor, totalizando 203 (27,1%), havendo um maior número de ocorrências quando: Grupo analisado + Página pública Facebook, 57 (7,6%); Site + Grupo analisado, 45 (6,0%); e Youtube + Grupo analisado, 33 (4,4%). Em menor número de ocorrências, foram identificadas as seguintes combinações: Grupo analisado + NI, 32 (4,2%); Grupo analisado + Perfil pessoal Facebook, 28 (3,7%); Grupo analisado + Outro grupo Facebook, 3 (0,4%); Perfil pessoal Facebook (autor) + NI, 3 (0,4%); Grupo Facebook analisado + Livro, 1

(0,1%); e Grupo Facebook analisado + Blog, 1 (0,1%). Além disso, em 13 (1,7%) ocorrências **não foi possível identificar a fonte de origem da postagem.**

A identificação das fontes de origem da informação foi essencial para compreendermos os recursos utilizados pelos sujeitos informacionais para atender a demanda proposta pelo grupo, qual seja, o “compartilhamento de informações do ‘mundo afro’”.

Assim, das fontes de origem da informação identificadas no *corpus*, percebemos que a grande maioria são da própria plataforma do Facebook, de forma isolada ou combinada, e de outras fontes da Web.

Além disso, identificamos a utilização do Youtube como forma de produção de conteúdo étnico-racial com caráter informativo, principalmente durante o período da pandemia da Covid-19, através de lives e entrevistas.

Nesse contexto de informação étnico-racial produzida e compartilhada na Web, enquanto profissionais da informação, considerar todas as fontes elencadas como válidas está de acordo com Silva e Aquino (2014). Os autores afirmam que em estudos dessa natureza na Web devemos considerar qualquer suporte informacional como fonte de informação étnico-racial. Além disso, devemos considerar essas fontes como suporte no combate ao racismo, dando voz aos excluídos dos espaços na sociedade.

Em relação às **fontes não identificadas** nas postagens, estas são, na grande maioria, imagens, vídeos e citações que o autor da postagem inseriu na composição, sem a identificação da autoria da arte ou pensamento.

Apresentamos uma postagem compartilhada no grupo (figura 12), cuja fonte de informação é uma Página pública do Facebook.

Figura 12 – Postagem fonte de origem Página pública do Facebook



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A postagem 364 (figura 12) tem como fonte de origem da informação a Página pública do Facebook identificada como “Tribo Banto África” e publicada por um homem negro, membro e residente em São Paulo. A postagem traz uma citação identificada como de autoria de Marcus Garvey (representante do Pan-africanismo), na qual exalta a pele negra. A imagem apresenta mulheres negras, modelos, com turbante e vestidos coloridos, complementando a mensagem do texto.

As páginas públicas do Facebook, bem como outros grupos da plataforma, em sua maioria, são fontes nas quais são veiculadas exclusivamente informações étnico-racial. Porém, há fontes de informação não específicas da temática e compartilhadas na comunidade. As fontes de informação identificadas no *corpus* estão apresentadas de forma detalhada nos apêndices B e C, como forma de ilustrá-las.

**Em relação ao tipo de mensagem da postagem**, obtivemos as seguintes subcategorias, a partir das observações: Citação (CIT), Curiosidade (CUR), Divulgação (DIV), Entretenimento (ENT), Notícia (NOT), Opinião (OPI), Poesia (POE), Questionamento (QUE) e Relato (REL).

A partir da análise do *corpus* de maneira isolada, identificamos a predominância

de 634 (84,6%) do total, destacando-se: Opinião, 165 (22,0%); Divulgação, 146 (19,4%); Notícia, 134 (17,8%); Curiosidade, 117 (15,6%); Citação, 35 (4,7%); Questionamento, 18 (2,4%); Relato, 8 (1,2%); Entretenimento, 6 (0,8%); Poesia, 3 (0,4%); e Dica, 2 (0,3%).

De forma combinada, identificamos 117 (15,4%) em relação ao *corpus*, com 24 variações (ver anexo A) em sua composição, quanto ao tipo de mensagem da postagem. Dessa maneira, aquelas com maior número de incidências foram: Notícia+Opinião, 22 (2,9%); Curiosidade+Opinião, 21 (2,8%); Opinião+Citação, 18 (2,4%); Opinião+Questionamento, 15 (2,0%); e Divulgação+Opinião, 5 (0,7%).

A definição dos tipos de mensagens nas quais são identificadas as postagens demonstra a abordagem da informação étnico-racial na comunidade virtual. Ao desvendarmos, dentre a vasta gama de tipos de mensagem, que opinião é a mais representativa, depreendemos que os membros da comunidade percebem aquele espaço como um lugar para que o seu entendimento em torno das informações étnico-raciais seja ouvido.

Os tipos de mensagem divulgação e notícia, como subcategorias identificadas no *corpus* em destaque, caracterizaram-se pela aproximação entre os membros no compartilhamento de informações atuais. A divulgação de *lives*, o lançamento de canais exclusivos da cultura negra e de sites de profissionais negros(as) representam o fortalecimento dos sujeitos informacionais através de ações identitárias. Além disso, postagens apresentando notícias expressam atualização de fatos que veiculam na mídia sobre questões do(a) negro(a).

Apresentamos na figura 13 uma postagem cujo tipo de mensagem é Opinião (OPI).

Figura 13 – Postagem com tipo de mensagem Opinião



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na publicação 440 (figura 13), apresentamos um exemplo de postagem que, quanto ao tipo de mensagem, incluímos na subcategoria Opinião, compreendendo que o sujeito informacional, homem negro, membro e residente em Angola, apresentou o seu entendimento sobre o conceito de consciência racial e a forma como o branco ignora a discriminação latente a partir da justificativa do mito da democracia racial. O autor finaliza a sua publicação afirmando que o cenário ao qual o(a) negro(a) é submetido(a) na sociedade não é “vitimismo” ou “mimimi”, termos utilizados para silenciar denúncias dos negros(as), mas um fato.

Nesse contexto, as postagens com opinião expressam a sua compreensão e crítica na relação do negro e negra em uma sociedade excludente. A opinião do sujeito informacional é uma informação étnico-racial ao considerarmos que, na sua elaboração, está contextualizado o sujeito negro(a) em um período temporal e espacial. Essas considerações demonstram o quanto as conjunturas são determinantes para o estabelecimento de práticas informacionais, ao considerar o sujeito informacional imerso em práticas sociais do seu meio.

**Em relação às motivações** para o compartilhamento de informações, utilizamo-nos das categorias apresentadas conforme Syn e Oh (2015): Aprendizagem (APR), Eficácia (EFI), Empatia (EMP), Engajamento social (ENS), Ganho pessoal (GAP), Interesse pela comunidade (INC), Prazer (PRA), Reciprocidade (REC), e Reputação (REP).

Nessa categoria, a maioria 696 (92,8%) das postagens analisadas foram inseridas em mais de uma motivação, e em apenas 55 (7,2%) foi agregada uma única motivação.

Na análise das postagens, aquelas às quais foram atribuídas uma **combinação das subcategorias de motivação** totalizaram 55 variações. Em se considerando o total de postagens, as que tiveram maior incidência foram: Engajamento social + Interesse pela comunidade, 238 (31,7%); Eficácia + Empatia + Engajamento Social + Interesse pela comunidade + Reciprocidade, 59 (7,9%); Aprendizado + Eficácia + Empatia + Engajamento social + Interesse pela comunidade + Reciprocidade, 54 (7,3%).

Quanto às postagens categorizadas de **forma isolada**, a preponderância concentrou-se em: Engajamento social, 19 (2,5%); Interesse pela comunidade, 13 (1,7%); Eficácia, 7 (0,9%); Aprendizagem, 5 (0,7%); Prazer, 4 (0,5%); Empatia, 3 (0,4%); Ganho pessoal, 3 (0,4%); e Reciprocidade, 1 (0,1).

Apresentamos na figura 14 a postagem mais representativa da subcategoria Engajamento social + Interesse pela comunidade em relação à totalidade das análises.



Figura 14 – Postagem motivação (ENS+INC)



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A postagem 580 (figura 14) é a publicação mais representativa na subcategoria combinada Engajamento social + Interesse pela comunidade. O autor da postagem, membro, negro e residente em Santa Catarina, ao publicar em sua Página pessoal do Facebook e posteriormente compartilhar na comunidade, expressa o anseio de conectar-se à temática étnico-racial na Web, estando os interesses da sua publicação de acordo com o debate e interação da comunidade virtual "VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II".

Em relação ao conteúdo da postagem, ela apresenta seis homens brancos e seis negros e negras, destacando que os homens brancos fortemente armados foram presos, ao passo que mulheres e homens negros, na proporção adversa, foram



assassinados sem portarem armas. A postagem é encerrada com uma citação de Martin Luther King Jr.: “Devemos nos preocupar não apenas com quem os assassinou, mas com o sistema, o modo de vida, a filosofia que produziu os assassinos.”.

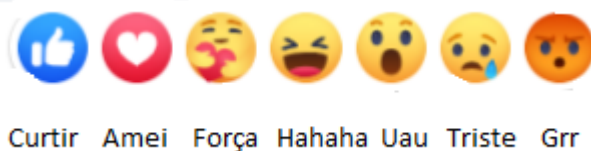
De maneira geral, a postagem (figura 14) propõe uma reflexão em relação ao tipo de abordagem dependendo da cor do indivíduo, estando incluído no quadro de assassinados o afro-americano George Floyd (EUA). A postagem é complementada com a citação de Martin Luther King Jr., também assassinado por lutar pela igualdade racial, que em seu discurso ressalta a importância do sistema e questões culturais daquele que assassina negros(as) injustamente.

As motivações elencadas por Syn e Oh (2015) nortearam as análises na comunidade virtual “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, permitindo compreender as motivações que permeiam as práticas informacionais na produção e compartilhamento de postagens.

**Em relação ao número de total de reações nas postagens**, utilizamos dados extraídos pelo Facebook, localizados à direita, na parte inferior da própria publicação, conforme figura 15. Assim, identificamos a média de 44,7 reações por postagem. Aquelas com maior número de engajamento são as que possuem imagem acompanhada ou não com texto, compartilhadas de outras fontes informacionais.

A contagem das reações é o somatório de todas as disponíveis no Facebook, conforme ilustrado na figura 15. Ao analisar o número de reações por tipo, obtivemos o total de 33.178 para o *corpus* analisado. Desse modo, as postagens receberam maior número de reações em Curtir, 23.835 (71,8%), seguido de: Amei, 5.914 (17,8%); Triste, 1.206 (3,6%); Grr, 971 (3,0%); Hahaha, 789 (2,4%); Uau, 279 (0,8%); e Força, 184 (0,6%).

Figura 15 – Tipos de reações nas postagens



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Esse levantamento demonstra que as postagens provocam nos sujeitos informacionais todas as reações inseridas na ferramenta do Facebook, prevalecendo

o Curtir, que expressa um sentimento parcial em relação à publicação, ao considerarmos que não existe a opção “Não curtir” entre as ferramentas da plataforma.

Ademais, postagens com temas como cultura negra, protagonismo negro e identidade racial são as que receberam maior número de reação “Amei”, representando o efeito de exaltação ao povo negro e, conseqüentemente, ao empoderamento racial através da apropriação cultural.

Quanto à reação “Triste”, esta foi atribuída pelos membros principalmente às postagens que abordaram temas como escravidão e racismo. Postagens que provocaram indignação e raiva, representadas pelo “Grr”, foram em grande maioria também aquelas sobre racismo em situações atuais, a exemplo do processo movido por Ludmila contra Val Marchiori por uma fala racista direcionada à cantora, e daquelas sobre o Dia Internacional da Mulher.

Dessa maneira, apresentamos na figura 16 a postagem com maior número de reações no *corpus* analisado. Após a figura, faremos uma breve análise da publicação, bem como observações adquiridas de forma empírica a partir do objeto de pesquisa.

Figura 16 – Postagem com maior número de reações



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Dentro o *corpus* analisado, a postagem 423 (figura 16) foi a que recebeu o maior número de reações: 694. Essa postagem, compartilhada sem identificação da fonte da imagem, foi publicada por um homem negro, membro e residente no Rio de

Janeiro. Refere-se a uma família identificada no canto superior, “The Blacksons”. Como descrição, o responsável pela publicação, homem negro, utiliza-se de três emojis expressando felicidade, carinho e amor, representando sua emoção ao apresentar a imagem da publicação.

Essa postagem (figura 16), com pessoas negras em desenhos animados transmitidos na televisão, da mesma forma como aquela trazida na figura 10, tem um significado de representação pela identificação com personagens negros(as) na televisão, sem estereótipos racistas.

**Com referência aos comentários**, a média foi de 8 comentários por postagem. O número de comentários é fornecido pelo Facebook à direita do canto inferior da publicação. No espaço dos comentários, há diversos tipos de interação, de acordo com as observações realizadas no grupo, principalmente elogios, críticas e acréscimo de informações, tanto em relação às publicações quanto em relação aos comentários de outros membros.

Apresentamos na figura 17 a postagem com maior número de comentários no período da coleta. A imagem ampliada está reproduzida na subseção 5.2.3.

Figura 17 – Postagem com maior número de comentários

6 de março

Quero fazer um DESABAFO após ver umas irmãs pretas atacando os homens pretos após eles receberem elogios em uma publicação: Uma pergunta as irmãs pretas do grupo: essa imagem de pretos lindos namorando mulheres brancas causam indignação em vocês? Se sim, por que não ficam indignadas da mesma forma quando mulheres pretas namoram brancos? Ah, já sei, mulheres pretas não palmitam, né? Nós estamos na base da pirâmide, não é isso? **MAS SERÁ QUE PRETA NÃO PALMITA E ESTAMOS MESMO NA BASE DA PIRÂMIDE?** Esse é um dos temas que eu mais odeio discutir, e é o que mais gera desentendimentos.

Qual dos sexos é morto pela polícia todos os dias? Qual dos sexos tem menos oportunidades de estudos sendo cooptado ao mundo do crime? Qual dos sexos cometem mais suicídios? Qual dos dois sexos adquirem mais vícios? Qual dos sexos exercem as funções mais insalubres e desgastantes, como peão de obras, gari? Qual dos sexos mais lotam as cadeias? Qual dos dois sexos tem menos expectativa de VIDA?

E o mais importante, qual dos dois sexos recebe, pelo menos, o mínimo de apoio devido a um movimento aí chamado "feminismo", que se preocupa em orientar mulheres e cobrar do Estado políticas públicas e assistencialistas exclusivas somente para um dos sexos? Eu já perdi 2 primos para o crime, e 1 primo para a violência de policiais racistas. Mas eu nunca como mulher cheguei perto de perder minha vida como já vi muitos dos meus conhecidos homens pretos.

Não sejam cegas, irmãs, os homens pretos estão sendo massacrados, e por todos os lados. A quantidade de mulheres no Brasil é muito maior do que a de homens (na casa dos milhões), e a diferença é ainda maior se for comparar somente a quantidade de mulheres pretas com a quantidade de homens pretos. Os homens pretos estão sendo mortos, humilhados, desprezados, presos e massacrados a cada minuto que passa.

Nós mulheres pretas sofremos com a rejeição, racismo, pobreza e machismo. Mas os homens pretos não estão tendo a oportunidade nem ao menos de viver.

**SE AS PRÓPRIAS MULHERES PRETAS QUE TAMBÉM RECONHECEM E SOFREM DO RACISMO ATACAM OS HOMENS PRETOS, ACABA SENDO JUSTIFICÁVEL ELAS PROCURAREM MULHERES DE OUTRAS RAÇAS QUE NÃO OS JULGUEM E OS ACEITEM COMO ELAS SÃO. PORTANTO, PAREM COM ISSO IRMÃS!!!**



115 219 comentários

Curtir Comentar

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Essa postagem 201 (figura 17), elaborada por uma mulher negra membro da comunidade e residente em Minas Gerais, recebeu 219 comentários, o maior número

no *corpus* analisado. Composta por texto e imagem, a publicação apresenta a opinião da autora da postagem em relação ao relacionamento de homens negros com mulheres brancas. A autora da postagem defende a opinião de que mulheres negras também “palmitam<sup>11</sup>”, ressalta que homens negros são as maiores vítimas da violência e finaliza justificando que o relacionamento dos homens negros com mulheres brancas está ligado à rejeição das mulheres negras. As imagens que a autora compartilha na postagem apresentam homens negros e mulheres brancas.

Dessa forma, a publicação aborda vários pontos de reflexão: a solidão da mulher negra, o relacionamento inter-racial, e questões sociais de ambos buscando justificativas para haver ou não a palmitagem. Os comentários produzidos em torno dessa publicação são analisados na seção 5.2.3.

Compreendemos que nos comentários as informações étnico-raciais são transmitidas, construídas e reconstruídas de acordo com interesses da comunidade, tendo como referência problemas pontuais. Também é nos comentários que as relações de poder se constituem, não apenas entre administrador ou moderador e demais membros, mas entre os próprios membros há discordâncias, resultando em insultos e saída ou expulsão do grupo. Não é um espaço tão democrático: opiniões diferentes daqueles que ocupam os cargos administrativos ou dos “emocionados” do grupo não costumam ser bem-vindas, visto que aqueles muitas vezes têm a sua opinião como única e que deve ser seguida por todos.

O ato de aquilombar-se foi encontrado em postagens e comentários, na identificação do outro como um irmão ou uma irmã, porém as diferenças no grupo existem e nem sempre são respeitadas entre os membros.

#### 4.2 ANÁLISE DE DISCURSO: INTERLOCUÇÕES A PARTIR DOS COMENTÁRIOS

A seguir, apresentamos as análises dos comentários tendo como referência metodológica a AD de Orlandi (2020). No início de cada tema, identificamos as postagens das quais foram extraídos os comentários com o número agregado na planilha do *corpus*, bem como título e data de publicação na comunidade. Nos parágrafos seguintes, apresentaremos uma breve introdução do contexto da postagem, seguindo para as análises propriamente ditas. Nas análises, a sistemática

---

<sup>11</sup> “Palmitagem” é um neologismo usado por mulheres negras brasileiras para se referir a homens negros que estão envolvidos com mulheres brancas.

de apresentação foi a descrição da postagem seguida da imagem<sup>12</sup> e apresentação dos enunciados/comentários mais expressivos (identificados no quadro com a letra E seguida do número sequencial), finalizando com a interpretação discursiva.

A lógica de interpretação e apresentação das análises discursivas está fundamentada na Análise do Discurso proposta por Orlandi (2020), considerando aspectos relativos à linguagem, sujeito, história e ideologia.

#### 4.2.1 Racismo

Nesta subseção, analisamos o discurso dos sujeitos informacionais pertencentes à comunidade “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, tendo como plano de fundo o racismo, buscando compreender a percepção e formação discursiva ao abordar esse tema.

Diante disso, foram analisados os comentários das seguintes postagens: **Postagem 236** - “Mulher negra denuncia racismo no supermercado” - 07 de março de 2021; **Postagem 637** - “Defina racismo” - 26 de março de 2021; **Postagem 678** - “Anarcha: a mulher negra que foi cobaia das primeiras experiências ginecológicas” - 28 de março de 2021.

Os comentários da primeira postagem (“Mulher negra denuncia racismo no supermercado”) giram em torno da denúncia de uma mulher negra em situações discriminatórias por parte dos seguranças do supermercado “Campeão da Abolição” no Rio de Janeiro.

Os comentários da postagem 637 (“Defina racismo”) tiveram como ponto de início de discussão a decisão desfavorável para a cantora, negra, Ludmila. O processo está relacionado ao fato da apresentadora Val Marchiori, mulher branca, em rede nacional comparar o cabelo da cantora com esponja de aço, sendo o ato julgado pelo juiz como liberdade de expressão. Os comentários dos interlocutores são direcionados à influência do judiciário nesses tipos de julgamentos e formas de mudança do cenário.

Finalizamos as análises em torno do tema racismo com os comentários da postagem 678 (“Anarcha: a mulher negra que foi cobaia das primeiras experiências ginecológicas”), na qual o discurso é voltado para mulheres negras em procedimentos

---

<sup>12</sup> Quando a postagem apresentar vídeo, acrescentamos a transcrição do áudio após a imagem, para compreensão do seu contexto.

obstétricos. O ponto de partida da postagem apresenta a jovem escrava Anarcha Westcott, no século XIX, nos Estados Unidos, que serviu de cobaia de procedimentos médicos sem uso de anestesia.

### ***Mulher negra denuncia racismo no supermercado***

A postagem 236 (figura 18) apresenta, através do vídeo, uma denúncia de racismo ocorrida no supermercado contra uma mulher negra e seus familiares, sendo publicada por uma mulher negra, membro e local de residência não identificado. A fala em tom de voz alto expressa a sua revolta por nada ter sido feito para acabar com as situações opressivas vivenciadas pela locutora. O valor pago pelas compras, bem como a frequência no local e a sua aparência (enquadrada no padrão para brancos) não a impede de ser vigiada pelos seguranças. Sua cor de pele é o fator determinante, associada à imagem construída pela sociedade racista em estereótipos discriminatórios. O gerente do estabelecimento, ao fornecer uma folha de caderno solta para ela realizar sua queixa, expressa o grau de importância dada ao fato relatado pela cliente. O mesmo pode ser interpretado pela conduta da Polícia Militar (PM), ao informar à vítima que o ato de ser seguida não é caracterizado como injúria, ou seja, o segurança não ofendeu a dignidade da mulher negra com sua perseguição constante. O nome do supermercado anunciado no vídeo é “Campeão da Abolição”, o que poderá ser ressignificado pelos sujeitos, a partir da informação de racismo aos clientes.

Durante a exibição do vídeo, são apresentadas frases utilizadas como recurso para elucidar os fatos: 1. “Denúncia de racismo no supermercado Campeão da Abolição”; 2. “A empresa nunca disponibilizou um livro de reclamações para registro!”; 3. “Na reclamação anterior, a empresa forneceu apenas uma folha de caderno”; 4. “Em contato com o 190, a PM informou que o ato da segurança de me seguir não é injúria”.

Como forma de compreensão do contexto, apresentamos a postagem 236 (figura 18) e, logo em seguida, a transcrição do vídeo (quadro 4).

Figura 18 – Postagem “Mulher negra denuncia racismo no supermercado”



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Apresentamos a seguir (quadro 4) a descrição da fala da mulher negra no vídeo.

Quadro 4 – Transcrição do vídeo - "Mulher negra denuncia racismo no supermercado"

Moro aqui há 12 anos neste local. Faço compras regularmente aqui, eu e minha família. Minha mãe, meu pai, meu irmão e eu. Todas as vezes que a gente passa aqui por esses caixas, por sermos negros, enche de segurança atrás da gente. É segurança olhando quando a gente caminha, quando a gente escolhe os produtos e várias vezes eu finjo que isso não está acontecendo porque eu não quero acreditar que no Brasil existe racismo a ponto de me impedir de entrar dentro de um supermercado e fazer as minhas compras. Eu estou cansada, falo com o gerente, falo com um com outro, pedem desculpas, e o comportamento se repete dia após dia. Até com os meus pais idosos, eu tenho uma mãe de 82 anos e um pai de 79. Eu estou cansada. Eu passo, finjo que não tá acontecendo. Arrumadinha, cabelão, unha feita...ninguém vai ter racismo comigo. Mentira!! Eu entro aqui e todo mundo



acha que vou roubar alguma coisa. Tá aqui a minha carteirinha. Contadora formada, tenho universidade, pós-graduação, vários cursos de especialização e, nem assim, todas as vezes que eu entrava e um segurança atrás de mim. Será que ela vai roubar? vai pegar alguma coisa? vai pegar açúcar? um leite? um chocolate? Canso de deixar meu dinheiro aqui. Todas as vezes é a mesma coisa. Finjo que não acontece, quando é comigo eu abaixo o tom. Ontem foi com o meu irmão. Um dia ele abaixou, ficou quieto, estava com a minha mãe. E hoje de novo veio fazer as compras e a segurança veio atrás dele. Até quando? Eu não aguento mais! O supermercado Campeão é uma vergonha. Entra funcionário, sai funcionário, e a conduta é sempre a mesma! Conheço esse rapaz que fica na segurança. Conheço Cosme, conheço não sei quem. E ainda assim... todas as vezes é o mesmo comportamento. Até quando você que é negro vai passar por isso que eu estou passando? E não adianta porque eles não mudam. Não é o funcionário é a mentalidade da empresa que precisa mudar. Quantas pessoas entram aqui, furtam, comem, colocam dentro da bolsa, ninguém repara a cor da pele, quantas? Agora se sou eu, alguém da minha família, meus pais idosos, meu irmão, vem todo mundo em cima. Agora convido vocês que desconfiam, venham olhar a carteira de trabalho do meu irmão, no que ele trabalha, o salário que ele ganha. Porque quando a gente é negro, o preconceito começa desde que a gente sai da maternidade. E isso tem que acabar dentro do supermercado Campeão. E não é só aqui, em todas as redes de supermercados tem que acabar. Nós merecemos respeito. Eu não vou ficar mais calada! Não vou mais fazer mais o papel de boa moça, educada, fina. Eu vou lutar pelos meus direitos! Ouça quem quiser ouvir, e faça quem quiser fazer alguma coisa. Porque eu vou lutar. Porque eu trabalho, eu gero renda, eu pago os salários dos funcionários daqui com o meu dinheiro! Todo mundo me conhece aqui. Quem é que não conhece a menina do cabelão? E, mesmo assim, desconfiam de mim todos os dias. Eu pago o salário de vocês. É toda hora, é cento e pouco, duzentos e pouco, trezentos, adoro comprar, tô sempre comprando, e ainda assim eu sou vista como um ser de segunda categoria, sabe por que? por conta da minha pele. Acabou, hein? Eu não vou suportar mais isso calada! Todas as vezes que acontecer isso aqui, se for preciso eu subo até aqui. Eu vou denunciar!

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a publicação dessa postagem, identificamos no discurso um conjunto de informações que demonstram relações de revolta e sentimentos, ao considerar que esse fato ocorre com milhares de negros e negras no mundo. Considerando a perspectiva em práticas informacionais, quando o sujeito informacional recebe uma informação, seja histórica ou atual, ele tem duas opções: aceitar ou agir socialmente, buscando mudanças nesse cenário (ARAÚJO, 2017). Frente à inércia da administração do supermercado diante da denúncia, o sujeito informacional, ao ter

conhecimento da denúncia, através da postagem, identifica como mais um ato de racismo em supermercado e não aceita tal situação. Essas interlocuções representam o uso da informação étnico-racial como forma de denúncia, reagindo em busca do combate ao racismo. Assim, apresentamos no quadro 5 comentários da postagem que são representativos nesse contexto.

Quadro 5 – Comentários da postagem “Mulher negra denuncia racismo [...]”

[E1]: “Qual estado/cidade que têm essa rede de supermercado? Preciso marcar na minha listinha de boicote.”
[E2]: “Também não conheço, fixei nas palavras emocionantes dessa mulher negra, que me representa. O supermercado é no Rio de Janeiro.”
[E3]: “É que nem um supermercado aqui perto de casa chamado Ramos, nunca mais piso lá, toda vez que eu ia era seguido até na hora de pagar as compras.”
[E4]: “Semana passada aconteceu diferente. Percebi três pessoas me observando na direção do caixa que eu estava aguardando para pagar. Um segurança, uma funcionária, e uma pessoa de um outro caixa. O pior é que nem posso boicotar, porque é o mercado mais barato onde eu moro, e a situação financeira está crítica. Tem que enfrentar mesmo, não tem outro jeito.”

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na constituição da formação discursiva, consideramos o movimento entre linguagem, sujeito, história e ideologia. (ORLANDI, 2020). Nessa percepção, compreendemos no enunciado [E1] o fato do sujeito informacional antecipar seu discurso, indagando o local em que ocorreu o fato do racismo, expressando seu interesse pela denúncia anunciada na postagem. Conseqüentemente, como resultado da conjuntura ideológica e sócio-histórica, o sujeito informacional informa que possui uma “listinha de boicote”, realizando ações para o combate ao racismo em supermercados. Assim, o que se mostra subjacente no primeiro dos discursos é uma perspectiva ideológica que se fundamenta em rechaçar manifestações racistas que ocorrem cotidianamente em relação à população negra.

O processo da produção de sentido, ou seja, forma interpretativa do discurso, está relacionado com o significado agregado pelo sujeito. (PÊCHEUX, 1997). No enunciado [E2] identificamos que a postagem publicada refletiu no sujeito informacional sentimento de empatia, em seu discurso: “[...] fixei nas palavras

emocionantes dessa mulher negra, que me representa”. Nesse sentido a argumentação de empatia, segundo Rabatel (2013), expressada pelo sujeito informacional, colocando-se no lugar do outro, integra seu ponto de vista compartilhado entre os membros da comunidade. Além disso, a localização do supermercado no Rio de Janeiro, ainda que de forma não explícita, faz referência a um espaço geográfico no qual o racismo se articula de forma *sui generis*.

A ruptura dos padrões impostos pela supremacia branca está relacionada com a essência dessa comunidade, realizando movimentos de descolonização social, dentre outras. No enunciado [E3], o sujeito informacional compartilha das suas experiências vivenciadas no cotidiano, bem como estratégias adotadas rompendo com a relação de poder entre negros(as) e brancos(as). Além disso, o sujeito informacional, em seu discurso, apresenta sua consciência racial diferenciando o tratamento dado a ele em relação a outros clientes brancos(as) no mesmo local e situação.

As relações de poder são constituídas a partir das formações sociais, como, por exemplo, empregado e empregador, branco e negro, entre outros. (COURTINE, 2009). No enunciado [E4] torna-se evidente o assujeitamento do(a) negro(a) em uma sociedade que em toda a sua história evidenciou a discriminação racial. O assujeitamento nesse sentido está diretamente relacionado com a ideologia e a situação desses sujeitos.

Enfim, as formações discursivas em torno da postagem 236 (figura 18) relacionaram-se com ações de enfrentamento ao racismo, bem como sentimentos de identificação com a mulher negra da publicação. Além disso, há enunciados em que o sujeito negro identifica o racismo, porém não age devido a sua situação econômica.

Em suma, a possibilidade de identificar um ato racista está associada ao processo do conhecimento da informação étnico-racial e ao empoderamento racial, rompendo com processos opressivos. (BERTH, 2019).

### ***Defina racismo***

A postagem 627 (figura 19) publicada na comunidade por uma mulher negra, membro e residente em Minas Gerais, apresenta a decisão do juiz favorável a Val Marchiori, socialite, mulher branca, em um processo movido contra ela por Ludmilla, cantora e mulher negra. O juiz do processo julgou o fato em litígio como "liberdade de

expressão e direito à crítica", tendo a cantora (mulher negra) que pagar honorários advocatícios à apresentadora (mulher branca).

Figura 19 – Postagem “Defina racismo”



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O fato que moveu a ação foi o comentário racista da apresentadora ao comparar o cabelo de Ludmila com “Bombril” (palha de aço) em rede nacional. As frases “Defina racismo” e “Liberdade de expressão e direito a crítica” são incluídas na postagem.

Essa postagem despertou nos membros do grupo questionamentos em relação à justiça brasileira e exercícios da mesma situação em lados opostos, concluindo que a decisão favorável está para a mulher branca.

Apresentamos no quadro 6 comentários que foram mais representativos desenvolvidos a partir da postagem.

Quadro 6 – Comentários da postagem “Defina racismo”

[E5]: “A Ludmilla ganhou isso é fake news.”
[E6]: “O nome da Juíza ou Juiz que julgou, existe alguma matéria com a Ludimila falando sobre a sentença e qual auxílio do movimento negro foi oferecido para ela? Faço estas perguntas, porque são informações importantes, onde os dados obtidos servem como parâmetros, para analisarmos a atuação da militância do movimento negro e também se existem outros casos, onde os julgamentos tiveram o mesmo veredito!”
[E7]: “Nível Brasil, agora o chamar alguém de feio ou feia, é lisonjeiro, vai um preto chamar o calcaseano ( <i>sic</i> ), de nomes pejorativos??? Kkkkkk!!!! Mandam a gente para o quinto dos infernos judicial .....kkkkk!!!! Meu Deus me tira do inferno, chamado Brasil!!!!kkkkkkk”
[E8]: “A escravidão continua ...palavras são como navalhas.”
[E9]: “E tem justiça nesse país? A favor das causas raciais acho que não. ENTENDAO ( <i>sic</i> ) NÃO IMPORTA A CLASSE SOCIAL QUE VOCE ( <i>sic</i> ) OCULPA ( <i>sic</i> ) RACISMO SEMPRE VAI EXISTIR”
[E10]: “Os brancos se defendem e vai continuar assim,nos temos q nós unir ( <i>sic</i> ) cada vez mais a mulher foi racista em rede nacional e vence a causa pelo amor dos Deuses.”
[E11]: “FAZER O QUE JUSTIÇA BRASILEIRA É TODA BRANCA E RACISTA PARA ELE A TAL VAL TÁ CERTA. UNICO JEITO DE ACABAR COM ISSO É OS NEGROS ENTRAREM LÁ PARA NOS DEFENDER...”

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Conforme Foucault (2011), o ato de rejeitar determinado discurso está relacionado com os padrões impostos pela sociedade. No discurso [E5] o sujeito informacional rejeita a informação, julgando ser falsa. Dessarte, compreendemos que a concepção de sociedade constituída no imaginário deste sujeito é que processos envolvendo racismo são julgados de forma favorável ao povo negro. Dessa forma, o efeito de sentido reproduzido no imaginário é fruto da interpelação do sujeito com aspectos ideológicos e simbólicos. (ORLANDI, 2020).

Na comunidade virtual “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” identificamos uma relação entre o debate étnico-racial e o âmbito histórico e atual. No enunciado [E6], o sujeito informacional realiza esse movimento, ao questionar a atuação do Movimento Negro no caso da referida postagem, considerando seu caráter

combativo às desigualdades raciais registrado no passado. Nesse sentido, a memória resgata um espaço identitário, provocando o seguimento dos sentidos constituídos. (ORLANDI, 2012).

Na formação discursiva [E7], compreendemos a presença de relações de poder determinando sentidos. (ORLANDI, 2012). Contextualizando a realidade brasileira, o sujeito informacional realiza a comparação de uma mesma ação desenvolvida por um(a) branco(a) e um(a) negro(a), concluindo que o judiciário irá interpretar de formas diferentes de acordo com a raça dos autores. A conjuntura discursiva delineada no contexto exposto – “Nível Brasil, agora o chamar alguém de feio ou feia, é lisonjeiro, vai um preto chamar o calcaseano (*sic*), de nomes pejorativos??? [...] Mandam a gente para o quinto dos infernos judicial” – expressa a influência de quem julga o processo, ao considerar autoridade do discurso, influenciado pelo caráter ideológico e padrões eurocêntricos em suas interpretações.

No enunciado [E8]: “A escravidão continua... palavras são como navalhas.” o termo “escravidão” está expresso no sentido de memória em um processo de paráfrase trazendo para a significação em relação à história atual. (ORLANDI, 2020). Dessa forma, a violência simbólica, efetivada por insultos na tentativa de impor determinados valores culturais, deixa marcas não físicas, mas emocionais e psicológicas. (BOURDIEU, 1989).

O racismo é estrutural, isto é, decorrente da estrutura social com tais práticas na organização política e econômica. (ALMEIDA, 2019). No enunciado [E9] compreendemos que o sujeito informacional é consciente em relação a cor da pele ser o fator determinante para as práticas racistas. Dessa maneira, a denúncia tanto da postagem quanto do enunciado está em dizer que independente da classe social do sujeito negro(a), sempre haverá o racismo.

A formação discursiva [E10] – “a mulher foi racista em rede nacional e vence [...]” – destaca que são dois os meios que ignoraram o ato racista: a televisão, que serviu de palco para tal ação; e o judiciário, ao dar ganho de causa à mulher branca que comparou o cabelo da mulher negra com esponja de aço. Compreendemos o desenvolvimento do pensamento crítico do sujeito informacional em relação à informação compartilhada na postagem, permitindo que outros membros desenvolvam análise crítica das informações étnico-raciais.

O enunciado [E11], o último analisado no contexto da postagem 637, apresenta opções para a mudança em julgamentos de crimes de racismo e injúria, ao sugerir

que é necessário a presença de negros e negras nos tribunais, isto é, quebrar paradigmas criados pela supremacia branca e ocupar esses espaços. O recurso utilizado apresentando as palavras do texto inteiro em caixa alta é uma forma de fazer com que os membros do grupo, além de possuírem a crítica aos fatos, façam a mudança desse cenário apresentado na postagem e comentários.

A posição do sujeito pode ser identificada na análise de discurso, conforme Orlandi (2020). Dessa forma, os enunciados referentes à postagem 627 (figura 19), a qual abordou a decisão judicial desfavorável à vítima de racismo, permitiram compreender a capacidade crítica em relação à informação étnico-racial, compartilhando suas percepções.

Ademais, a memória discursiva do Movimento Negro e Escravidão foram utilizadas nas formações discursivas apresentando no primeiro a preocupação na continuidade enquanto coletivo combativo, e o segundo em relação à violência simbólica como forma de agressão ao sujeito negro(a).

Nesse sentido, as práticas informacionais estão pautadas na relação do sujeito na sociedade, compartilhando conhecimento de maneira crítica à informação étnico-racial nesse espaço virtual.

### ***Anarcha: a mulher negra que foi cobaia das primeiras experiências ginecológicas***

A postagem 678 (Anarcha: a mulher negra que foi cobaia das primeiras experiências ginecológicas) foi publicada na comunidade por sua moderadora, negra e residente no Rio de Janeiro. A postagem compartilhada de uma página pública do Facebook, “Iconografia da História”, apresenta a história de Anarcha Westcott, jovem escravizada do Alabama, que serviu de cobaia para procedimentos ginecológicos executados por James Marion Sims, homem branco, em 1849. Acreditando que negros e negras não sentiam dor, Sims submeteu a jovem a 30 procedimentos sem anestesia – a despeito de em seus relatórios assumir que as mulheres negras gritavam de dor e poderiam morrer durante os experimentos ginecológicos. Após vários experimentos em mulheres negras, James Marion passou a utilizar a técnica em mulheres brancas com anestesia. Essa realidade de ignorar o uso de anestesia em pacientes negros(as) permanece, conforme dados apresentados pela Fiocruz, segundo a postagem apresentada na figura 20.

Figura 20 – Postagem “Anarcha: a mulher negra que foi cobaia [...]”



 compartilhou uma **publicação**.
 ...

28 de março · 🌐

Crimes contra nós! Contra a Mulher Negra!  
 Recomendo a leitura 📖 📖



**Iconografia da História**  
 28 de março · 🌐

Anarcha: a mulher negra que foi cobaia das primeiras experiências ginecológicas

Até hoje, muitas mulheres sentem-se desconfortáveis ao fazerem certos exames ginecológicos. Casos de abusos cometidos em consultórios ou de violência obstétrica são mais comuns do que imaginamos. E foi justamente a partir de procedimentos médicos violentos que nasceu a ginecologia moderna.

Considerado o pai da ginecologia moderna, James Marion Sims desenvolveu uma série de intervenções cirúrgicas em mulheres escravizadas e notabilizou-se por desenvolver uma técnica cirúrgica para correção de fístulas vesicovaginais e retrovaginais, que são conexões anormais entre a bexiga, a vagina e o reto. Ele começou a desenvolver seus procedimentos cirúrgicos em 1845 e a sua principal cobaia foi Anarcha Westcott, uma jovem escravizada de 17 anos, que vivia no Alabama.

Anarcha sofria de raquitismo e, por isso, tinha a sua pélvis desfigurada. Em 1849, ela ficou por três dias sofrendo a dor de um parto extremamente difícil em função de sua condição de saúde. O médico James Marion Sims entrou em cena para ajudá-la, mas, na verdade, a jovem se tornaria uma cobaia de seus experimentos ginecológicos.



Sims acreditava que os negros sentiam menos dor, por isso, não hesitou em submeter Anarcha a 30 procedimentos cirúrgicos sem uso de anestesia.

A jovem conseguiu ter o seu filho, porém foi submetida a uma dor extrema para que o médico desenvolvesse a sua técnica. Além disso, enfrentou muitas dores e sangramento na vagina e no reto, após a cirurgia. Isso serviu de deixa para que Sims continuasse a desenvolver as suas técnicas cirúrgicas, torturando Anarcha com uma série de outros procedimentos.

Além de Anarcha, dezenas de outras mulheres escravizadas passaram por suas mãos, todas foram vítimas de cirurgias sem anestesia, muitas delas morreram. E foi graças à dor dessas mulheres, tratadas como meras cobaias, que o médico aperfeiçoou a sua técnica de correção da fístula vesicovaginal. Depois de torturar diversas mulheres negras, o médico passou a realizar a cirurgia em mulheres brancas, nessas, no entanto, ele passou a usar anestesia.

A falta de ética de suas técnicas foi ignorada durante longo tempo e ele ganhou o título de pai da ginecologia moderna, sendo homenageado com uma estátua no Central Park, em Nova York. Em 2018, a estátua foi removida e, em seu lugar, foi colocada uma placa informando sobre a crueldade dos experimentos praticados por Sims e apresentando as histórias de Lucy, Betsey e Anarcha, três das mulheres escravizadas que serviram de cobaias para que o médico desenvolvesse as suas técnicas.

Nos relatórios dos experimentos que realizava, James Marion Sims falava que as mulheres escravizadas choravam de dor durante as cirurgias, admitia que elas poderiam morrer na mesa de operação, entretanto, sua ânsia por se tornar o pioneiro dessa técnica ginecológica era muito maior que qualquer princípio ético, levando-o a ignorar a extrema dor que as mulheres sentiam e a continuar os seus procedimentos sob a alegação de que não havia a necessidade de anestesia, já que as mulheres negras eram mais resistentes à dor do que as brancas. Ainda hoje, essa visão equivocada deixa seus lastros. Segundo relatório publicado em 2017 pela Fiocruz, é duas vezes maior a probabilidade de uma mulher negra não receber anestesia ao passar por uma episiotomia durante o parto.

Texto: Adriana de Paula

   114

13 comentários

 Curtir

 Comentar

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No quadro 7, apresentamos os enunciados selecionados para aplicar a análise de discurso.

Quadro 7 – Comentários da postagem “Anarcha: a mulher negra que foi cobaia [...]”

[E12]: “Foi exatamente isso que eu lembrei quando vi sobre a declaração da Xuxa. Vejam como mulheres negras sempre foram subjugadas na ‘evolução da ciência’. Um sadismo que perdura até os dias de hoje. As mulheres negras são as maiores vítimas da violência obstétrica!”

[E13]: “E ainda dizem que vivemos nos vitimizamos, que somos cheios de mimimi e assim caminha a humanidade nos devendo muita coisa sobretudo dignidade. Se hj um negro precisar de UTI e chegar um branco, e só tiver uma vaga, quem vc acha que ganhará essa vaga? Pois é”

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Durante uma *live* no Instagram da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em 2021, a apresentadora Xuxa Meneghel defendeu experimentos de novos remédios e vacinas contra a Covid-19 em presidiários. Essa fala trouxe vários comentários, lembrando que a maioria dos que estão presos no Brasil são negros(as), o que caracterizaria como racismo realizar testes na população carcerária.

Dessa maneira, a partir da postagem em que apresenta Anarcha, uma mulher negra que serviu de cobaia em experimentos ginecológicos, o sujeito em [E12] associa o fato histórico ao comentário de Xuxa Meneguel ao sugerir que os(as) presidiários(as), a maioria negros(as), fossem cobaias de novas medicações e vacinas.

Em [E13], o sujeito apresenta o trecho “E ainda dizem que vivemos nos vitimizamos, que somos cheios de mimimi”, afirmando que os fatos relatados na postagem realmente foram movidos pela cor da pele de Anarcha. Assim, através de informações como as da postagem, que não são encontradas de forma fácil, como estratégia hegemônica, esses sujeitos podem argumentar que os negros na sociedade ainda sofrem com o racismo.

Para compreendermos a segunda parte de [E13], é necessário contextualizar o momento em que foi escrito: a pandemia da Covid-19, em um período de grande número de contágios e leitos de UTI, tanto públicos quanto particulares, superlotados. Quando o sujeito diz “Se hj um negro precisar de UTI e chegar um branco, e só tiver uma vaga, quem vc acha que ganhará essa vaga? Pois é”. Ao antecipar com o “Se hoje”, faz referência àquele contexto, enfatizando a discriminação também na hora de decidir quem receberá os devidos cuidados médicos.

Encerramos a seção com postagens em que os acontecimentos foram sobre o racismo no supermercado, em rede nacional de televisão e nos hospitais. A identificação com atos de racismo sofrido e o rompimento dos padrões hegemônicos são algumas das características identificadas nesses discursos. O conhecimento compartilhado nos enunciados foi pautado em experiências vivenciadas ou conhecidas.

Na seção seguinte, apresentamos a análise de discurso a partir de comentários desenvolvidos no grupo “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” em relação à representatividade da mulher negra no Dia Internacional da Mulher.

#### **4.2.2 Dia Internacional da Mulher**

Nesta subseção, buscamos compreender o discurso da mulher negra na sociedade a partir do recorte da representatividade no Dia Internacional da Mulher, além disso, detectar o encadeamento dos membros masculinos do grupo sobre o tema. Nesse sentido, analisamos as seguintes postagens: **Postagem 86** - “dia 8 de março está chegando. Vocês mulheres pretas se sente (*sic*) representada por essa data” - 02 de março de 2021; **Postagem 226** - “Você sabe o que é Mulherismo Afrikana, de Clenora Hudson?” - 07 de março de 2021; **Postagem 255** - “Bom dia gente Preta!” - 08 de março.

Nas postagens selecionadas, há em comum o debate sobre o Dia Internacional da Mulher, o que é indicativo de que as discussões estão condicionadas pelo recorte temporal proposto na metodologia deste estudo. Ainda assim, nesse contexto, foi possível identificar no discurso o resgate histórico e a identidade da mulher negra imersa em uma sociedade excludente. Inclusive, cabe destacar que no grupo analisado elas estão em menor número entre os membros.

#### ***Dia 8 de março: vocês mulheres pretas sentem-se representadas?***

A seguir, apresentamos a imagem da Postagem 86 (figura 21) - “Dia 8 de março está chegando. Vocês mulheres pretas se sente (*sic*) representada por essa data”, postada no dia 02 de março de 2021 no grupo VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”.

Figura 21 – Postagem “Dia 8 de março está chegando.[...]”



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A postagem 86 (figura 21) foi identificada como de autoria de um homem negro, administrador da comunidade e residente no Rio Grande do Sul. O texto da postagem diz “Dia 8 de março está chegando Vocês mulheres pretas se sente (*sic*) representadas por essa data”. Compreende-se como uma pergunta, de modo que, embora ocorra a ausência do ponto de interrogação no final da frase, foi interpretada como interrogativa.

Sendo o assunto relacionado ao Dia Internacional da Mulher, entende-se que a postagem foi direcionada às mulheres pretas do grupo. Porém, quem produz e compartilha a postagem é um homem negro, administrador do grupo. Isso significa que esse sujeito assume os dois lugares de fala (homem negro e administrador do grupo), fato que analisamos sob a perspectiva dessas condições haverem gerado relações de força no discurso e interferido em práticas informacionais. Em análise de discurso, segundo Orlandi (2014), “o poder depende da maneira como a ideologia funciona em nós”.

Para esta análise, enfatizamos as interlocuções entre mulheres negras e o autor da postagem. Dessarte, o autor agiu de forma crítica quando as respostas não estavam de acordo com a sua concepção, e de forma questionadora quando expressavam opinião semelhante a sua. Em ambos os casos, assumiu uma postura investigativa, deixando explícita a sua posição sobre o tema. Exemplificamos essa relação no quadro 8, identificando sentidos na interlocução entre “autor” da postagem

e “mulher negra”, ao expressar opinião contrária a sua posição, e como outras mulheres negras do grupo dão continuidade ao diálogo. Codificamos as identificações como MN1 (mulher negra 1), HN1 (homem negro 1), MN2 (mulher negra 2) e MN3 (mulher negra 3).

Quadro 8 – Comentários da postagem “Dia 8 de março está chegando. [...]”

[E14]: MN1: Preguiça viu, não importa se foram mulheres brancas, pretas, indígenas. Foram mulheres q queriam igualdade ao trabalho, receber o mesmo salário q um homem, não se trata de igualdade racial e sim de posição social, infelizmente uma tragédia. E hj somos livres em termos de igualdade salarial. Parem com isso de td ser baseado somente na cor, a representatividade aí é sobre as mulheres! Juntos somos mais fortes em tudo.

[E15]: HN1: Que dá preguiça é ler um comentário desses porque quando essa data foi criada mulheres pretas estavam sendo enforcada (*sic*) e lixadas (*sic*).

[E16]: MN2: que tristeza ler seu comentário.

[E17]: HN1: E todas mulheres têm direitos iguais? as mulheres pretas estão em desvantagem das mulheres brancas?

[E18]: MN2: o irmã a questão não é uma opinião, o que você fala é uma teoria embranquecida que fortalece a opressão e a deslegitimação de lutas grandiosas de mulheres pretas que lutaram para que eu e vc tivesse (*sic*) o direito de existir e resistir.

[E19]: MN3: querida como vc diz acima é sua opinião, só que a sua opinião não condiz com a realidade. Quando questionamos que não somos representadas no dia 8 de março, é pq (*sic*) não somos mesmo, tanto que tem o dia 25 de julho que homenageia o dia da mulher mulher negra e Tereza de Benguela.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Em [E14], o sujeito, uma mulher negra, ao utilizar-se do mecanismo de antecipação para iniciar a sua fala com “Preguiça viu, não importa se foram mulheres brancas, pretas, indígenas” determina a sua posição na relação de forças: a imagem do lugar de quem significa com o seu poder de dizer enquanto mulher negra nesta comunidade virtual. O termo “preguiça” antecipa a sua posição contrária ao que está sendo posto pelo autor da postagem e outros membros do grupo, isto é, a mulher negra não se sentir representada pelo 8 de março pelo contexto histórico em que se deu a data.

Na Análise de Discurso, o sujeito atribui sentido, e este é o efeito da nossa interação com os textos, mediada pela ideologia, a qual permite diferentes interpretações e dizeres, para o mesmo objeto. Dessarte, as condições de produção entre o emissor e receptor no processo do discurso são atravessadas pela significação do sentido entre locutores, podendo assim gerar conflito de sentido a partir da ideologia de cada sujeito (ORLANDI, 2020). A ideologia nos discursos que apresentamos tem por base a dicotomia raça em primeiro lugar (a maioria) e gênero antes de raça (a minoria).

Identificamos, nesse contexto, que as relações de poder não são definidas a partir da posição enquanto gênero, e sim enquanto argumentações ideológicas materializadas nos comentários. Porém, na constituição discursiva existem diferenças entre homens e mulheres, conforme análises descritas a partir do recorte realizado e apresentado a seguir.

Enquanto homem negro e autor da postagem, o sujeito em [E15] direciona a sua argumentação à mulher negra de forma contrária ao que ele defende. O termo “preguiça” foi utilizado como antecipação da posição da mulher negra, porém o receptor da mensagem o replica apresentando a sua posição oposta, lembrando a realidade vivenciada pelas mulheres negras no período da criação da data.

Essas interações, expressando pontos de vista contraditórios, podem motivar membros do grupo a abandonarem este espaço ou fazer com que se torne inóspito a expor suas opiniões. A partir dessas características, práticas informacionais em grupos do Facebook estão condicionadas à compreensão e respeito de opiniões contrárias.

O sujeito, homem negro e autor da postagem, em [E17] indaga: “E todas mulheres têm direitos iguais? as mulheres pretas estão em desvantagem das mulheres brancas?”. Ao questionar a receptora sobre a igualdade em direitos e vantagens entre mulheres negras e brancas na sociedade, busca argumentar a sua posição, não apresentando de forma explícita, mas através de respostas que poderão estar silenciadas no seu consciente. Segundo Orlandi (2014), a identidade resulta de “processos de identificação”. Nesse caso, a percepção da receptora dos questionamentos pode ter em suas respostas a sua percepção da mulher negra em uma sociedade.

Não houve resposta em relação ao questionamento dado em [E18], assim, compreendemos que por trás do silêncio da “mulher negra” está o não-dito, sendo o

questionamento responsável pelo recolhimento e reflexão de suas palavras. Cabe salientar somente aquelas que defendem raça em primeiro lugar, que argumentaram as opiniões contrárias.

Ainda incluindo a análise da constituição discursiva entre homens e mulheres diante de opiniões contrárias, identificamos em [E19] que o sujeito, mulher negra, utilizou-se da argumentação explícita de sentimento em “que tristeza ler seu comentário”. Esse sentimento de tristeza está vinculado com o que considera como representação correta da mulher negra, que vem em primeiro lugar.

Ao expressar sentimentos, essas mulheres negras também as chamam de forma afetiva, com vocativos tais como “irmã”, em [E18], e “querida”, em [E19], ao anteciparem suas posições em relação ao tema, representando a aproximação entre os membros do gênero feminino no grupo, com demonstração de empatia. Trazem, como respaldo da sua opinião, informações da realidade de mulheres negras na sociedade, de forma crítica e concreta.

A argumentação da mulher negra em [E20], enquanto membro da comunidade virtual analisada, em não se sentir representada pelo dia 8 de março está compreendida na memória histórica, resgatando a opressão do branco ao(a) negro(a) e, conseqüentemente, a “teoria embranquecida” constituída ideologicamente através da consciência crítica do(a) negro(a) em não aceitar assujeitamentos ditados pela supremacia branca.

Em [E20], há uma reconstrução da data em que deve ser comemorado o dia da mulher negra, que seria o 25 de julho, no Brasil lembrado como o dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Essa data permanece invisibilizada e pouco conhecida entre as mulheres, principalmente negras brasileiras.

Os discursos apresentados no quadro 8 trazem à tona a importância da consciência crítica do sujeito, além de conhecer a história do povo negro desvinculada daquela construída no “imaginário social” (ALMEIDA, 2019, p. 64). Os instrumentos de comunicação e entretenimento naturalizam situações cotidianas envolvendo a discriminação racial, refletindo no pensamento e ações do sujeito, sendo externadas em discursos que não condizem com o cotidiano de negras/os em uma sociedade na qual o racismo estrutural e institucional predomina.

Na subseção seguinte, apresentamos o discurso a partir da postagem compartilhada sobre mulherismo africana, ideologia que justifica a posição das mulheres em manter o discurso de raça em primeiro lugar.

### ***O dia da mulher preta é todos os dias: mulherismo africana***

A postagem 219 (figura 22) publicada por um homem negro, membro da comunidade e residente no Rio Grande do Sul, corresponde a um vídeo onde Katuscia Ribeiro, pesquisadora em mulherismo africana e filosofia kemética, explica a origem e os princípios do mulherismo africana.

Figura 22 – Postagem “Você sabe o que é Mulherismo Afrikana [...]”



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com o intuito de situar o leitor no contexto da postagem, transcrevemos e expomos através do texto incluso no quadro 9.

Quadro 9 – Transcrição do vídeo “Você sabe o que é Mulherismo Afrikana [...]”

O mulherismo africana é uma proposição política, cunhada pela Dra Clenora Hudson-Weems, em 1987. Dra Clenora Hudson, após fazer uma análise das lutas políticas que acompanhavam as mulheres negras até esse momento, tenta pensar a realidade política para as mulheres negras a partir da sua própria ótica cunhada nas experiências das mulheres que antecederam. Nesse sentido ela pega as experiências que já estavam presentes nas realidades africanas, que já estavam presentes nas mulheres em diáspora, e tentando pensar essas mulheres no período escravocrata e como essas mulheres se organizavam politicamente para a sua própria sobrevivência e para a sobrevivência do povo que estava naquela situação. Clenora Hudson pega essa realidade e traz pro centro, para que as mulheres



consigam pensar uma realidade política através da sua própria ótica, pela sua própria experiência das percepções políticas. E coloca o gênero como a questão fundamental de diálogo dessas mulheres. Entendendo que o gênero é uma questão, mas não é o centro. Ela traz a raça como centro. E a partir dessa perspectiva da raça como centro, ela parte desse olhar para discutir outras questões. E ela convida os homens negros a pensar essa realidade política justamente por entender que essa questão de raça sendo prioridade. O diálogo de violência que incide sobre a população negra precisa ser pensado coletivamente. Entendendo que sim, o machismo está na comunidade, os homens negros estão operando sobre a lógica do machismo. Mas como vai se pensar uma reorganização desse povo a partir de uma ótica ancorada nas experiências africanas. Então o mulherismo africano, ele é uma proposta de organização. É política e ideológica cunhada na sabedoria, cunhada nas experiências, cunhadas na ancestralidade, na espiritualidade. Nos elementos que constituem o continente africano. E que a herança africana que existe na população negra, e que não se perde, precisa ser retomada para pensar as suas próprias realidades políticas e sociais. Para que se problematize a questão do racismo com o foco único e exclusivamente nas realidades da população negra.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Dessa maneira, de acordo com a pesquisadora Kátiuscia Ribeiro, o mulherismo africano compreende a questão racial como central, e gênero como uma forma de diálogo entre as mulheres. Reconhecendo que existe o machismo em homens negros, busca formas de organização e reorganização do povo negro, baseado em experiências africanas.

Embora essa postagem apresentasse questões que fundamentam a opinião de muitas mulheres negras no grupo, expressas em relação à representatividade do Dia Internacional da Mulher, houve apenas dois comentários, sendo o mais significativo apresentado no quadro 10.

Cabe salientar que o mulherismo africano está vinculado com a política de organização do Pan-africanismo, a qual é citada na capa do grupo. Além disso, identificamos tal ideologia no discurso de alguns membros nos comentários analisados, como o apresentado em [E21].

Quadro 10 – Comentários da postagem “Você sabe o que é Mulherismo Afrikana [...]”

[E21]: “Aqui está a razão de não precisarmos de um dia para comemorar o ser mulher. A mulher preta deve construir o seu valor todos os dias, pois todos os dias é uma conquista, um olhar peculiar nas ditas pequenas coisas se o filho e o marido voltaram para casa, se durante o dia conseguiu se olhar amorosamente para suas qualidades, não se importando para os ataques e desqualificação que sofreram durante todo o dia, se conseguiu orientar filhos e filhas diante da guerra que irão enfrentar nas ruas, nas escolas ou nas universidades. Enfim todos os dias nossas pequenas conquistas devem ser olhadas e comemoradas”.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Esse discurso, mesmo não havendo réplicas, produz sentidos a partir da ideologia do mulherismo africana. Dessarte, o discurso proferido pelo sujeito, uma mulher negra, caracteriza a constituição da identidade da mulher negra a partir do interdiscurso. Nesse caso, resgata a experiência das mulheres no período escravocrata e formas de resistir às violências daquele período. Hoje, a mulher negra ainda busca formas de resistências no combate à violência da população negra. O simples fato de negros e negras chegarem em casa vivos é uma “pequena conquista” que se repete todos os dias.

Assim, o papel da mulher negra apresentado nesse discurso é de preocupação constante com os que estão em suas atividades fora de casa, é de amar o seu corpo e conscientizar os membros da família a combater o racismo.

No dia 8 de março, várias são as postagens de felicitações nas redes sociais e no grupo “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” não foi diferente. Na próxima seção, apresentamos uma das postagens publicadas com tal felicitação.

### ***Hoje é o dia dela, dia da mulher***

A postagem 255 (figura 23) publicada no dia 8 de março por um homem negro, administrador e um dos idealizadores do grupo, sem identificação de local de residência, apresenta uma homenagem pelo Dia da Mulher em conjunto com imagens de mulheres negras em diferentes idades. O autor da postagem expressa opinião sobre o assunto, apresentando-a também em seus comentários, diante de algumas críticas de mulheres negras do grupo. A postagem confirma posições opostas em

relação a sentir-se ou não representada pela data e seus recursos informacionais nos respectivos argumentos, como veremos a seguir.

Figura 23 – Postagem “Bom dia gente Preta!”



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Apresentamos no quadro 11 recortes dos discursos constituídos a partir da postagem (figura 23).

Quadro 11 – Comentários da postagem “Bom dia gente Preta!”

[E22]: “Em 8 de março de 1857 as mulheres negras ainda eram escravizadas nos EUA, Brasil, e estavam sob regime colonial na África. Toda vez que lhe contarem uma história, busque saber onde estava seu povo naquela história.”

[E23]: “Minha gente preta, entendo. Se o dia chama a atenção para os problemas das mulheres, que sejamos um pouco racionais e usemos este dia para prestar atenção nos problemas de nossa gente preta. Uma espécie de resignificação. Acho que alguns de vcs conseguem fazer isso. Não desperdissem as oportunidades para ajudar na luta contra o machismo, e o racismo, só porque a data foi pensada e criada por brankas. Gente, o radicalismo em nossas lutas é bem vindo. Mas sejamos estratégicos. Vamos homenagear as mulheres pretas, como fiz no post. Se eu tivesse homenageando as brankas, elas estariam na arte do post. 👍👍👍  
O Facebook foi criado, idealizado por brankos, ainda assim, usamos ele para nos articular. Então, usar o "dia da mulher", criado por BRANKA, para homenagear as Mulheres Pretas ❤️ não me parece um erro estratégico. 👍  
Vamos.

[E24]: “a intenção é boa, contudo existe dia específico para isso mano. Chega de forçar a integração por meio de um sistema que não nos pertence.”

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O sujeito, em [E22], utiliza-se do resgate da historicidade para justificar a sua posição em relação ao fato contado como o gerador para o dia 8 de março ser o Dia Internacional da Mulher. Essa formação discursiva em uma comunidade virtual cuja maioria são negros(as) busca incitar em seus membros a análise da informação dada de forma crítica. As informações étnico-raciais devem ser constituídas a partir da ótica do povo negro, comparando a posição ocupada pelo grupo em momentos históricos.

As quebras de paradigmas são apresentadas nos discursos [E23] e [E24]. De um lado, a utilização desse dia como forma de apresentar as lutas da mulher negra na sociedade. De outro, a não comemoração, como forma de expressar à sociedade que o povo negro não está disposto à integração em espaços em que não é visto.

#### 4.2.3 Relacionamento inter-racial

O debate em torno do relacionamento inter-racial no grupo ‘VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II’ divide opiniões, inclusive entre moderadores e administradores, que, a partir da ideologia do panafricanismo e afrocentrismo, são

contrários à miscigenação e integracionismo, contrapondo uma minoria do grupo que por muitas vezes acaba sendo silenciada no debate.

Além disso, a solidão da mulher negra e sua condição na sociedade são questões levantadas quando a palmitagem é incluída no debate.

Como já anunciado na seção 5.2 da análise de conteúdo, as postagens que dizem respeito ao relacionamento inter-racial geram conflitos nos comentários, resultando em abandono ou expulsão do grupo. Nesse intuito, julgamos necessário aplicar a AD a fim de compreender como se dá essa relação entre os membros a partir das práticas informacionais envolvidas na construção desses comentários e condições de produção.

Dessa maneira, selecionamos comentários de três postagens, sendo elas: **Postagem 212** - “Quero fazer um DESABAFO após ver umas irmãs pretas atacando os homens pretos após eles receberem elogios em uma publicação” - 06 de março de 2021; **Postagem 48** - “Você não pode pregar a união do nosso povo quando a sua mente só pensa em namorar mulher branca ou homem branco” - 02 de março de 2021; **Postagem 64** - “O tempo empenhado aqui em dizer quem palmita” - 02 de março de 2021.

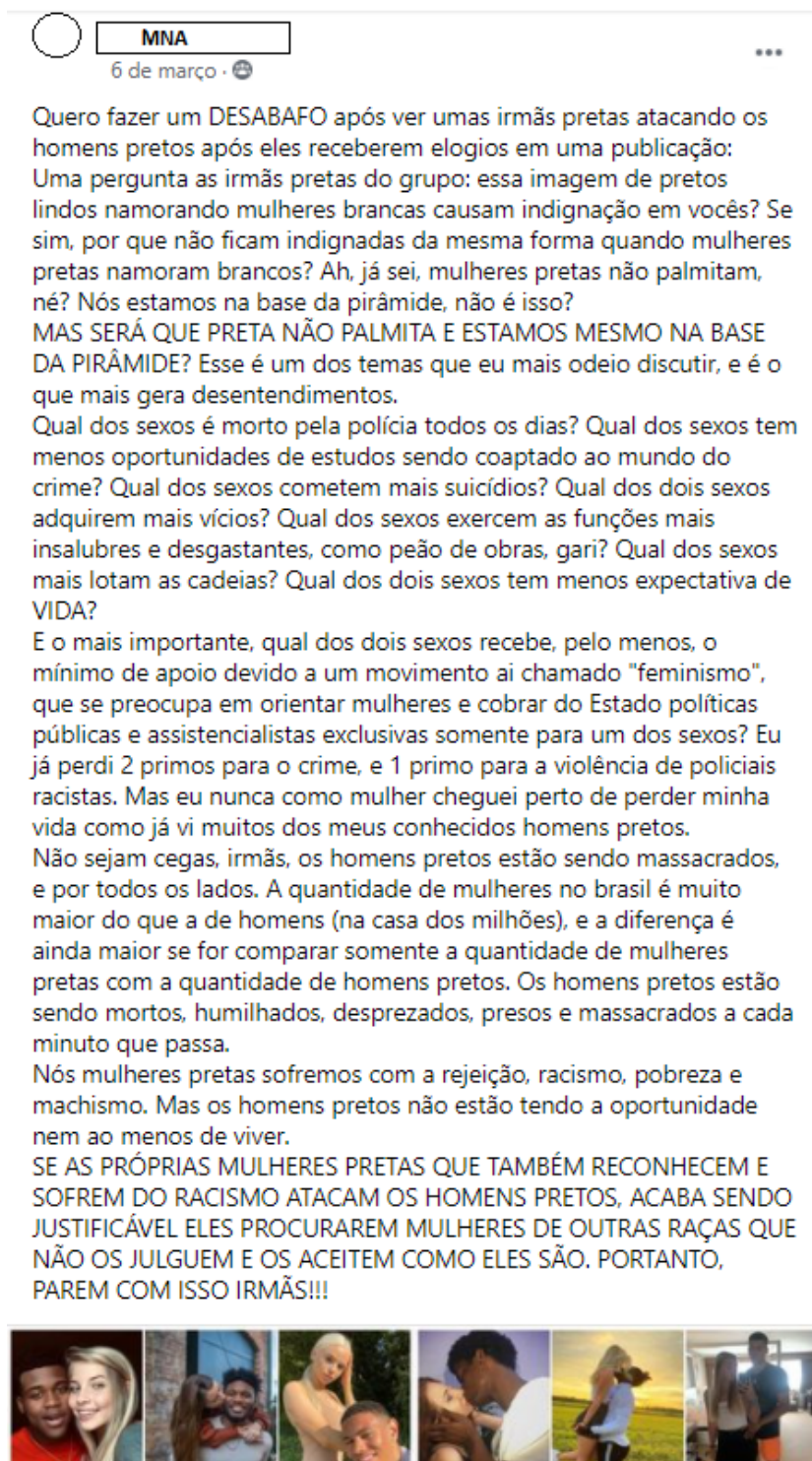
A primeira postagem da qual são gerados os comentários analisados trata de uma mulher negra apresentando o seu ponto de vista, justificando o fato de o homem negro buscar mulheres brancas para se relacionar, sendo as atitudes da mulher negra a causadora de tal situação.

***“Quero fazer um DESABAFO após ver umas irmãs pretas atacando os homens pretos após eles receberem elogios em uma publicação”***

A postagem 201 (figura 24), elaborada por uma mulher negra membro da comunidade e residente em Minas Gerais, refere-se à exposição de opinião pessoal sobre o fato das mulheres negras criticarem homens negros que se relacionam com mulheres brancas. Questiona se o contrário não ocorre – mulheres negras relacionando-se com homens brancos – e declara que o assunto é o que “mais odeia discutir”, além de compreender que gera polêmicas. Reconhece que as mulheres pretas também sofrem com a “rejeição, racismo, pobreza e machismo”, porém os homens pretos, além dessas situações, ainda correm o risco de serem assassinados. Assim, a autora finaliza a postagem justificando que o homem negro busca mulheres

de outras etnias pois as mulheres negras, mesmo reconhecendo o racismo, os atacam e julgam. Enfim, para a autora da postagem, se o relacionamento inter-racial ocorre é culpa da mulher negra, pedindo um “parem com isso irmãs”.

Figura 24 – “Quero fazer um DESABAFO após ver umas irmãs pretas [...]”



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Dessa maneira, apresentamos no quadro 12 enunciações que representam o coletivo, tendo como referências aspectos da análise de discurso.

Quadro 12 – Comentários da postagem “Quero fazer um DESABAFO após ver [...]”

[E25]: “Existe informação de beleza para separar as meninas negras dos meninos negros desde pequeno através da televisão através dos livros através da escola mostrando que os meninos brancos é superior aos meninos negros não podemos jogar a culpa em um ou no outro temos que entender que as coisas estão mudando os pais que são os principais estão mais atentos aos seus filhos Isso sim é mais importante a mudança vai vir de uma forma ou de outra”

[E26]: “a menina preta da escola (pública eu imagino) nem está podendo reparar muito em alguém. Ela já chega na escola cansada de ter perdido o tempo alisando o cabelo pra não sofrer o bulling (*sic*) do cabelo "ruim". E mesmo com todos os hormônios da puberdade explodindo, essa mesma menina vai pra escola com TPM e dores menstruais pra (*sic*) ainda depois da escola, cuidar da casa e de irmãos menores. Acho desonesto falar da menina preta na escola pq (*sic*) essa já é taxada ou de palhaça ( se for "legal", da zoeira) ou de barraqueira (se for a que não engole desaforo). E em nenhum desses dois papéis ela é atraente, nem mesmo pro menino preto. O Yuri Marçal falou isso num dos vídeos dele (que por vergonha, ele repetiu o comportamento do grupo ao chamar de feia, uma mina preta que ele achava linda!”

[E27]: “eu fui professora em escola pública e privada e vi coisas horríveis sobre bullying. Mas as piores foram de longe com as alunas negras. Bullying com meninos é físico e mesmo que haja alguma acusação, ninguém avança destrutando até que se prove o contrário (tipo o caso do Todo mundo odeia o Chris). Agora com meninas foi bem pior, começando sempre pelo cabelo e nunca vi nenhum colega preto defendendo a menina (só vi o contrário). Então esse exemplo mina preta na escola não cola pra mim!”

[E28]: “A cada 23 min um homem negro morre vítima de violência, são maioria da população em situação de rua, na população carcerária, na evasão escolar, no subemprego e serviços braçais, os que menos se aposentam e tem menos expectativa de vida.. E ainda tem gente desinformada acreditando nessa lorota de que é a mulher preta que tá na "base da pirâmide””

[E29]: “Cansada desse assunto! Mas ainda mais cansada de ser preterida por todos os homens! Olha eu aqui, que sempre afrocentrei trocada por uma branca e sendo usada por um monte de pretos desde que o título de mãe solteira caiu sobre mim! Desculpa mana, seu discurso é muito bonito, mas na hora do vamos ver, somos a base da pirâmide sim, somos usadas e amor não faz parte do nosso dia a dia então se algum branco me quiser (ah claro, até agora, nenhum nunca quis tbm 🤔) eu vou palmitar com certeza!”



[E30]: As mulheres pretas tem que parar com essa baboseira e saber que somos lindas e maravilhosas não precisamos ser escolhidas. Nós que temos que escolher quem queremos do nosso lado. Ao invés de se preocupar com machos escroto. Vamos estudar para ter dindim e ter nossos luxos. E APRENDAM HOMEM DE VDD (*sic*) GOSTA DE MULHERES INDEPENDENTE DE SER PRETA, LOIRA, JAPONESAS ETC... E SE UM DIA BATER DE FRENTE COM HOMENS QUE AS MENOSPREZE PELA COR DA PELE DE GRAÇAS Á DEUS PORQUE ESSE Ñ (*sic*) É HOMEM

[E31]: Ah, respondendo a pergunta. Essa foto não me causa indignação não. Diferente de muitas, eu venho de uma família que a causa negra sempre foi um assunto comum, e minha consciência racial vem de muito tempo. Tenho minha opinião particular sobre relacionamentos interraciais (*sic*). Sou a favor do relacionamento afrocentrado, nunca me envolvi com homens brancos pq (*sic*) minhas referências são todas pretas e aprendi a admirar o homem preto desde muito nova, minha maior referência é um pretão de sucesso que é meu pai. E entendo a necessidade de se falar a mesma língua dentro de uma casa, quero filhos criados por pais pretos, quero dinheiro circulando entre pretos, por isso muito do que consumo é de empreendedores pretos.

É confesso que homem que tem a fala que gosta de mulher, independente de cor, não me interessa. Quem já teve a oportunidade de se relacionar com alguém com consciência racial, sabe que faz toda a diferença. Apesar de estar solteira, não sou muito a favor desse termo "solidão da mulher preta", justamente pq (*sic*) também faço minhas escolhas. Beleza é construção social e o Amor é sim um ato político!

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A partir da postagem (figura 23), as formações discursivas apresentaram argumentações em relação ao homem negro e à mulher negra quando crianças, sendo nesse período a formação das noções que levarão para a fase adulta. Desse modo, em [E25] há uma certa conformação do sujeito quando antecipa “Existe informação de beleza para separar as meninas negras dos meninos negros desde pequeno através da televisão através dos livros através da escola mostrando o que os meninos brancos é (*sic*) superior aos meninos negros”. A separação entre negros(as) através do gênero, segundo o ponto de vista do sujeito, é desenvolvida mediante padrões hegemônicos em que o branco(a) é superior ao(a) negro(a) e a mulher branca é o padrão de beleza, demonstrando uma consciência da influência da mídia, que dita padrões da sociedade. Os assujeitamentos para seguir tais padrões resultam em atingir o seu semelhante a partir de humilhações públicas.

Ainda na argumentação em torno do relacionamento inter-racial, se o homem



negro, segundo os sujeitos, constrói suas concepções a partir da influência dos padrões do branco, a mulher negra também tem suas influências de moda. A preocupação da menina negra nos padrões de beleza faz com que ela se assujeite às situações cotidianas sem questioná-las, conforme [E26]. Não há tempo para olhar para si. Enfim, a realidade da menina negra é diferente da realidade da menina branca, em questões sociais, considerando a sobrecarga de compromissos que cada uma possui. Ao trazer Yuri Marçal para o diálogo, mostrando um homem negro que por influência de outros meninos, humilhou uma menina negra, mesmo a achando “linda”, [E26] apresenta um exemplo da influência da sociedade, que faz com que negros e negras, se não possuírem o empoderamento racial, humilhem os seus.

Em [E27], o sujeito, enquanto mulher negra e professora em escola pública e privada, é possivelmente diferente de uma mulher branca professora dos mesmos alunos. Ao nomear como bullying os atos racistas envolvendo alunos jovens, percebe-se de certo modo uma forma de atenuar a gravidade da situação e não caracterizar como racismo. Utiliza da referência de um seriado norte-americano “Todo mundo odeia o Chris” acerca da violência na escola em que o ator negro se envolve em várias situações racistas, inclusive com a professora, e nada é feito. Ao utilizar a palavra “horível”, a professora apresenta ser contrária às atitudes relatadas.

A influência do tipo de informação transmitida na mídia utiliza o eurocêntrico como padrão de beleza, isentando o direito de pertencimento do(a) negro(a), incluindo as questões culturais. Assim como exposto em [E26] e [E27], a população negra, ao identificar essa situação, utiliza-se do seu discurso como forma de inserção da sua identidade na sociedade, partindo do diálogo nas famílias como modo de fortalecimento de suas origens.

Em [E28], identificamos a manipulação de informações, iniciando com uma informação verdadeira para justificar uma falsa. Inicia seu discurso trazendo dados reais da situação do homem negro em relação à violência, porém, ao afirmar “E ainda tem gente desinformada acreditando nessa lorota de que é a mulher preta que tá na ‘base da pirâmide’”, nomeia aqueles que possuem a informação correta como “desinformados”, o que contraria dados comprovados pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA). Essa é uma das formas de deslegitimar as lutas das mulheres negras.

A informação étnico-racial deve ser construída com senso crítico, porém deve ser respaldada em dados estatísticos e estudos sobre o tema, como é o caso em [E28]

ao afirmar que a mulher negra não se encontra na base da pirâmide – o sujeito ignorou dados e a própria realidade da mulher negra. A informação que circula nas mídias sociais possui esse risco da veracidade de informações.

Na construção ou desconstrução de teorias relacionadas ao povo negro, é importante analisar todos os aspectos de sua realidade. Em [E29], uma mulher negra se coloca contra a posição da autora da postagem. O sujeito, em [E29], ao anunciar “Olha eu aqui, que sempre afrocentrei trocada por uma branca e sendo usada por um monte de pretos desde que o título de mãe solteira caiu sobre mim!”, chama a atenção que, embora ela sempre tenha afrocentrado (relacionado-se apenas com homens negros), isso não garantiu a solução da sua solidão enquanto mulher negra. Esse discurso também apresenta a confirmação dos efeitos relacionados na teoria dessa solidão “então se algum branco me quiser (ah claro, até agora, nenhum nunca quis tbm) eu vou palmitar com certeza!”. A partir desse discurso, identificamos a questão da mulher negra muitas vezes não ser a primeira opção do homem negro e do homem branco.

A informação étnico-racial construída, gerando teorias através da realidade da população negra, por vezes pode afetar a autoestima e a acomodação de sua situação. Porém, nesse grupo, o incentivo de mudança ocorre entre as mulheres, como identificado no [E30]: “As mulheres pretas têm que parar com essa baboseira e saber que somos lindas e maravilhosas não precisamos ser escolhidas”. Ao utilizar a expressão “tem que parar com essa baboseira”, o sujeito, representado por uma mulher negra, sugere a mudança do “ser escolhida” pela valorização da beleza negra sem seguir padrões da estética branca.

O sujeito, em [E31], uma mulher negra, utiliza-se do argumento de que a sua consciência racial é uma questão cultural familiar de negros(as), partindo da sua experiência, tendo a aspiração a permanecer somente em relacionamentos afrocentrados, ou seja, entre negros(as). Para essa mulher, “beleza é construção social e apresentar amor é sim um ato político”, estando aí vinculado com identidade racial que se assumir negro é um ato político. Esse elo entre negros(as) também é identificado quando a interlocutora diz “quero dinheiro circulando entre pretos, por isso muito do que consumo é de empreendedores pretos”, representando aí seu caráter ideológico do Black Money, em que “preto compra de preto”.

**“Você não pode pregar a união do nosso povo quando a sua mente só pensa em namorar mulher branca ou homem branco”**

A mensagem da postagem 345 (figura 25) apresenta a opinião de um homem negro<sup>13</sup>, membro do grupo, em relação a ser militante, pregando a “união do povo” sendo contrário ao relacionamento com pessoas brancas, como condição.

Figura 25 – Postagem “Você não pode pregar a união do nosso povo [...]”



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Diante dessa exposição de opinião, os comentários foram em relação a ser militante e relacionar-se com brancos ou como filho(a) de um relacionamento inter-racial, como isso é visto no grupo. No quadro 13, apresentamos enunciados extraídos no espaço de comentários da postagem (Figura 25). Logo em seguida, apresentamos as interpretações discursivas realizadas.

Quadro 13 – Comentários da postagem “Você não pode pregar a união do nosso povo [...]”

[E32] mano, sou preto interracial também. Eliminar os brancos, não é o caminho. Somos enquanto seres interraciais a tensão política da inadequação. somos a terceira margem. O não lugar. Não nos encaixamos na militância que pretende anular nossas mães por elas serem brancas... Não há sensatez numa militância

<sup>13</sup> No seu perfil não é informado local de residência.

excludente...

[E33] Ta na hora de dar um ban nos negrescos do grupo 😞.. Vai defender seus donos de estimação na casa do crhl.. 🤬🤬

[E34] Eu acredito que quem defende a causa Negra e repousa no ninho branco não pode ser representante de causa Negra já que está colaborando para o embranquecimento da população Negra e acaba passando uma péssima impressão.

[E35] Cara acho que está viajando só te digo ou aponto Abdias Nascimento casado com mulher branca, agora vai ver quem é essa mulher o comprometimento dela com a causa. Sobre esse assunto certa vez um grupo de movimento negro ficou em dúvida se levava ou não esse questionamento ao homenageado.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A formação discursiva em [E32] é caracterizada pelo lugar de fala do sujeito. Ao antecipar ser um “preto inter-racial”, no contexto dito como filho de mãe branca, este anuncia não se identificar com um discurso que irá contra a sua hereditariedade. Nesse discurso, o sujeito expressa a sua posição favorável à integração entre negras/os e brancas/os na militância. Ademais, a oposição da comunidade pela integração, está intrinsecamente relacionada à posição do sujeito nesse espaço, identificando-se na terceira margem por ser excluído enquanto negra/o em uma sociedade discriminatória, e em grupos negros, como a comunidade virtual “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, pelo seu pensamento que apoia a integração.

As identidades são construídas na/pela linguagem no discurso. Em [E33], expressões utilizadas pelo sujeito, tais como “dar um ban”<sup>14</sup>, “negrescos”<sup>15</sup> e “donos de estimação”, expressam o contexto informacional na Web, desenvolvendo e se apropriando de termos já elaborados nesse espaço. A hostilidade também está presente nessa formação discursiva, ignorando e sugerindo a exclusão daquelas/eles negras/os com pensamento branco, não fornecendo uma argumentação como forma de convencê-los. A linguagem cumpre um papel fundamental no que se refere tanto ao empoderamento, a partir da informação (BERTH, 2019), quanto à perspectiva de desvelar conflitos que se edificam entre os membros da comunidade. Balizados em

<sup>14</sup> Dar ban: excluir, banir ou bloquear.

<sup>15</sup> Negresco: comparação ao biscoito com o mesmo nome, preto por fora e branco por dentro. Negras/os com pensamento semelhante ao da branquitude, eurocêntrico. Na comunidade definido como “preto que passa pano pra branco”

informações étnico-raciais, ambas as perspectivas desvelam a dificuldade e formas de hostilidade em aceitar opiniões diversas.

O discurso [E34] é pautado a partir da memória discursiva, baseado na teoria do embranquecimento e apagamento da raça negra pela miscigenação. A informação étnico-racial utilizada como argumento pelo sujeito, mesmo que de forma inconsciente, inclui pesquisa sobre o tema e sua utilização em um debate na comunidade negra. Mesmo sem uso de fontes, a informação étnico-racial estudada no ambiente acadêmico reflete nos sujeitos incluídos nesses estudos, significando e ressignificando (OLIVEIRA; AQUINO, 2012).

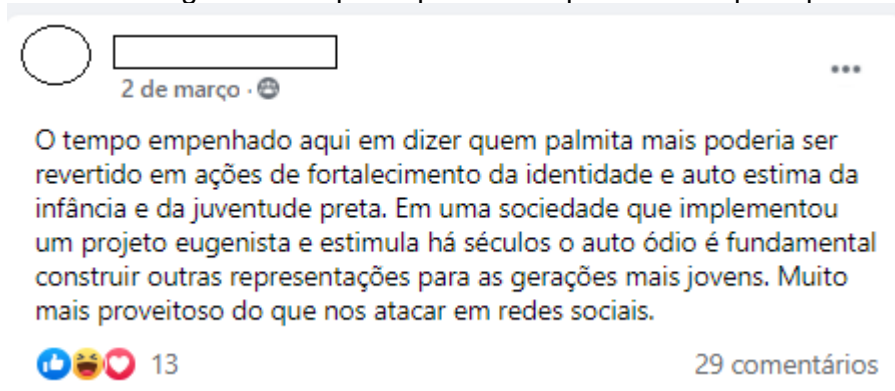
Ainda na argumentação do relacionamento inter-racial, na formação discursiva apresentada em [E35] o sujeito utiliza-se de uma pessoa respeitada no meio acadêmico e movimento negro, Abdias do Nascimento, homem negro, casado com uma mulher branca. O argumento, apresentado pelo sujeito, através do recurso polissêmico<sup>16</sup>, busca justificar a importância de Abdias Nascimento e sua esposa em prol da temática étnico-racial. Esse recurso apresenta uma articulação entre o real e o debatido na rede, contrapondo e buscando novo debate, saindo do senso comum para o senso crítico. A socialização de informações caracteriza as práticas informacionais na comunidade, nesse contexto, reconstruindo saberes.

A postagem 64 (figura 26) é uma opinião apresentada por uma mulher negra, membro da comunidade e residente no Estado do Tocantins. Sua opinião expressa insatisfação no tempo gasto discutindo relação inter-racial, tendo como resultado o enfrentamento entre os próprios negros(as) do grupo. Sugere, ainda, que esse tempo em discussões seja direcionado para “ações de fortalecimento de identidade e autoestima da infância e juventude preta”, alterando assim o foco do debate.

---

<sup>16</sup> Polissemia: quando ocorre o “deslocamento, ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 2020, p.34)

Figura 26 – Postagem “O tempo empenhado aqui em dizer quem palmita [...]”



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nos comentários em relação à postagem 64 (figura 26), algumas manifestações foram contra a opinião da autora, além de críticas a determinados intelectuais que desenvolvem pesquisas sobre as questões étnico-raciais. Além disso, identificamos a insatisfação do ambiente gerado pelas discussões entre os membros do grupo ao expressarem opiniões contrárias. No quadro 14, apresentamos cinco comentários expressivos, a partir dos quais desenvolvemos análise interpretativa.

Quadro 14 – Comentários da postagem “O tempo empenhado aqui em dizer [...]”

[E36] Palmitagem tem tudo a ver com autoestima e identidade. Não podemos passar pras gerações esse posicionamento falacioso e piegas defendido por você. Nossos jovens não devem ter como referência de povo preto orgulhoso e altivo pessoas como Silvio Almeida e Djamila Ribeiro, por exemplo. Lembrando que há palmitagem não só em termos de relacionamento, mas também em termos de ideologia.

[E37] falacioso? Piegas? O que você faz da vida a não ser reclamar da palmitagem nas redes sociais? O que você faz para que crianças da sua comunidade consigam fortalecer sua identidade em uma sociedade genocida e epistemicida como a nossa? Se não faz nada de proveitoso crie vergonha e melhore seu discurso.

[E38] Pelo que vi aqui. Duas pessoas grandes em conhecimento e ações. Que não gostaria que pelas opiniões contrárias, levassem para o pessoal. Eu ando percebendo que a forma de abordagem de assuntos entre nós mesmos, está um pouco ríspida. Não apoio mas também não contrareio (*sic*). O assunto palmitagem é importante sim, quando essa ação é um apagamento da nossa raça. E uma desvalorização do nosso par.

[E39] volte e releia o post. Está falando de educação. Palmitagem é também educar as crianças a partir da história do branco. O fortalecimento da identidade do povo

preto auxilia no processo de valorização de nossas raízes e amor próprio. Entendeu agora??

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Como resposta, em [E36] identificamos a ressignificação do conceito original de palmitagem, na formação discursiva. O sujeito do discurso [E36] utiliza-se de efeitos polissêmicos justificando a “autoestima” e a “identidade” dos jovens negras/os, estando relacionadas com o debate em torno da “palmitagem”, termo esse ampliado pelo sujeito além do relacionamento inter-racial, incluindo a ideologia no conceito. Com sua adequação ao termo, o sujeito informacional desqualifica Sílvia Almeida e Djamila Ribeiro, julgando-os como não “referência de povo preto orgulhoso e altivo”, além do discurso apresentado na postagem.

Em [E37], o sujeito propõe uma quebra de paradigmas pautada na dualidade entre o real e o virtual. A proposta de libertar do assujeitamento virtual, possibilitaria, segundo o sujeito, novas formações discursivas baseadas em fatos da realidade. A hostilidade também está presente no discurso, ao intimidar o sujeito da fala anterior, ao dizer “crie vergonha e melhore o seu discurso”.

O efeito de sentido produzido pelas interlocuções de ataque um ao outro é expresso a partir da formação discursiva apresentada em [E38], na qual o sujeito expressa a sua percepção na abordagem “rípida” dos membros nos debates em determinados assuntos, a partir do simbólico construído em torno dos interlocutores que a antecederam. Esses conflitos gerados na comunidade também são características das práticas informacionais.

A interpretação do que é lido pelo interlocutor é compreendida através do processo de filiação ideológica constituído pelo sujeito. Em [E39] o discurso está pautado nessa questão, na qual o locutor sinaliza o dito e o não-dito na postagem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do tensionamento e do constante ir e vir em relação ao material analisado nesta pesquisa, e considerando-se que tanto a pesquisa de abordagem qualitativa quanto a técnica de análise de conteúdo permitiram essas aproximações e distanciamentos, integrando-se às práticas e aos aspectos teóricos, entendemos que ambas se constituíram em um elemento delineador que culminou nas interpretações discursivas efetivadas.

Neste estudo, procuramos compreender as práticas informacionais, com foco na informação étnico-racial, na comunidade negra “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”. Como objetivos específicos, nos propomos a discutir a importância da informação étnico-racial como manifestações de empoderamento da comunidade negra; discutir as práticas informacionais de compartilhamento e produção das informações étnico-raciais na comunidade “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”; descrever como se constituem as práticas informacionais no grupo do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”; analisar as características da informação étnico-racial a partir do conteúdo das postagens e interpretar os discursos materializados nos comentários dos membros do grupo. Destarte, o problema de pesquisa se concentra em compreender como são caracterizadas as práticas informacionais efetivadas no grupo do Facebook “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”.

A escolha pela comunidade deu-se em virtude da quantidade de seguidores, intencionando compreender aspectos constituintes de informações inclusas no conteúdo e no discurso que preponderantemente circulam e definem as pautas na comunidade.

A partir dos objetivos, foi adotado o método netnográfico, em virtude de aspectos obtidos a partir da exploração de comunidades negras na Web, efetivado nos meses de novembro e dezembro de 2020, catalisado pela indignação com a morte de dois homens negros ocorridas no ano de 2020, George Floyd (EUA) e José Alberto Freitas (Brasil). Considerados o número de membros da comunidade “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II”, a entrada cultural (KOZINETS, 2017) possibilitou estabelecer um processo de observação sistemática entre os meses de janeiro e fevereiro de 2021, permitindo que fosse composto um estudo preliminar que serviu de



referência para tomada de decisão posterior: o *corpus* de postagens relativo ao mês de março.

Posteriormente, foram analisadas 751 postagens através da Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), das quais emergiram nove categorias que caracterizam parte das práticas informacionais relativas ao conteúdo explicitado por membros da comunidade com diferentes funções.

As categorias foram determinantes para a compreensão e desvelamento de vinte e quatro temáticas, sempre articuladas aos aspectos teóricos que balizaram este estudo.

Diferentes temas são abordados nos quilombos virtuais e estão diretamente vinculados à posição dos seus membros na sociedade. Compreendemos que informações étnico-raciais produzidas e compartilhadas neste espaço são o reflexo da vivência do sujeito informacional enquanto negra/o pertencente a uma sociedade excludente. O rompimento com práticas eurocêntricas foi identificado, por exemplo, ao apresentar o mulherismo africana como resgate da organização dos antigos povos africanos em que homens e mulheres eram unidos em prol do bem estar familiar e comunidade, sem diferença de gênero, contrapondo-se ao machismo e feminismo produzidos pelo(a) branco(a).

Ademais, a cultura negra como forma de expressar a resistência de um povo através da música foi identificado no *corpus*.

Por tratar-se de uma abordagem qualitativa, articulações e rearticulações entre aspectos teóricos e empíricos foram se consolidando através das análises. Buscamos os significados e significantes através das interlocuções identificadas nos discursos efetivados nos comentários, compreendendo-os como interlocuções manifestadas na comunidade.

Tendo por referência metodológica elementos da Análise do Discurso (ORLANDI, 2020), consideramos linguagem, sujeito, história e ideologia, buscamos desvelar não apenas os aspectos explícitos nessas formações discursivas, materializadas em comentários dos integrantes da comunidade, mas, sobretudo, atentar para o desvelamento do quanto o racismo e a discriminação racial constituem um conjunto de violências e manifestações estruturais que incidem sobre a comunidade negra. Dessa forma, o percurso (propósito mais triangulação metodológica mais execução) permitiu compreender as informações étnico-raciais para além da perspectiva de empoderamento. A referência da Análise do Discurso

permitiu que desvelássemos a comunidade virtual como constituída de situações de empatia, discórdias, mas também um espaço de organização estratégica no combate ao racismo.

Em relação às informações étnico-raciais, estas são reproduzidas, produzidas e reconstruídas na interlocução entre os diferentes membros da comunidade. Tais interpretações à luz de três categorias, racismo, Dia Internacional da Mulher e relacionamento inter-racial, advindas da Análise de Conteúdo, foram determinantes para que optássemos por analisar as práticas informacionais efetivadas também nos comentários. Defendemos que efetivá-las configurou-se na compreensão das práticas realizadas em diferentes espaços da comunidade, permitindo articular com questões concernentes à informação étnico-racial.

Os discursos manifestados através dos comentários desvelaram aspectos que reforçam as problematizações e projeções efetivadas na seção teórica, quais sejam: a informação étnico-racial constitui-se como elemento catalisador de formas de empoderamento da população negra, a partir dos processos de produção e compartilhamento de informações em um ambiente. Em contrapartida, na premissa validada, foi possível identificar que, a partir dos processos supramencionados, as informações étnico-raciais apresentadas na comunidade apresentaram dois papéis nesse espaço: a proximidade com demais membros, a partir da identificação das dores semelhantes às suas; o desvelamento do conflito de violência simbólica, efetivada a partir de oposições opinativas.

Nesse sentido, a comunidade que por vezes se autodenomina quilombo cumpre o papel de disseminação étnico-racial, resgate histórico e debate identitário. Porém, a indevida anulação por parte de alguns membros a determinadas/os autoras/es que desenvolveram estudos na temática étnico-racial, tais como Abdias do Nascimento e Djamila Ribeiro, enfraquece a luta antirracista. Acreditamos que tais autores foram e continuam sendo fundamentais tanto no ambiente acadêmico quanto nos quilombos virtuais, referente à informação étnico-racial.

Ainda em relação à informação étnico-racial identificada na comunidade, percebemos que determinados assuntos carecem de esclarecimentos aprofundados. Por exemplo, na publicação (figura 5) referente ao racismo reverso, se o autor da postagem explicasse a origem da expressão, o significado relacionado com o conceito de raça criado para definir o opressor e o oprimido de acordo com a cor da pele teria um caráter informacional, cumprindo o objetivo da comunidade.

Além disso, identificamos a necessidade da ampliação do debate relacionado à mulher negra entre membros da comunidade. Informações relacionadas ao “mulherismo afrikana”, “Feminismo negro” e “Mulher negra” apresentaram um número pequeno de publicações durante o período de análise, podendo estar relacionado ao fato de as mulheres serem minoria na comunidade analisada.

Essa característica da não aceitação de opiniões contrárias às concebidas por membros de pensamento mais radical e sua motivação para expulsar os dissidentes da comunidade fizeram com que a pesquisadora limitasse suas interações, resultando em duas mais expressivas durante o mês de março, nos comentários. A primeira foi em relação à postagem sobre o termo pardo, na qual a pesquisadora tentou compartilhar o seu entendimento em relação ao assunto. Na segunda interferência, em relação à imagem da postagem de duas mulheres, foi exposta por um membro a frase “EU IRIA DIZER ISSO... Mas sabe quando você sente que os ‘homens’ irão começar a problematizar minha fala?? Igual está e vai acontecer com você HAHAH”, na qual o termo “homens” foi interpretado com duplo sentido: aqueles que geram atritos, ou as mulheres da comunidade, identificadas dessa maneira para evitar provocação.

Merece destaque que, em meio aos processos de interpretação e análise dos conteúdos e discursos, desvendamos que a comunidade virtual possui uma diversidade em relação às concepções na temática étnico-racial. Ademais, as postagens publicadas na comunidade “VOCÊ É PRETO? ENTÃO DEVE SABER! II” apresentaram variação entre as formas de composição do conteúdo, concentrando-se entre os temas da cultura negra, enfatizando a música para dar voz às lutas do povo negro e racismo. Essas publicações são em sua maioria apresentadas como opinião, sendo compartilhadas de fontes principalmente da plataforma do Facebook.

Identificamos que as informações étnico-raciais estão diretamente vinculadas ao cotidiano dos sujeitos informacionais negras/os.

Para a Ciência da Informação, é necessário ampliar estudos relacionados à informação étnico-racial, conhecendo as adversidades. As práticas informacionais, incluindo a produção e o compartilhamento, tanto nas postagens quanto nos comentários, produzem um ambiente de socialização da informação étnico-racial, desvelando tanto formas e estratégias de empoderamento da população negra de combate ao racismo, quanto análise crítica da informação eurocêntrica.

Diante do exposto, sugerimos para estudos futuros análise de conteúdo aplicada à imagem das postagens com informação étnico-racial, bem como a comparação das práticas informacionais desveladas em comunidades virtuais constituídas pela diversidade racial contrapondo com a pesquisa desenvolvida aqui.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ALSOP, R.; HEINSOHN, N. **Measuring empowerment in practice**: structuring analysis and framing indicators. [S. l.: s. n.], 2005. Disponível em: <http://documents1.worldbank.org/curated/en/320101468782165244/pdf/wps3510.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2020.

ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 61-78, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/2970/2694>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ARAÚJO, C. A. Á. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Humanas e Sociais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/view/0000013862/d9c6d393dc8caf7a9d16b95dd91b3110>. Acesso em: 27 dez. 2020.

ARAÚJO, E. A. de. **Construção social da informação**: práticas informacionais no contexto de Organizações Não-Governamentais/ONGs brasileiras(a). 1998. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34342>. Acesso em: 20 out.2021.

ASSIS, J. D.; MOURA, M. A. Folksonomia: a linguagem das tags. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 85-106, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p85/2452>. Acesso em: 30 dez. 2020.

AWAN, W. A.; AMEEN, K.; SOROYA, S. H. Information encountering and sharing behaviour of research students in an online environment. **Aslib Journal of Information Management**, United Kingdom, v. 71, n. 4, p. 500-517, 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/AJIM-10-2018-0232/full/html>. Acesso em: 5 jan. 2021.

BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social: uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173–187, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/26722/17099>. Acesso em: 4 dez. 2020.

BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. **Redes**, Santa Cruz, v. 11, n. 2, p. 77-93, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/redes.v11i2.10843>. Acesso em: 18 jan. 2021.

BARBOSA, A. G. **Práticas informacionais das apenadas do Centro de Referência à gestante privada de liberdade de Vespasiano-MG**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-B4YJ7Z/1/disserta\\_\\_o\\_final\\_digital\\_26\\_04\\_18\\_pdf\\_\\_1\\_.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-B4YJ7Z/1/disserta__o_final_digital_26_04_18_pdf__1_.pdf). Acesso em: 22 jan. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGUÉL, R. Introdução: decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. *In*: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGUÉL, R. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 9-26.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando? **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n.2, p. 389-401, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33832>. Acesso em: 19 dez. 2020.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 20 out. 2021.

BUNDERSON, J. S.; SUTCLIFFE, K. M. Comparing alternative conceptualizations of functional diversity in management teams: process and performance effects. **The Academy of Management Journal**, New York, v. 45, n. 5, p. 875-893, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3069319>. Acesso em: 5 jan. 2021.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: [http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm). Acesso em: 01 out. 2020.

CAREGNATO, R. C.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, out./dez., p. 679-84, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFctbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de ago.2021.

CARMO, R. do; ARAÚJO, C. A. Á. Sujeito informacional, conceito em emergência: uma revisão teórico-conceitual em periódicos Ibero-Americanos. **Informação &**

**Sociedade**: estudos, Paraíba, v. 30, n. 1, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43934>. Acesso em: 21 dez. 2020.

CARNEIRO, E. **O quilombo dos Palmares**. 2. ed. rev. São Paulo: Nacional, 1958.

CASTILLO-MONTOYA, M.; ABREU, J.; ABAD, A. Racially liberatory pedagogy: a Black Lives Matter approach to education. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, [S. l.], v. 32, n. 9, p. 1125-1145, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09518398.2019.1645904>. Acesso em: 28 jan. 2021.

CERIGATTO, M. P.; CASARIN, H. de C. S. As mídias como fonte de informação: aspectos para uma avaliação crítica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 155-176, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/685>. Acesso em: 15 fev. 2021.

COSTA, D. de A.; FARIAS, M. G. G. Apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social: uma análise da obra Quarto de Despejo. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 14, n. 1, p. 45-69, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rici.v14.n1.2021.29288>. Acesso em: 28 jan. 2021.

COURTINE, J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, R. do C. Proposta teórico-metodológica para o estudo de sujeitos informacionais usuários de sites de redes sociais virtuais. **Logeion**: filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 71-88, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21728/logcion.2018v5n1.p71-88>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CUNHA, M. B. da; AMARAL, S. A.; DANTAS, E. B. **Manual de estudos de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015.

DAY, R. E. Death of the user: reconceptualizing subjects, objects, and their relations. **Journal of the american society for Information Science and Technology**, New York, v. 62, n. 1, p. 78-88, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/asi.21422>. Acesso em: 28 dez. 2020.

DEMARTINI, F. Grupos do Facebook registraram 120 milhões de usuários brasileiros em agosto. *In*: CANALTECH. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/grupos-do-facebook-registraram-120-milhoes-de-usuarios-brasileiros-em-agosto-172590/>. Acesso em: 18 out.2021.

DUARTE, A. B. S. Práticas Informacionais: ensino e pesquisa. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília, SP. **Anais eletrônicos** [...]. Marília, SP: Unesp, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/104264>. Acesso em: 20 out. 2021.

FERREIRA, S. M. S. P. Novos paradigmas e novos usuários de informação. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/03/novos-paradigmas-e-novos-usuc3a1rios-de-informac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FRANCO, M. L P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília, DF: Liber livro, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FUCHS, C. **Social media**: a critical introduction. 2nd. Los Angeles: SAGE, 2017.

GANDRA, T. K.; DUARTE, A. B. S. Interloquções entre a análise de domínio e os estudos de usuários da informação: contribuições para uma abordagem sociocognitiva. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/299611000>. Acesso em: 19 dez. 2020.

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. de S. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 21-32, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652010000100002>. Acesso em: 05 jan. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: EDUCAÇÃO antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03. Brasília, DF: MEC/Secadi, 2005. p. 39–61. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_volume2\\_educacao\\_anti\\_racista\\_caminhos\\_abertos\\_pela\\_lei\\_federal\\_10639\\_2003.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume2_educacao_anti_racista_caminhos_abertos_pela_lei_federal_10639_2003.pdf). Acesso em: 05 jan. 2021.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.67-80.

GONZÁLEZ-TERUEL, A. Quattro approcci agli studi sull'utenza: user studies, information behaviour, information practice e information experience. **AIB Studi**, Roma, v. 58, n. 3, 2018. Disponível em: <https://aibstudi.aib.it/article/view/11834/11346>. Acesso em: 15 fev. 2021.

GRUPOS: central de ajuda do Facebook. *In*: FACEBOOK, [S. l.], 2021. Disponível em: [https://www.facebook.com/help/1629740080681586/?helpref=hc\\_fnav](https://www.facebook.com/help/1629740080681586/?helpref=hc_fnav). Acesso



em: 15 fev. 2021.

HARRIS, J.C. Revolutionary black nationalism: the black panther party. **Association for the Study of African American Life and History**, Chicago, EUA, v. 86, n. 3, 2001. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.2307/1562458>. Acesso em: 10 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>. Acesso em: 20 out. 2021.

KARNAL, L. *et al.* **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

KEMP, S. Digital 2020: 3.8 billion people use social media. In: WE ARE SOCIAL. London, 2020. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2020/01/digital-2020-3-8-billion-people-use-social-media>. Acesso em: 10 jan. 2021.

KLEBA, M. E.; WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000400016>. Acesso em: 18 jan. 2021.

KOZINETS, R. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MANSOUR, A. Shared information practices on Facebook: the formation and development of a sustainable online community. **Journal of Documentation**, United Kingdom, v. 76, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JD-10-2018-0160>. Acesso em: 15 jan. 2021.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613/615>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, M.; ODDONE, N. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 118-127, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652007000200012>. Acesso em: 5 jan. 2021.

MARTINS, Gilberto de Andrade. THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MEIRELLES, M.; INGRASSIA, T. Perspectivas teóricas acerca do empoderamento da classe social. **Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire”**, Pelotas, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/2341009/Perspectivas\\_te%C3%B3ricas\\_acerca\\_do\\_empoderamento\\_de\\_classe\\_social](https://www.academia.edu/2341009/Perspectivas_te%C3%B3ricas_acerca_do_empoderamento_de_classe_social). Acesso em: 5 jan. 2021.

MELLO, D. A. de. **Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação**: um estudo na Bamidelê. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16348/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.

MONTEIRO, C. A. B. **Informação encarcerada**: o jovem da “geração internet” e a mediação e apropriação dos dispositivos informacionais no interior da prisão. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191114>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MOURA, C. **Quilombos**: resistência do escravismo. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MOURA, C. **Rebeliões da senzala**. 3. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

NASCIMENTO, M. B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodíaspóra**: revista de estudos do mundo negro, ano 3, n.6-7, p.41-49, 1985. Disponível em: [https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/afrodi\\_spora\\_-\\_volume\\_6\\_e\\_7](https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/afrodi_spora_-_volume_6_e_7). Acesso em: 14 fev. 2022.

MUNANGA, K. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista de antropologia**, São Paulo, v. 33, 1990. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217/109498>. Acesso em: 20 out.2021.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 3., 2004, Niterói, RJ. **Anais eletrônicos** [...]. Niterói, RJ: UFF, 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2021.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NUNES, J. V. **Vivência em rede**: uma etnografia das práticas sociais de informação dos usuários de redes sociais na internet. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19058>. Acesso em: 23 jan. 2021.

OH, S. The characteristics and motivations of health answerers for sharing information, knowledge, and experiences in online environments. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York, v. 63, n. 3, p. 543-557, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/asi.21676>. Acesso em: 31 jan. 2021.

OLIVEIRA, H. P. C. de; AQUINO, M. de A. O conceito de informação etnicorracial na Ciência da Informação. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 466-492, 2012. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/90559>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PASCHOAL, L.C. Papéis sociointeracionais em grupos e redes sociais na internet. **Revista intercâmbio**, São Paulo, v. 29, p. 19-39, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/20958/15430>. Acesso em: 10 out. 2021.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

PEREIRA, C. C. M.; SANTOS, J. O.; BARREIRA, M. I. D. J. S. Empoderamento das mulheres quilombolas: contribuições das práticas mediacionais desenvolvidas na Ciência da Informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 114-139, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465646674006.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PEREIRA, N. Black Millennials of Brazil. *In*: SLIDESHARE, [S. l.], 20 nov. 2016. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/nadjapereira/novembro-negro-black-millennials>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PINTO, A. A. **Identidade/diversidade cultural no ciberespaço**: práticas informacionais e de inclusão digital nas comunidades indígenas, o caso dos Kariri-Xocó e Pankararu no Brasil. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/71113/1/2010\\_AlejandraAguilarPinto.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/71113/1/2010_AlejandraAguilarPinto.pdf). Acesso em: 10 jan. 2021.

PINTO, F. V. M.; ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários: quais as diferenças entre os conceitos comportamento informacional e práticas informacionais? **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 15-33, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/cirev.2019v6n3b>. Acesso em: 3 jan. 2021.

RABATEL, A. Empathie et émotions argumentées en discours. *In*: MICHELI, R.; HEKMAT, I.; RABATAEL, A. **Les émotions argumentées dans les médias**. Cortil-Wodon: Editions modulaires européennes, 2013. Tome 4.1. (2012), p.159-178. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01745810/document>. Acesso em: 30 out. 2021.

RENDÓN-ROJAS, M. A.; GARCÍA-CERVANTES, A. El sujeto informacional en el contexto contemporáneo: un análisis desde la epistemología de la identidad

comunitaria-informacional. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 30-45, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2012v17n33p30>. Acesso em: 21 dez. 2020.

REZENDE, T. F. Políticas de apagamento linguístico em contexto brasileiro. *In*: BARROS, D. M. de; SILVA, K. A. da; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). **O ensino em quatro atos**: interculturalidade, tecnologia de informação, leitura e gramática. Campinas, SP: Pontes, 2015, p. 63-77.

RIBEIRO, S. Tu Palmitas, e nós Preteridas. **Alma preta**: jornalismo preto e livre, São Paulo, 05 nov. 2015. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/tu-palmitas-e-nos-preteridas>. Acesso em: 15 out. 2021.

RIO Grande do Sul é o Estado com mais casos de injúria racial no Brasil, segundo anuário de segurança pública. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 19 set. 2019. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/09/rio-grande-do-sul-e-o-estado-com-mais-casos-de-injuria-racial-no-brasil-segundo-anuario-de-seguranca-publica-ck0ebuwey00k001tgwseesdxp.html>. Acesso em: 10 out. 2021.

ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S.; PAULA, C. P. A. de. Modelos de práticas informacionais. **Em questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 36-61, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1808-5245231.36-61>. Acesso em: 16 jan. 2021.

ROCHA, J. A. P.; GANDRA, T. K. Práticas informacionais: elementos constituintes. **Informação & informação**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 566-595, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2018v23n2p566>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ROMANO, J. O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. *In*: ROMANO, J. O.; ANTUNES, M. (org.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002. p. 09-20.

SANTOS, C.H. dos.; SILVA, R. N. da. Quilombos virtuais: as novas expressões de (re)territorialização, resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais. **Logos: comunicação & universidade**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 75-92, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/46560/31105>. Acesso em: 20 out. 2021.

SAVOLAINEN, R. Dialogue processes in online information seeking and sharing: a study of an asynchronous discussion group. **Information Research**, Borås, v. 25, n. 3, 2020. Disponível em: [https://trepo.tuni.fi/bitstream/handle/10024/123237/dialogue\\_processes\\_in\\_online\\_2020.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://trepo.tuni.fi/bitstream/handle/10024/123237/dialogue_processes_in_online_2020.pdf?sequence=2&isAllowed=y). Acesso em: 21 dez. 2020.

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **The Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/517840>. Acesso em: 21 dez. 2020.

SILVA, A. S. da. **Os núcleos de estudos afro-brasileiros de Santa Catarina e o**

**contexto informacional:** análise sobre o facebook como uma fonte de informação étnico racial. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PCIN0184-D.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

SILVA, D. M. F. da.; VALÉRIO, E. D. Descolonizando o fazer bibliotecário: uma ação urgente e necessária. *In:* SILVA, F. C. G. da.; LIMA, G dos S. (Orgs.). **Bibliotecár@s negr@s:** ação, pesquisa e atuação política. Florianópolis: ACB, 2018. p. 105-128. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_07f0971bd67e4fe69a56d845f3d36b0a.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_07f0971bd67e4fe69a56d845f3d36b0a.pdf). Acesso em: 16 set. 2021.

SILVA, L. F. da. **Práticas informacionais:** LGBTQI e empoderamento no espaço LGBT. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicada, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16342/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SILVA, L. K. R. da; AQUINO, M. de A. Fontes de informação na Web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba. **Transinformação**, Campinas, SP, v. 26, n. 2, p. 203-212, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-37862014000200009>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SILVA, R. A. da. **As práticas informacionais das profissionais do sexo da zona boêmia de Belo Horizonte.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-7NXHYA>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SILVA, R. N. da. Quilombos virtuais: as novas expressões de resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville, SC. **Anais eletrônicos [...]** Joinville, SC: Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1211-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

SILVA JÚNIOR, J. F. da. **A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk.** 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3969>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SPENCER, R.C. Engendering the black freedom struggle: revolutionary black womanhood and the Black Panther Party in the bay area, California. **Journal of women's history**, Maryland, EUA, v. 20, n. 1, p. 90-113, 2008. Disponível em: [https://muse.jhu.edu/article/233236/summary?casa\\_token=JbfwjUq5VbYAAAAA:wgb6iWTO\\_sSor7uySi2o7a9NdiQRWGY7JYfpSYrcSLi-DG4PIDiIDBSUf3tZhWlrys6OCaewnU](https://muse.jhu.edu/article/233236/summary?casa_token=JbfwjUq5VbYAAAAA:wgb6iWTO_sSor7uySi2o7a9NdiQRWGY7JYfpSYrcSLi-DG4PIDiIDBSUf3tZhWlrys6OCaewnU). Acesso em: 10 out. 2021.

SYN, S. Y.; OH, S. Why do social network site users share information on Facebook and Twitter? **Journal of Information Science**, [S. l.], v. 41, n. 5, p. 553–569, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0165551515585717>. Acesso em: 31 jan. 2021.

TALJA, S. Constituting “information” and “user” as research objects: a theory of knowledge formations as an alternative to the information man - theory. In: VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B. **Information seeking in context**. London: Taylor Graham Publishing, 1997.

TARGINO, M. das G. *et al.* Do sujeito empático ao sujeito informacional: relações epistemológicas acerca da realidade social na Ciência da Informação. **Revista FSA**, Teresina, v. 16, n. 3, p. 265-282, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/332795522\\_Do\\_Sujeito\\_Empatico\\_ao\\_Sujeito\\_Informacional\\_Relacoes\\_Epistemologicas\\_Acerca\\_da\\_Responsabilidade\\_Social\\_na\\_Ciencia\\_da\\_Informacao](https://www.researchgate.net/publication/332795522_Do_Sujeito_Empatico_ao_Sujeito_Informacional_Relacoes_Epistemologicas_Acerca_da_Responsabilidade_Social_na_Ciencia_da_Informacao). Acesso em: 18 jan. 2021.

THELWALL, M. **Link analysis**: an information science approach. Amsterdam: Elsevier, 2004.

WILSON, T. D. Human Information Behavior. **Informing Science**: the international journal of an emerging transdiscipline, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 49-56, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.28945/576>. Acesso em: 21 dez. 2020.

WILSON, Tom. Information behaviour: an inter-disciplinary perspective. In: BROOKS, Terrence A. **Information seeking in context**: proceedings of an International Conference on Research in Information Needs, Seeking and Use in Different Contexts. London: Taylor Graham, 1997. p. 39-49.

WIMMER, A.; LEWIS, K. Beyond and Below Racial Homophily: ERG Models of a Friendship Network Documented on Facebook. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 116, n. 2, p. 583-642, set. 2010. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1086/653658>. Acesso em: 18 jan. 2021.

## APÊNDICE A – VARIAÇÕES DO TIPO DE MENSAGEM DA POSTAGEM

Combinação	N. de Post.
Notícia+Opinião	22 (2,9%)
Curiosidade+Opinião	21 (2,8%)
Opinião+Citação	18 (2,4%)
Opinião+Questionamento	15 (2,0%)
Divulgação+Opinião	5 (0,7%)
Questionamento+Notícia	5 (0,7%)
Citação+Questionamento	3 (0,4%)
Dica+Opinião	3 (0,4%)
Divulgação+Curiosidade	3 (0,4%)
Divulgação+Notícia	3 (0,4%)
Notícia+Opinião	22 (2,9%)
Curiosidade+Opinião	21 (2,8%)
Citação+Opinião+Questionamento	2 (0,3%)
Notícia+Questionamento	2 (0,3%)
Citação+Opinião	1 (0,1%)
Citação+Curiosidade	1 (0,1%)
Curiosidade+Questionamento	1 (0,1%)
Depoimento+Opinião	1 (0,1%)
Entretenimento+Opinião	1 (0,1%)
Notícia+Dica	1 (0,1%)
Notícia+Opinião+Questionamento	1 (0,1%)
Notícia+Relato	1 (0,1%)
Opinião+Dica+Questionamento	1 (0,1%)
Relato+Opinião	1 (0,1%)
<b>TOTAL</b>	<b>117 (15,4%)</b>

**APÊNDICE B – FONTES PÚBLICAS COMPARTILHADAS NO GRUPO: PÁGINAS  
PÚBLICAS DO FACEBOOK**

<b>Nome da Página Pública do Facebook</b>	<b>N. de postagens</b>
Tribo Banto	23
Afridentidade	11
Coletividade Preta	9
História de Angola	9
Revista Raça	6
Conversa de preto/a para preto/a	4
Mulherismo Afrikana-Africana Womanism,de Clenora Hudson	4
Diáspora Veste	3
Dissecando o Racismo	3
GOG	3
Quebrando o Tabu	3
Somos assim	3
Afrikanos de Pensamentos Livre	2
BAD ANJO secret legion	2
Iconografia da História	2
Joacine Katar Moreira	2
O hipopótamo preto	2
Ponta de Lança	2
Sesc Ribeirão Preto	2
Zezé Motta	2
Afrika Kanda Ndombe History And News	1
Amazon Prime Video	1
Angola	1
Aparências Enganam	1
Basilio Muhate	1
BI Phakathi	1
Biblioteca AfroEscola	1
Bitável Tecnologia	1



Black Couple Revolution	1
Café Histórico	1
Caldeirão do Huck	1
Canal Brasil	1
Catarinas	1
CDT Criatividade	1
Cizinho AfreeKa	1
Clube da Marvel	1
Coletivo Preto Abélia	1
Erika Hilton	1
Fatos Desconhecidos	1
Félix Mutange Kongo	1
Flash News	1
Histórias Que Angola Não Conta	1
Jalika Cindy Tucker	1
Jornalistas Livres	1
Lapidando Pérolas e Diamantes Negros-Cloves Alves	1
Lei em Comento	1
Livenews48	1
Livraria Africanidades	1
LONGA YE Longoka Kikongo Online	1
Maju Coutinho	1
MC Soffia	1
Movimento Negro Unificado MNU RJ	1
Mulherismo Africano MDA	1
Na Identidade do Capoeira	1
Não votei no Bolsonaro	1
Negras Melodias 2.0	1
Negritude em cena	1
Nil Marcondes	1
Nino Assis	1
Notícia De Última Hora	1
ODDSbible	1

Pesquisa Fapesp	1
Povo Preto	1
Produto do Gueto	1
Quilombo Pedra do Sal	1
Radio Mystique Roots	1
Rainhas Trágicas - Mulheres, Guerreiras, Soberanas	1
Rede Nacional de Mulheres Negras no Combate a Violência	1
Sagrado Feminino e Masculino Angola	1
Site Mundo Negro	1
SOS Racismo - Margem Sul	1
Taís Araujo	1
Tchizé Dos Santos	1
ter.a.pia	1
UFC	1
União Libertária	1
Vitamina +	1

**APÊNDICE C – FONTES PÚBLICAS COMPARTILHADAS: OUTROS GRUPOS  
DO FACEBOOK**

<b>Outros grupos Facebook</b>	<b>N. de postagens</b>
Contaçon de Histórias - Contos Africanos para Brasileiros	2
História do Brasil	1
Arqueologia & História das Religiões	1
Contaçon de histórias - contos africanos	1
Africanos da Diáspora	1
Movimento Ubuntu Núcleo do Rangel	1
BOLSONARO VAI CAIR	1
©©© aprenda a pensar com Utal de Jose Doegipto ©©©	1

**APÊNDICE D - Composições das postagens do *corpus***

<b>Forma de composição</b>	<b>N. de postagens</b>
HT+IM+LI+TE	10
HT+IM+LI+TE+HT	1
HT+IM+LI+TE+LI	1
HT+IM+LI+TE+LI+HT	1
HT+LI+TE	2
HT+LI+TE+IM+LI+TE	1
HT+LI+TE+LI+TE	2
HT+TE	1
HT+TE+IM+LI+TE	1
HT+TE+LI+TE	3
IM+LI	3
IM+LI+HT+TE	1
IM+LI+TE	98
IM+LI+TE+HT	14
IM+LI+TE+HT+LI	1
IM+LI+TE+HT+TE+LI+HT	1
IM+LI+TE+LI	6
IM+LI+TE+LI+HT	7
IM+LI+TE+LI+HT+TE+HT+LI	1
IM+LI+TE+LI+TE	4
IM+LI+TE+LI+TE+HT	1
IM+LI+TE+LI+TE+LI+HT	1
IM+LI+TE+LI+TE+LI+TE+LI+TE+LI+TE+HT	1
IM+TE	3
IM+TE+LI	3
IM+TE+LI+HT	1
IM+TE+LI+TE	12
IM+TE+LI+TE+HT	4
IM+TE+LI+TE+LI	1
IM+TE+LI+TE+LI+TE	1
IM+TE+LI+TE+LI+TE+LI+TE+LI+TE+LI+HT	1

IM+VI+LI+TE	2
LI+IM	1
LI+IM+LI+TE	27
LI+IM+LI+TE+HT	3
LI+IM+LI+TE+HT+LI	1
LI+IM+LI+TE+LI+TE+LI+TE+LI+TE+HT	1
LI+IM+TE	1
LI+IM+TE+LI+TE	1
LI+TE	9
LI+TE+IM	1
LI+TE+IM+LI	1
LI+TE+IM+LI+TE	8
LI+TE+IM+LI+TE+HT	1
LI+TE+LI+IM	2
LI+TE+LI+IM+LI+TE	1
LI+TE+LI+TE	1
LI+VI+LI	1
LI+VI+LI+TE	4
TE+HT+IM	3
TE+HT+IM+TE+LI+TE	1
TE+HT+LI	1
TE+HT+TE+HT+IM	2
TE+HT+TE+IM	1
TE+HT+TE+IM+TE	1
TE+HT+TE+LI	1
TE+HT+VI	2
TE+IM	87
TE+IM+LI	84
TE+IM+LI+TE	32
TE+IM+LI+TE+HT	12
TE+IM+LI+TE+HT+TE	2
TE+IM+LI+TE+LI	4
TE+IM+LI+TE+LI+HT	1


TE+IM+LI+TE+LI+TE	1
TE+IM+LI+TE+LI+TE+LI+TE+LI+TE+HT	1
TE+IM+TE	10
TE+IM+TE+HT	1
TE+IM+TE+LI	1
TE+IM+TE+LI+TE	2
TE+IM+TE+LI+TE+LI	1
TE+IM+VI+LI+TE+HT	1
TE+LI	11
TE+LI+HT+IM	1
TE+LI+HT+IM+LI+TE+LI+HT	1
TE+LI+HT+IM+TE+LI+TE	1
TE+LI+HT+IM+TE+LI+TE+LI+HT	1
TE+LI+HT+TE	1
TE+LI+IM	3
TE+LI+IM+LI+TE	5
TE+LI+IM+LI+TE+HT+TE+LI	1
TE+LI+IM+LI+TE+LI	1
TE+LI+IM+VI+LI+TE+LI	1
TE+LI+TE	9
TE+LI+TE+HT	1
TE+LI+TE+HT+IM	1
TE+LI+TE+HT+TE+LI	1
TE+LI+TE+IM	2
TE+LI+TE+IM+LI+TE	4
TE+LI+TE+IM+LI+TE+LI	1
TE+LI+TE+IM+TE	1
TE+LI+TE+LI	1
TE+LI+TE+LI+HT	1
TE+LI+TE+LI+IM+LI+TE	3
TE+LI+TE+LI+TE+LI+TE+LI+TE	1
TE+LI+TE+VI	1
TE+LI+VI+LI+TE+LI	2


TE+LI+VI+LI+TE+LI+HT	1
TE+VI	12
TE+VI+LI	4
TE+VI+LI+HT+TE	1
TE+VI+LI+TE	20
TE+VI+LI+TE+HT	8
TE+VI+LI+TE+HT+TE+LI	2
TE+VI+LI+TE+LI+HT	2
TE+VI+LI+TE+LI+TE+LI+TE+LI+TE	1
VI+LI	10
VI+LI+HT+TE+LI+TE+HT	1
VI+LI+TE	39
VI+LI+TE+HT	6
VI+LI+TE+HT+TE	2
VI+LI+TE+LI	6
VI+LI+TE+LI+HT	2
VI+LI+TE+LI+TE	1


## ANEXO A – INTERAÇÕES DA PESQUISADORA NOS COMENTÁRIOS DA COMUNIDADE


A screenshot of a Facebook post from April 9th. The post features a 3x3 grid of images. The first eight images are portraits of Black men of various phenotypes, each with the word "NEGRO" written in white capital letters on a black bar at the bottom. The third image in the bottom row is a photograph of a brown paper shopping bag with the text "PARDO É PAPEL" printed on it in large, bold, black capital letters. The post is dated "9 de abril" and shows engagement metrics: "Você e outras 126 pessoas" (with like and love icons) and "70 comentários".






eu gosto de me classificar pardo e negro  
 Curtir · Responder · 28 sem 👍 1



o que eu posso fazer? Nada  
 Curtir · Responder · 28 sem 😬 3



Eu só comentei porque fiquei curioso pra saber o que tem de errado em se declarar pardo?  
 Curtir · Responder · 27 sem



**Sabrina Eufrásio**  
 Eu entendo que na imagem aí todos são negros. Porém sim alguns pretos e outros pardos.  
 Curtir · Responder · 27 sem 👍 1



Sabrina Clavé Eufrásio é sério?  
 Curtir · Responder · 27 sem


 Responda a Sabrina Eufrásio... 😊 📷 🗨️ 🗑️


**Sabrina Eufrásio**  
 Inclusive quando passamos pelas comissões de heteroidentificação há o preto e o pardo como tom de pele e ambos são negros. O que acham?  
 Curtir · Responder · 27 sem



Sabrina Clavé Eufrásio 🍌 perfeito  
 Curtir · Responder · 27 sem



Sabrina Clavé Eufrásio negros são pretos e pardos. Mas pretos e pardas não são a mesma coisa.  
 Curtir · Responder · 27 sem 👍 1



Sabrina Clavé Eufrásio heteroidentificação???  
 Curtir · Responder · 27 sem



 Responda a Sabrina Eufrásio... 😊 📷 🗨️ 🗑️




**Sabrina Eufrásio**  
 O processo de heteroidentificação é qdo em um concurso ou processo seletivo para universidades públicas uma das etapas é a verificação por uma comissão da autodeclaração racial prestada na inscrição.  
 Curtir · Responder · 27 sem 👍 😬 3



Sabrina Clavé Eufrásio eu n sabia disso  
 Curtir · Responder · 27 sem


Sabrina Clavé Eufrásio mas sendo essas instituições racistas, mesmo assim vale isso?  
 Curtir · Responder · 27 sem



Sabrina Clavé Eufrásio ou melhor, que legitimidade tem isso?  
 Curtir · Responder · 27 sem 👍 2

 **Sabrina Eufrásio**  
O processo de heteroidentificação É qdo em um concurso ou processo seletivo para universidades públicas uma das etapas é a verificação por uma comissão da autodeclaração racial prestada na inscrição.

Curtir · Responder · 27 sem   3


 **Sabrina Clavé Eufrásio** eu n sabia disso


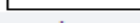
Curtir · Responder · 27 sem

 **Sabrina Clavé Eufrásio** mas sendo essas instituições racistas, mesmo assim vale isso?


Curtir · Responder · 27 sem

 **Sabrina Clavé Eufrásio** ou melhor, que legitimidade tem isso?

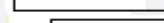

Curtir · Responder · 27 sem  2

  e meu irmao vamos espera a legitimida e sobra so esses ai com mentalidade q o sistema que






Curtir · Responder · 27 sem

 **Sabrina Eufrásio**  não entendi teu questionamento. Poderia ser mais específico?

Curtir · Responder · 27 sem





  a comissão de heteroidentificação é formada por pesquisadores que entendem sobre o tema de identidades negras, há pessoas brancas mas preferencialmente negras para que de fato nao tenha fraude no sistema

Curtir · Responder · 27 sem

 Responda a Sabrina Eufrásio...    

 Arrasou 🍌🍌🍌🍌

Curtir · Responder · 27 sem

 Responda a Miguel Ribeiro...    

  compartilhou uma publicação.  
26 de março · 🌐



 **Garoto do blog**  
@garotxdoblogofc

**GOSSIP**  
... no insta ...

Val Marchiori vence o processo que Ludmilla moveu contra ela. Val disse que o cabelo da cantora @ludmilla parecia "Bombril". A decisão do juiz foi "Liberdade de expressão e direito a crítica". A cantora terá que pagar honorários advocatícios á socialite.

26 de março · 🌐  
Defina racismo .  
\_ " Liberdade de expressão e direito a crítica. "

  Você e outras 176 pessoas 66 comentários


 Curtir  Comentar

 **Sabrina Eufrásio**  
O racismo e o preconceito já começa na foto! A foto da Lud, prá lá de sensualizada e a foto da Val comportada! Isso já diz muito!

[Curtir](#) · [Responder](#) · 29 sem 👍👎 4

 **Homem negro 1**  
Sabrina Clavé Eufrásio isso não diz nada, racismo é racismo até Ludimila nua, e essa pilantra com roupa longas, mulher é livre pra fazer e vestir o que bem quiser.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 29 sem

 **Sabrina Eufrásio**  
**Homem negro 1** Sim....eu digo neste contexto aí posto. Me parece que a ênfase dada para a mulher negra e a mulher branca, lado a lado nesta postagem/notícia estão bem distorcidas! Utilizando-se do infeliz pensamento colonial da erotização da mulher negra. Sim todas nós somos livres para usar o que quiser e sermos respeitadas por escolhas, mas aí neste contexto dado na postagem parece mais uma afirmação que a mulher branca, recatada e do lar tem seus direitos e nós mulheres negras nos ferramos na sociedade e perante o judiciário.


[Curtir](#) · [Responder](#) · 29 sem ❤️ 1

 **Homem negro 2**  
Sabrina Clavé Eufrásio Tudo está muito padronizado, pensam na mulher preta, pensam com corpão, bundão, boa de cama... homem preto?? Forte, com pegada e bom de cama, alto e aquilo grande...!!! Nada forma do normal!!

[Amei](#) · [Responder](#) · 29 sem ❤️ 1

 **Homem negro 2**  
Sabrina Clavé Eufrásio Colocaram sim essa imagem para mostrar "nossa olha como o corpo das negras são mais gostosos"

[Curtir](#) · [Responder](#) · 29 sem 👍 1

 **Homem negro 3**  
Sabrina Clavé Eufrásio Concordo! Acho que essa foto não combina com a notícia

[Curtir](#) · [Responder](#) · 29 sem 👍 1

 Responda a  😊 📷 📧 🗨️

 **Homem negro 2**  
EU IRIA DIZER ISSO...Mas sabe quando você sente que os "homens" irão começar a problematizar minha fala?? Igual está e vai acontecer com você HAHAH

[Amei](#) · [Responder](#) · 29 sem ❤️ 1